



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA E CONTABILIDADE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO E CONTROLADORIA

THALITA SILVA CALÍOPE

**SUSTENTABILIDADE NA MODA: ENTRE AS PRÁTICAS DE VESTIR E O
REGIME SOCIOTÉCNICO DA INDÚSTRIA DA MODA – UM ESTUDO SOBRE
TRANSIÇÕES**

FORTALEZA

2021

THALITA SILVA CALÍOPE

**SUSTENTABILIDADE NA MODA: ENTRE AS PRÁTICAS DE VESTIR E O
REGIME SOCIOTÉCNICO DA INDÚSTRIA DA MODA – UM ESTUDO SOBRE
TRANSIÇÕES**

Tese submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Administração e Controladoria da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Administração e Controladoria. Área de concentração: Organizações, Estratégia e Sustentabilidade.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Lázaro da Silva Filho

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C158s Caliope, Thalita Silva.
SUSTENTABILIDADE NA MODA: ENTRE AS PRÁTICAS DE VESTIR E O REGIME
SOCIOTÉCNICO DA INDÚSTRIA DA MODA – UM ESTUDO SOBRE TRANSIÇÕES / Thalita Silva
Caliope. – 2021.
117 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária,
Contabilidade, Programa de Pós-Graduação em Administração e Controladoria, Fortaleza, 2021.
Orientação: Prof. Dr. José Carlos Lázaro da Silva Filho .

1. Sustentabilidade. 2. Práticas de vestir. 3. Regime sociotécnico da moda. 4. Sustentabilidade. 5.
Moda. I. Título.

CDD 658

THALITA SILVA CALÍOPE

**SUSTENTABILIDADE NA MODA: ENTRE AS PRÁTICAS DE VESTIR E O
REGIME SOCIOTÉCNICO DA INDÚSTRIA DA MODA – UM ESTUDO SOBRE
TRANSIÇÕES**

Tese submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Administração e Controladoria da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Administração e Controladoria. Área de concentração: Organizações, Estratégia e Sustentabilidade.

Aprovada em: 24/09/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Carlos Lázaro da Silva Filho (Orientador)
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Aurio Lúcio Leocádio
Universidade Federal do Ceará

Profa Dra. Tereza Cristina Batista de Lima
Universidade Federal do Ceará

Profa. Dra. Marina Dantas de Figueiredo
Universidade de Fortaleza

Prof. Dr. Samuel Façanha Câmara
Universidade Estadual do Ceará

A Azul Calíope.

AGRADECIMENTOS

Afortunada. Não lembro a primeira vez que ouvi essa palavra, mas, nesse momento, é assim que me sinto. Cheia de sorte e abençoada por ter chegado até aqui em meio a tantos percalços, em um país desigual e sendo mulher e mãe solo. Sou grata por isso e por, finalmente poder encerrar este ciclo, que foi interrompido por tantos outros. Parece que eu vivi 3 vidas nesses últimos anos e ao mesmo tempo que eu não vivi nem metade de tudo o que eu poderia ter vivido. Que alívio finalmente estar aqui e ter sobrevivido a tudo que esse período significou. Minha gratidão a todos os que me acompanharam desde antes disso tudo e aos que atravessaram minha jornada e permaneceram comigo. Aos que me ouviram e me acolheram quando eu precisei. Aos que se fizeram presentes, mesmo distantes. À vidinha que gerei, gestei e pari e que me trouxe uma nova percepção do que é ser gente. Aos que me receberam em suas casas e compartilharam comigo suas rotinas ordinárias de aquisição e cuidado com suas roupas. À Universidade, com seus prédios rosados, mangueiras e banquinhos, que por 13 anos também foi minha casa. Aos professores da banca por se disporem a contribuir com este trabalho. Ao meu orientador por ter paciência comigo, pelas oportunidades de vivências e aprendizado e por acreditar em mim, mesmo quando eu não acreditei. Ao Deus que me manteve viva e não me deixou desistir.

“As roupas não vão mudar o mundo; as
mulheres que as vestem vão” – Anne Klein

RESUMO

A moda distingue-se, atualmente, pela rapidez e pela busca constante pela novidade. Essas características representam também a *fast fashion* - o modelo de negócio mais difundido nessa indústria, que promove novas coleções em prazos curtíssimos, a preços muito baixos, com qualidade e origem questionáveis e que tem gerado problemas ambientais, sociais e econômicos. Diante desse cenário marcado pela insustentabilidade, surge a *slow fashion* como uma alternativa para tornar tanto os processos produtivos quanto o consumo mais lentos, enfatizando qualidade e justiça ambiental e social. Assim, o objetivo desta tese é caracterizar o processo de transição para sustentabilidade na moda. Essa transição pode ser analisada sob duas lentes teóricas: perspectiva multinível e teoria de práticas. A perspectiva multinível distingue três níveis analíticos (nicho, regime e paisagem) e possibilita uma visão geral de transições e mudanças de regimes, que acontecem quando os níveis interagem. Na teoria de práticas, por sua vez, a prática, que é o fluxo das atividades rotineiras, é a unidade de análise e procura compreender como acontecem mudanças nas práticas. Para alcançar o objetivo proposto, este trabalho é composto por três artigos científicos. O primeiro artigo é um ensaio teórico cujo objetivo é integrar perspectiva multinível e teoria de prática para compreender a transição para a sustentabilidade na moda. O segundo pretende caracterizar a *slow fashion* no âmbito do sistema sociotécnico da moda para entender a transição para a sustentabilidade. O terceiro, e último, almeja compreender a sustentabilidade na prática de vestir, considerando como e se os elementos da *slow fashion* são aplicados no cotidiano. A partir desses estudos, conclui-se que uma transição para a sustentabilidade na moda está em curso, contudo esse é um processo lento e incompleto dada a complexidade e capilaridade do sistema da moda.

Palavras-chave: Moda. Sustentabilidade. *Slow fashion*. Práticas de vestir. Regime sociotécnico da moda.

ABSTRACT

Fashion is currently distinguished by its speed and constant search for novelty. These characteristics also represent fast fashion - the most widespread business model in this industry, which promotes new collections in very short terms, at very low prices, with questionable quality and origin, and which has generated environmental, social and economic problems. Faced with this scenario marked by unsustainability, slow fashion emerges as an alternative to slow down both production processes and consumption, emphasizing quality and environmental and social justice. Thus, the objective of this thesis is to highlight the transition process to sustainability in fashion. This transition can be analyzed under two theoretical lenses: multilevel perspective and practice theory. The multilevel perspective distinguishes three analytic levels (niche, regime, and landscape) and provides an overview of regime transitions and changes that happen when the levels interact. In the theory of practices, in turn, practice, which is the flow of routine activities, is the unit of analysis and seeks to understand how changes in practices take place. To achieve the proposed objective, this work is composed of three scientific articles. The first article is a theoretical essay whose aim is to integrate multilevel perspective and practical theory to understand the transition to sustainability in fashion. The second intends to characterize slow fashion within the scope of the socio-technical fashion system in order to understand the transition to sustainability. The third and last aims to understand sustainability in the practice of dressing, considering how and if slow fashion elements are applied in everyday life. From these studies, it is concluded that a transition to sustainability in fashion is underway, however this is a slow and incomplete process given the complexity and capillarity of the fashion system.

Keywords: Fashion. Sustainability. Slow fashion. Theory of practices. Multilevel perspective.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A dinâmica da perspectiva multinível em sistemas de inovações.....	27
Figura 2 – Mapa do setor de têxteis de confecção.....	41
Figura 3 – Múltiplos níveis como uma hierarquia aninhada.....	47
Figura 4 – A dinâmica da perspectiva multinível em sistemas de inovações.....	48
Figura 5 – O sistema da moda.....	54
Figura 6 – A dinâmica da perspectiva multinível na transição para a sustentabilidade no sistema da modas.....	54
Figura 7 – Interpretação do contexto: as práticas e a roupa.....	77

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Práticas relacionadas à <i>slow fashion</i>	66
Quadro 2 – Perfil dos entrevistados.....	78

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Contextualização	12
1.2 Objetivos	17
1.2.1 Objetivo geral	17
1.2.2 Objetivos específicos	17
1.3 Estrutura do trabalho	18
2 FROM FAST TO SLOW: TRANSIÇÕES PARA A SUSTENTABILIDADE NA MODA – UM ENSAIO TEÓRICO	19
2.1 Introdução	19
2.2 <i>Fast fashion versus slow fashion</i>	21
2.3 Perspectiva multinível	21
2.4 Teoria de práticas e consumo	28
2.5 Interseções entre perspectiva multinível e teoria de práticas	33
2.6 Transições para a sustentabilidade na moda	35
2.7 Considerações finais	37
3 A INDÚSTRIA DA MODA COMO UM REGIME SOCIOTÉCNICO EM TRANSFORMAÇÃO?	38
3.1 Introdução	38
3.2 A indústria da moda	40
3.3 A insustentabilidade do regime da moda – <i>fast fashion</i>	42
3.3 Perspectiva multinível	44
3.4.1 A relação entre os níveis	46
3.4.2 Transições na perspectiva multinível	50
3.5 Método	52
3.6 O sistema da moda	53
3.6.1 A paisagem	535
3.6.2 O regime	537
3.6.3 O nicho	539
3.7 Considerações finais	60
4 “COMPRE MENOS, ESCOLHA MELHOR E FAÇA DURAR”: A SUSTENTABILIDADE NA PRÁTICA DE VESTIR	62

4.1	Introdução	62
4.2	<i>Slow fashion</i> como alternativa para a sustentabilidade na moda	64
4.3	Teoria de Práticas	67
4.3.1	As práticas e a mudança	68
4.3.2	Hábitos e rotinas	70
4.3.3	As práticas e o tempo	70
4.3.4	Teorias de prática e consumo	71
4.3.5	Teorias de prática e consumo sustentável.....	74
4.4	A prática de vestir.....	75
4.5	Método.....	77
4.6	Resultados	78
4.6.1	<i>Observações sobre a prática de vestir em Berlim</i>	78
4.6.2	<i>Práticas de vestir</i>	80
4.6.2.1	<i>Prática 1: gerenciar o guarda-roupa</i>	81
4.6.2.2	<i>Prática 2: descarte de roupas</i>	84
4.6.2.3	<i>Prática 3: reutilizar roupas de segunda mão</i>	85
4.6.2.4	<i>Prática 4: pegar roupas emprestadas ou alugar roupas</i>	87
4.6.2.5	<i>Prática 5: trocar roupas</i>	89
4.6.2.6	<i>Prática 6: reciclar roupas e comprar roupas recicladas</i>	85
4.6.2.7	<i>Prática 7: manutenção e cuidados com a roupa</i>	85
4.7	Análise dos resultados	93
4.8	Considerações finais	94
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
	REFERÊNCIAS.....	98
	ANEXO A.....	113

1 INTRODUÇÃO

Nesta introdução, apresenta-se a contextualização da pesquisa, expondo conceitos centrais como moda, *fast fashion*, *slow fashion*, transições para sustentabilidade, perspectiva multinível e teorias de prática, bem como a justificativa para a realização deste trabalho. Expõem-se ainda o problema de pesquisa, os objetivos, geral e específicos, e a estrutura do trabalho.

1.1 Contextualização

A moda é reconhecida e defendida como um fenômeno comportamental complexo (SPROLES, 1974). Pesendorfer (1995) a define como um processo que identifica certos produtos ou comportamentos como dentro de um padrão, por um período limitado e que são substituídos com regularidade por novos produtos e comportamentos.

Como Godart (2010) anuncia, é possível compreendê-la de dois modos: como mudança social que se mostra em múltiplos aspectos da vida social e como indústria do vestuário. Calanca (2008) explica que historicamente a moda exprimiu-se mais claramente na esfera das roupas e do modo de vestir. Isso acontece por causa do valor econômico e das funções sociais que o consumo de roupas tem na vida das pessoas (O'CASS, 2004). Assim, por se viver em uma sociedade orientada para o material, a posse de coisas materiais, como o vestuário, é valorizada (JOUNG, 2013).

O modelo vigente da indústria do vestuário é o *fast fashion*, que se distingue por ciclos rápidos e curtos, natureza contínua e periódica, enorme variedade e demanda volátil (NIINIMÄKI; HASSI, 2011; SEN, 2008). Contudo, essa configuração, consoante Niinimäki e Hassi (2011) e Pedersen, Gwozdz e Hvass (2016), com uso extensivo de recursos, ciclos de vida curtos, excesso de consumo e crescente volume de resíduos gera muitos impactos negativos. Os problemas sociais, culturais e ambientais tornam essa indústria insustentável (CRAIK, 2015; KOZLOWSKI, 2013).

Por isso, Kozlowski, Searcy e Bardecki (2018) defendem que são necessárias ferramentas para facilitar a transição para um sistema de moda mais sustentável. A *slow fashion* surge como uma alternativa. Fletcher (2010) anuncia que a *slow fashion* é uma oportunidade para começar a se engajar melhor com questões de nível de sistema no setor da

moda a fim de iniciar uma transição em direção à sustentabilidade. Porém, para que essa transição aconteça é preciso que indústria, governo, sociedade civil e consumidores desempenhem um papel ativo (WATSON *et al.*, 2012).

As transições para a sustentabilidade são processos de transformação de longo prazo, multidimensionais e fundamentais através dos quais sistemas sociotécnicos estabelecidos se deslocam para modos de produção e consumo mais sustentáveis (MARKARD; RAVEN; TRUFFER, 2012). Embora existam várias abordagens para estudar as transições para a sustentabilidade, nesta pesquisa são utilizadas duas: a perspectiva multinível (Multi Level Perspective - MLP) e a lente das práticas sociais (DOYLE, DAVIES, 2013; GEELS, 2011; MCMEEKIN; SOUTHERTON, 2013; RECKWITZ, 2002; RØPKE, 2009; SHOVE; WALKER, 2010; WARDE, 2005).

Como a compreensão da transição para a sustentabilidade na moda abrange uma série de tópicos e nenhuma dessas abordagens isoladamente é capaz de prover a visão do todo, elas foram escolhidas para se complementarem, a despeito de suas diferenças. Mcmeekin e Southerton (2012) atestam que a perspectiva multinível enfatiza produtores e o desenvolvimento e implementação de inovações. Por outro lado, Røpke (2009) destaca o uso das teorias de práticas no estudo das práticas sociais relativas ao consumo sustentável para a transição. Isto converge com a identificação de Wieczorek (2018) de que links com outras teorias e disciplinas têm sido muito utilizados para preencher as lacunas e lidar com as deficiências das abordagens de transição.

Ao apresentarem uma revisão extensa e uma agenda de pesquisa atualizada para o campo das transições sustentáveis, Köhler *et al.* (2019) explicam que ainda existe uma lacuna ao observarem que, embora seja importante compreender a transformação em toda a cadeia de produção e consumo, o interesse pelo consumo e pela vida quotidiana manteve-se relativamente marginal nas conferências e publicações sobre transições. Além disso, apesar de existir o apelo pela integração entre as teorias de prática e a MLP, as teorias de prática ainda são restritas às práticas cotidianas dos sistemas sociotécnicos mais amplos que as atendem.

Por sua vez, Zolfagharian, Walrave, Raven e Romme (2019), ao refletirem como são estudados os problemas de transição, constataram que não há uma lista acordada de campos que constituem estudos de transição e os pesquisadores de transição têm se baseado em percepções de muitas áreas diferentes, como resultado há o progresso na encruzilhada de

muitos campos diferentes, em particular no que diz respeito às questões relacionadas ao desenvolvimento sustentável.

A perspectiva multinível foi desenvolvida para assimilar transições e mudanças de regime, fornecendo uma visão geral da complexidade multidimensional das mudanças nos sistemas sociotécnicos (GEELS, 2010; GEELS; KEMP, 2007). Para Geels (2010), a perspectiva multinível distingue três níveis analíticos: nichos, que são *locus* para inovações radicais; regimes, que tratam das rotinas cognitivas partilhadas pelos membros de uma comunidade técnica; e paisagem, referente aos aspectos da tecnologia no ambiente exógeno. Esses níveis referem-se a configurações heterogêneas de estabilidade crescente.

As transições ocorrem por meio de interações entre os níveis: inovações de nicho acumulam impulso interno, por meio de processos de aprendizagem, melhorias de preço, desempenho e suporte de grupos poderosos; mudanças no nível da paisagem criam pressão sobre o regime; e a desestabilização do regime cria janelas de oportunidade para inovações de nicho (GEELS; SCHOT, 2007).

Destaca-se que os nichos são importantes por fornecerem locais para processos de aprendizagem, onde é possível se desviar das regras no regime existente, embora as novidades sejam orientadas para os problemas do regime; e espaço para construir as redes sociais que suportam as inovações, permitindo que surjam sementes para a mudança (GEELS, 2002, 2004). Os nichos formam o micronível onde emergem novidades radicais, que são inicialmente configurações sociotécnicas instáveis com baixo desempenho (GEELS; SCHOT, 2007). As transições se iniciam nos nichos, inclusive as transições para a sustentabilidade.

O sistema sociotécnico da moda, que envolve produção, distribuição e consumo de roupas, é composto por fornecedores, fábricas, universidades, centros de pesquisa, regulações governamentais, organização do trabalho, práticas dos usuários, infraestrutura de energia, infraestrutura de água, significados culturais e simbólicos, infraestrutura para distribuição e tecnologia. Esse sistema sociotécnico interage com outros sistemas, como o da agricultura e o da química. O regime, que representa, por exemplo, crenças, rotinas, normas e padrões de fazer algo, a lógica *mainstream* é a da *fast fashion*.

Porém, há iniciativas, como a *slow fashion*, no nicho que tentam romper as barreiras do regime, como pequenas empresas ou organizações não-governamentais. Há também pressão da paisagem, como a mudança de valores nesse sistema, influenciada, por exemplo, pelas denúncias de trabalho análogo à escravidão e, na ótica de Burke (2013), pelo acidente na

fábrica de roupas Rana Plaza, em 2013, em Bangladesh. A tensão promovida pelo nicho e pela paisagem podem desestabilizar o regime e oferecer a chance de transição da *fast fashion* para a *slow fashion*.

Essa abordagem geralmente é um modelo global que mapeia todo o processo de transição, por esse motivo costuma dar menos atenção aos atores (GEELS; SCHOT, 2007), como os consumidores e usuários, sendo necessário o uso da teoria de práticas para melhor compreender como acontecem as alterações para práticas sustentáveis.

Além disso, apesar de propor claramente três níveis, a MLP tem seu foco central nos regimes, sendo o micronível dos nichos pouco trabalhado ou explorado por abordagens focadas no nicho. Neste trabalho opta-se por focar o micro nível com uma outra abordagem, entendida como complementar, vide autores como Hargreaves *et al.* (2011) e Southerton e Watson (2015), as lentes das práticas sociais. Assim como a MLP, as lentes das práticas tem sido uma base teórica para entender o processo societal de transição para a sustentabilidade (BROWNE *et al.*, 2014; MCMEEKIN; SOUTHERTON, 2012).

Uma prática é definida por Reckwitz (2002, p. 250) como “uma forma rotinizada de mover corpos, manipular objetos, tratar assuntos, descrever coisas e compreender o mundo”. Schatzki (1996) identifica duas noções de prática: como entidade e como performance. A primeira noção é a prática como um nexo de fazeres e dizeres. O segundo sentido, prática como performance, refere-se à realização ou execução das práticas como entidades.

As práticas são entidades coordenadas, mas também exigem performance para sua existência e uma performance pressupõe uma prática (WARDE, 2005). Conforme Jaeger-Erben e Offenberger (2014), as práticas como entidades e como performances abordam dois lados de uma mesma moeda: enquanto uma demanda aspectos estruturais, de longo prazo e estáveis; a outra postula a reprodução do dia-a-dia na condução da vida cotidiana; e ambos os lados se co-constituem.

Halkier (2017) define as práticas como os fluxos de atividades coordenados por uma configuração de entendimentos, procedimentos e compromissos, e esses fluxos são continuamente realizados, re-feitos e levemente diferentes. Elas são atividades rotineiras, como tomar banho, cozinhar e lavar roupa, e são socialmente realizadas, construídas e sustentadas por praticantes que ao se envolverem nelas as normalizam e sustentam (AXSEN, 2012; KUIJER; JONG, 2009). Ademais, de acordo com Shove e Pantzar (2005), as práticas abrangem a integração de materiais, significados e habilidades. Os artefatos não têm valor por

si só, apenas quando incorporados na prática e aliados às habilidades e aos significados, de modo que as práticas são formadas por esses elementos.

A teoria de práticas tem se desenvolvido no campo dos estudos de consumo, especialmente, do consumo sustentável (BROWNE *et al.*, 2016; DOYLE; DAVIES, 2013; GRAM-HANSSSEN, 2010; JAEGER-ERBEN; OFFENBERGER, 2014).

Apesar do recente interesse na diversidade, riqueza e complexidade do cotidiano, as práticas de vestir ainda não foram alcançadas; mesmo nos estudos sobre moda o foco tende a ser em como as tendências emergem ao invés da discussão reflexiva sobre o que e como as pessoas se vestem e qual o tipo de papel que o sistema de moda desempenha nessas práticas (SKJOLD; 2016). Sant'anna (2014) diz que o vestuário proporciona o exercício da moda. Fletcher (2012), no entanto, vai além. Para ela, se a moda é relevante para o seu tempo e contexto, então a ação social, ou seja, a prática de vestir, também moldará a moda. Isso fica evidente especialmente quando o *street style*, isto é, a forma como as roupas são vestidas nas ruas, invade as passarelas.

Com base nisso, reflete-se sobre como a moda pode se tornar mais sustentável por meio da incorporação da *slow fashion* nas práticas de vestir. Para isso, é necessário fazer algumas considerações. Primeiro, em geral, as pessoas mudam seu jeito de se vestir quando há alterações em suas vidas, como, por exemplo, entrar no mercado de trabalho ou encontrar um parceiro (SKJOLD, 2016); ou em períodos de instabilidade ou crise, que resultam em compras conservadoras, com o retorno aos valores mais sólidos, ao classicismo e ao conformismo (JONES, 2005; VICENTE-RICHARD, 1989). Aqui, cabe questionar por que as pessoas vestem o que vestem e quais “eventos” fazem com que os elementos da prática mudem.

Outro ponto, consoante Crane (2013), é que a moda contribui para redefinir identidades sociais ao atribuir novos significados aos artefatos. Nesse sentido, indaga-se como significados, artefatos e habilidades interagem entre si e formam as práticas de vestir. E, por último, as práticas de vestir estão ligadas a outras práticas como lavar e engomar (MOON *et al.*, 2013) e a durabilidade de uma roupa pode ser promovida através das práticas de uso (FLETCHER, 2012). Assim, deve-se interpelar as relações das práticas de vestir com outras práticas e a relação do cuidado com as roupas com as práticas de vestir.

Postas essas observações, sublinha-se que, quando se fala em transição para a sustentabilidade sob a ótica das teorias de práticas, não se espera que os praticantes se vistam de maneira diferente. Como Warde (2016) expõe, o elemento visível da prática não muda.

Parafraseando esse autor, a prática de vestir, assim como a de comer, é um composto de práticas. Isso quer dizer que ela não opera isoladamente e que é formada pela articulação de diferentes práticas, incluindo como as roupas (material) são escolhidas (significado), adquiridas, mantidas e descartadas e também tudo o que vem antes disso em toda a cadeia produtiva da roupa.

Nesse sentido, ainda seguindo a lógica que Warde (2016) usou para falar sobre a prática de comer, talvez o movimento *slow fashion* possa ser considerado uma tentativa de enquadrar os componentes constituintes em uma prática composta coerente de vestir, posto que tenta influenciar a oferta e as técnicas e os ritmos temporais de produção do vestuário à luz de uma justificativa intelectual para a reforma dos hábitos associados ao *fast fashion*.

Diante das lacunas de estudo em relação à integração entre as teorias de prática e a perspectiva multinível, ao interesse pelo consumo e pela vida quotidiana e ao sistema da moda, neste trabalho se propõe usar a perspectiva multinível e as lentes das práticas sociais complementarmente para entender o processo de transição para sustentabilidade no sistema (regime) da indústria da moda (campo). Desta forma tem-se como problema de pesquisa entender configurações possíveis do processo de transição para a sustentabilidade no campo da moda. A partir do exposto, sugere-se a seguinte pergunta de pesquisa: como se configura o processo de transição para a sustentabilidade na moda?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Caracterizar o processo de transição para a sustentabilidade na moda.

1.2.2 Objetivos específicos

- (i) Identificar como a perspectiva multinível e a teoria de práticas podem ser alinhadas para analisar as transições para a sustentabilidade na moda.
- (ii) Descrever o sistema sociotécnico da moda, analisando uma possível transição para a sustentabilidade.
- (iii) Compreender a sustentabilidade na prática de vestir.

1.3 Estrutura do trabalho

Esta tese de doutorado assumirá a estrutura de três artigos acadêmicos. Assim, além desta introdução, é formada pelas seções dois, três e quatro que são constituídas, cada uma, por um artigo científico; em seguida há a seção de considerações finais, com a análise da convergência dos artigos frente a questão de pesquisa; e, por último, as referências.

O primeiro artigo, buscando atender o objetivo específico um, é um ensaio teórico sobre a possível integração da perspectiva multinível e a teoria de práticas, muitas vezes vista como epistemologicamente divergentes.

O segundo artigo, almejando responder o segundo objetivo específico, concentra-se na descrição do sistema sociotécnico da moda para entender a transição para a sustentabilidade.

O terceiro artigo, com o intuito de atingir o terceiro objetivo específico, foca na compreensão da transição para a *slow fashion* na prática de vestir. Especificamente, tentará identificar materiais, significados e habilidades nas práticas de aquisição, limpeza e manutenção das roupas.

2 FROM FAST TO SLOW: TRANSIÇÕES PARA A SUSTENTABILIDADE NA MODA – UM ENSAIO TEÓRICO¹

Nesta seção, o primeiro artigo, que é um ensaio teórico, é exposto, sendo composto por sete partes: introdução, onde é feita uma breve contextualização e é mostrado o objetivo do trabalho; em seguida uma seção sobre a perspectiva multinível, outra sobre a teoria de práticas e uma outra sobre as intersecções entre ambas; então tem-se uma parte sobre a *fast fashion versus slow fashion* e outra sobre as transições para a sustentabilidade na moda; e, por último, as considerações finais.

2.1 Introdução

A moda é reconhecida por mudanças rápidas e constantes, e essas transformações se destacam no *fast fashion*, o modelo de negócio que promove roupas baratas, seguindo as últimas tendências e de baixa qualidade e o consumo baseado no comprar, usar e descartar. Dessa forma, as roupas chegam ao fim de suas vidas cada vez mais rápido, tornando-se obsoletas e causando diversos problemas ambientais. Nessa perspectiva, a moda sustentável é uma questão paradoxal, pois a moda é baseada no consumo, na mudança e no desperdício. No entanto, Pookulangara e Shephard (2013) argumentam que há o crescimento de um novo movimento: a *slow fashion*, que busca mitigar o ciclo de vida da moda combinando produção e consumo lento, para que as roupas durem mais (JUNG; JIN, 2014; NIINIMÄKI; HASSI, 2011).

Kozłowski, Searcy e Bardecki (2018) argumentam que são necessárias ferramentas para facilitar a transição para um sistema de moda mais sustentável. A *slow fashion* é uma alternativa a isso. Fletcher (2010) anuncia que a *slow fashion* é uma oportunidade para começar a se envolver com questões de nível de sistema na indústria da moda para iniciar uma transição em direção à sustentabilidade.

A moda e a indústria têxtil constituem uma cadeia relevante e a compreensão dos seus processos dinâmicos de (re)inovação constante pode permitir-lhes desenvolver estratégias que

¹ A primeira versão deste artigo foi submetida e aprovada no 9th International Sustainability Transitions Conference em 2018, em Manchester.

umentem a sua contribuição para a transição para uma sociedade mais sustentável. Essa transição representa a transformação de sistemas sociotécnicos com produção e consumo mais sustentáveis. Duas abordagens têm se destacado no estudo das transições.

A primeira é a perspectiva multinível (MLP), que foi desenvolvida para compreender as transições de regime, fornecendo uma visão geral da complexidade multidimensional das mudanças nos sistemas sociotécnicos (GEELS, 2010; GEELS; KEMP, 2007). Para Geels (2002, 2010), a MLP distingue três níveis: nichos (locus para inovações radicais); regimes (referem-se a rotinas cognitivas compartilhadas por membros de uma comunidade técnica); e paisagem (referindo-se a aspectos de tecnologia no ambiente exógeno). Geels e Schot (2007) argumentam que as transições ocorrem por meio de interações entre níveis.

Ressalta-se que os nichos são importantes porque proporcionam lugares para processos de aprendizagem, permitindo desviar-se das regras do regime, e espaço para construir redes sociais que apoiem inovações, permitindo que surjam sementes para a mudança (Geels, 2002, 2004). É nos nichos que começam as transições. Assim, sob a ótica da perspectiva multinível, propõe-se, assim como Sierra (2021), que a *fast fashion* representa o regime da moda, apesar das constantes mudanças de tendências, há uma demanda da própria rede para que a velocidade de produção e consumo se mantenha. Nos nichos, há iniciativas como *slow fashion* que tentam influenciar o regime e a paisagem.

A perspectiva multinível é um modelo que mapeia a transição (GEELS; SCHOT, 2007), por isso costuma dar menos atenção ao processo de consumo (BILALI, 2019; KÖHLER *et al.*, 2019). Assim, entende-se que é necessária outra abordagem, neste caso, a teoria das práticas. Halkier e Jensen (2011) argumentam que é uma abordagem útil para analisar as complexidades do consumo e como ele está incorporado nas relações entre reprodução social e mudança. Do ponto de vista de uma ampla gama de teorias de práticas, as pessoas estão envolvidas em práticas, ou seja, em ações, portanto, são praticantes envolvidos em práticas cotidianas e não consumidores (RØPKE, 2009).

A teoria das práticas aplicada ao consumo enfoca o que as pessoas “fazem” e vê padrões de consumo integrados à ordem social das práticas (EVANS; MCMEEKIN; SOUTHERTON, 2012). Warde (2005) argumenta que o consumo é um momento em quase todas as práticas. Desse modo, para Hargreaves (2011), o foco não é sobre as atitudes, comportamentos e escolhas dos indivíduos, mas como as práticas são formadas, reproduzidas, mantidas, estabilizadas, desafiadas e mortas. Na teoria das práticas, novas práticas de vestir

podem emergir dos elementos da *slow fashion*. Assim, questiona-se como essas práticas surgem e se reproduzem e como isso afeta o consumo de roupas.

O objetivo é identificar como a perspectiva multinível e a teoria de práticas podem ser alinhadas para analisar as transições para a sustentabilidade na moda. Para tanto, este artigo está organizado em seis seções: esta introdução; uma seção sobre a perspectiva multinível; depois um sobre a teoria das práticas; a quarta seção trata das interseções entre a perspectiva multinível e a teoria das práticas; seguindo, *fast fashion* versus *slow fashion*; a próxima seção é sobre transições para a moda sustentável; por fim, propõem-se algumas considerações finais.

2.2 *Fast fashion versus slow fashion*

A indústria do vestuário, para Niinimäki e Hassi (2011) e Sen (2008), é caracterizada por ciclos rápidos e curtos, apresentando natureza contínua e periódica, enorme variedade e demanda volátil e imprevisível, em que as pessoas são atraídas pelo estilo vigente. Isso é o que melhor representa a *fast fashion*, fenômeno que revolucionou a indústria da moda e é o modelo de negócio mais conhecido graças ao desempenho no mercado global nos últimos anos (GABRIELLI; BAGHI; CODELUPPI, 2013; MCNEILL; MOORE, 2015). Kim, Choo e Yoon (2013) destacam que esse sistema se diferencia pela ausência de vínculos com um único estilista ou um lugar específico, pertencendo à cultura global de moda.

A *fast fashion* combina dois componentes: curto prazo de produção e distribuição e produtos que seguem as últimas tendências da moda (CACHON; SWINNEY, 2011). Outrossim, como Ekström e Salomonson (2014) explanam, distingue-se por oferecer edições limitadas e preços baixos. Nesse modelo, as decisões sobre fornecedores e compras devem ser tomadas rapidamente e as inovações introduzidas nas lojas o quanto antes, o que só é possível porquanto as cadeias de abastecimento são ágeis (BRUCE; DALY, 2006; PAYNE, 2011). Bruce e Daly (2006) também salientam que os consumidores esperam mudanças constantes e, portanto, novos produtos têm que estar disponíveis com frequência.

Bly, Gwozdz e Reisch (2015) e Law, Zhang e Leung (2004) pontuam que o consumo excessivo e constante é influenciado pela ideia de obsolescência, que se tornou proeminente com a *fast fashion*. As contínuas mudanças da moda colaboram para o crescimento de vestuários descartados, uma vez que há o estímulo ao consumo e as roupas de *fast fashion* são

baratas e, por isso, percebidas pelos consumidores como descartáveis, ocasionando toneladas de resíduos (EKSTRÖM; SALOMONSON, 2014; JOUNG; PARK-POAPS, 2013; PAYNE, 2011; POOKULANGARA; SHEPHARD, 2013).

Essa configuração da indústria da moda, consoante Niinimäki e Hassi (2011) e Pedersen, Gwozdz e Hvass (2016), com uso extensivo de recursos, ciclos de vida curtos, excesso de consumo e crescente volume de resíduos gera muitos impactos negativos. Os galopantes problemas sociais, culturais e ambientais tornam essa indústria insustentável (CRAIK, 2015; KOZLOWSKI, 2013).

Com base nisso, os estudos sobre *fast fashion* são divididos em duas abordagens: uma orientada para produtores e outra voltada para consumidores (GABRIELLI; BAGHI; CODELUPPI, 2013). Em conformidade com Boström e Micheletti (2016), no lado da oferta, há consideráveis desafios de governança, considerando a variedade de atores e contextos nacionais envolvidos. No lado da demanda, os consumidores se distanciam cada vez mais dos contextos de produção de têxteis e vestuário, o que significa que são necessários mais esforços para informar e envolver o público sobre os impactos de suas práticas de consumo para a sustentabilidade.

Os desafios da sustentabilidade na indústria da moda estão profundamente enraizados nos modelos de negócios e padrões de consumo da *fast fashion*, tanto que um dos maiores obstáculos para a sustentabilidade é a velocidade do ciclo de vida do vestuário (PAYNE, 2011; PEDERSEN; ANDERSEN, 2015). Há muitas barreiras contra a sustentabilidade, que dificultam o desenvolvimento de um sistema de moda sustentável, sendo algumas macro-orientadas, como a globalização; enquanto outras são micro-orientadas como as atitudes, os comportamentos e as preocupações com estética dos consumidores (ERTEKIN; ATIK, 2015). Embora a moda não seja a única indústria lutando contra problemas sociais e ambientais, seus desafios dependem, em grande parte, das características desse setor (PEDERSEN; ANDERSEN, 2015). Boström e Micheletti (2016) explicam que a indústria têxtil e de vestuário é uma das mais poluentes do mundo e que torná-la sustentável envolve vários tópicos inter-relacionados e complicados.

Uma abordagem coerente com a necessidade de alteração do cenário atual da moda é a *slow fashion*, que versa uma variedade de assuntos relacionados à produção e ao consumo de vestuário (VINCENT, 2017). Em contraste com a *fast fashion*, que é orientada para a quantidade, a *slow fashion* enfatiza a qualidade através de um ciclo de produção e consumo

mais lento (JUNG; JIN, 2016). O movimento *slow fashion* surgiu como uma resposta aos ciclos de *fast fashion* e ao crescimento insustentável da indústria da moda (HENNINGER; ALEVIZOU; OATES, 2016). Contudo, à medida que se aprende mais sobre *slow fashion*, torna-se evidente que este não é apenas um outro termo para a moda ética ou a antítese da *fast fashion*, mas um processo que direciona a indústria têxtil e de vestuário para decisões mais conscientes da produção ao consumo (POOKULANGARA; SHEPHARD, 2013).

O movimento *slow fashion* propõe retomar os valores da qualidade das peças de vestuário, ao invés da quantidade, oferecendo itens mais duráveis e que não seguem as tendências ditadas pela moda (JOY; PENÃ, 2017; WATSON; YAN, 2013). Existe também a preocupação em como as roupas são feitas (POOKULANGARA; SHEPHARD, 2013). De acordo com Henninger e Singh (2017), ela se baseia em valores sustentáveis, considerando aspectos sociais, ambientais e econômicos para reduzir o impacto da indústria da moda. O termo *slow fashion* é usado para identificar soluções de moda sustentáveis, com base no reposicionamento de estratégias de design, produção, consumo, uso e reutilização (CLARK, 2008). Ou seja, é uma abordagem sustentável para diminuir o ciclo da moda por meio da produção e do consumo (FLETCHER, 2012; MCNEILL; MOORE, 2015).

Aakko (2013) e Jung e Jin (2016) enfatizam que a *slow fashion* surgiu como uma alternativa às práticas social e ambientalmente insustentáveis resultantes do ciclo acelerado da *fast fashion* e como um meio para mudar sistematicamente essa mentalidade. Muitas vezes, por isso, ela é descrita como o inverso da *fast fashion* (LAI; HENNINGER; ALEVIZOU, 2017). No entanto, embora, na linguagem, “rápido” e “lento” sejam antônimos, Fletcher (2010) explica que no contexto da cultura lenta não há oposição entre essas palavras, porque representam visões de mundo distintas, com lógicas econômicas, modelos de negócios, valores e processos diferentes. Para Pookulangara e Shephard (2013) isso fica cada vez mais claro, pois *slow fashion* é um processo que muda a direção da indústria têxtil e de vestuário para incorporar decisões mais conscientes em todos os níveis, da produção de fibras ao uso.

Nesse sentido, Fletcher e Goose (2011) defendem a mudança na infraestrutura da indústria, posto que *slow fashion* não significa fazer negócios como de costume, desenhar roupas clássicas e planejar prazos mais longos para o fornecimento de matérias-primas. Ela vai além disso e representa a ruptura com as práticas atuais do setor. De modo complementar, Petersen e Riisberg (2017) afirmam que mudanças radicais terão que ocorrer nos sistemas financeiros, sociais e ecológicos, a fim de chegar a novos valores compartilhados que não se

baseiem na ideologia prevalecente de crescimento econômico. Na próxima seção, aborda-se a perspectiva multinível e suas características para se compreender o regime da moda e a transição para a sustentabilidade.

2.3 Perspectiva multinível

A perspectiva multinível foi criada, de acordo com Geels e Kemp (2007), para entender transições e mudanças de regime e sua ontologia básica decorre da sociologia da tecnologia, em que são importantes três dimensões inter-relacionadas: sistemas sociotécnicos; grupos sociais que mantêm e refinam os elementos dos sistemas sociotécnicos; e regras (regimes) que direcionam as atividades dos grupos sociais.

Os sistemas sociotécnicos consistem em artefatos, capital, trabalho, regulação, práticas dos usuários e do mercado, redes de fornecedores, infraestrutura, tecnologia, conhecimento e significado cultural, e não funcionam de forma autônoma, mas são o resultado das atividades de atores humanos, por isso, os sistemas são mantidos ou alterados somente pelas atividades desses atores (GEELS, 2004a, 2005). A estabilidade dos sistemas sociotécnicos resulta das ligações entre os elementos heterogêneos que compõem o sistema, e tais elementos e ligações são o resultado das atividades de grupos sociais que os (re)produzem, dessa forma, as atividades dos diferentes grupos estão alinhadas entre si e coordenadas, formando trajetórias, pois todos seguem os mesmos caminhos (GEELS, 2002).

Um aspecto importante da perspectiva multinível é a supressão da causalidade simples nas transições, uma vez que não existe somente uma causa ou um único driver. Ao invés disso, há processos simultâneos em várias dimensões e níveis e as transformações do sistema acontecem quando esses processos se ligam e se reforçam mutuamente, soma-se a isso que as transições são caracterizadas por não-linearidade e incerteza (GEELS, 2005).

Segundo Geels (2004b), a perspectiva multinível é uma combinação conceitual de dois tipos de explicações: circunstâncias externas e drivers internos. As circunstâncias externas são os processos contínuos em regimes e paisagens que oferecem janelas de oportunidade para novidades. Essas janelas emergem quando as tensões ocorrem entre elementos no regime, isto é, quando as atividades dos grupos sociais estão desalinhadas. Isso significa que as transições acontecem quando há insegurança nos sistemas sociotécnicos, por isso é preciso mantê-los estabilizados por meio de três tipos de regras (GEELS, 2004a). Regras cognitivas que fazem

com que atores olhem em direções particulares. Regras normativas, que são redes sociais e organizacionais estabilizadas por percepções de papéis mútuos e expectativas de comportamento. E regras regulatórias e formais, que representam sistemas estabelecidos que podem ser estabilizados por contratos jurídicos. Além dessas, um quarto tipo de estabilidade é o alinhamento entre as regras, posto que é difícil mudar uma regra sem alterar as outras.

As regras e os regimes fornecem estabilidade ao orientar percepções e ações e como as regras tendem a ser reproduzidas, são caracterizadas como a estrutura profunda ou a gramática dos sistemas sociotécnicos. Além do regime, de acordo com Geels (2005), a perspectiva multinível distingue outros dois níveis e existem dinâmicas de co-evolução em cada um deles e eles geralmente permanecem relativamente independentes. Porém, esses níveis não são descrições ontológicas da realidade, são conceitos analíticos e heurísticos para compreender a atividade complexa da mudança sociotécnica (GEELS, 2002).

Conforme Geels (2010), a perspectiva multinível é um quadro para a compreensão das transições que fornece uma visão geral da complexidade multidimensional das mudanças de sistemas sociotécnicos e distingue três níveis analíticos: nichos (locus para inovações radicais); regimes sociotécnicos, bloqueados e estabilizados em várias dimensões; e um cenário sociotécnico exógeno. As transições são mudanças de regime e advêm por intermédio de processos de interação dentro e entre esses níveis, de modo que não ocorrem facilmente, porque os regimes existentes são caracterizados por *lock-in* (bloqueio) e *path dependence* (dependência de caminho) e orientados para a inovação incremental em trajetórias previsíveis.

O termo regime sociotécnico é utilizado para se referir ao conjunto semicoerente de regras de diferentes grupos sociais (GEELS, 2002). Geels (2006) explana que o nível dos regimes tem três elementos interligados: uma rede de atores e grupos sociais; regras formais, cognitivas e normativas que conduzem as atividades dos atores; e elementos materiais e técnicos (artefatos, máquinas, infraestruturas). Os regimes proporcionam direção e coordenação para os atores, possibilitando a estabilidade do sistema, mas essa estabilidade é dinâmica, porque há inovação incremental, levando a trajetórias e dependências de caminho, resultantes de mecanismos de estabilização (GEELS, 2002, 2005, 2006). O alinhamento entre as regras, em conformidade com Geels (2004a), é o que dá estabilidade para o regime e força a coordenação das atividades.

Os nichos fornecem locais para processos de aprendizagem, além disso, proveem espaço para construir redes sociais que suportam as inovações (GEELS, 2002). Nos nichos,

essas redes sociais são pequenas, as regras cognitivas oscilam, há pouca estabilidade e muita incerteza e os atores trabalham em diferentes direções, explorando diferentes trajetórias (GEELS, 2005). Apesar da aparente desorganização, Geels (2004a) exprime que os nichos proporcionam ambientes para o desenvolvimento de inovações radicais por possibilitarem o distanciamento das regras do regime; embora as inovações que surgem nos nichos sejam orientadas para os problemas existentes nos regimes (GEELS, 2005).

As trajetórias tecnológicas estão situadas em uma paisagem sociotécnica, que consiste em um conjunto de tendências estruturais profundas e em aspectos do ambiente exógeno mais amplo (GEEELS, 2002, 2004a). A paisagem se refere, por exemplo, à macroeconomia, a padrões culturais profundos e aos desenvolvimentos macropolíticos, estão além da influência direta dos atores e suas mudanças geralmente ocorrem lentamente (GEELS, 2005). Nesse sentido, para Geels (2004a), as paisagens sociotécnicas proporcionam uma estruturação ainda mais forte das atividades do que os regimes.

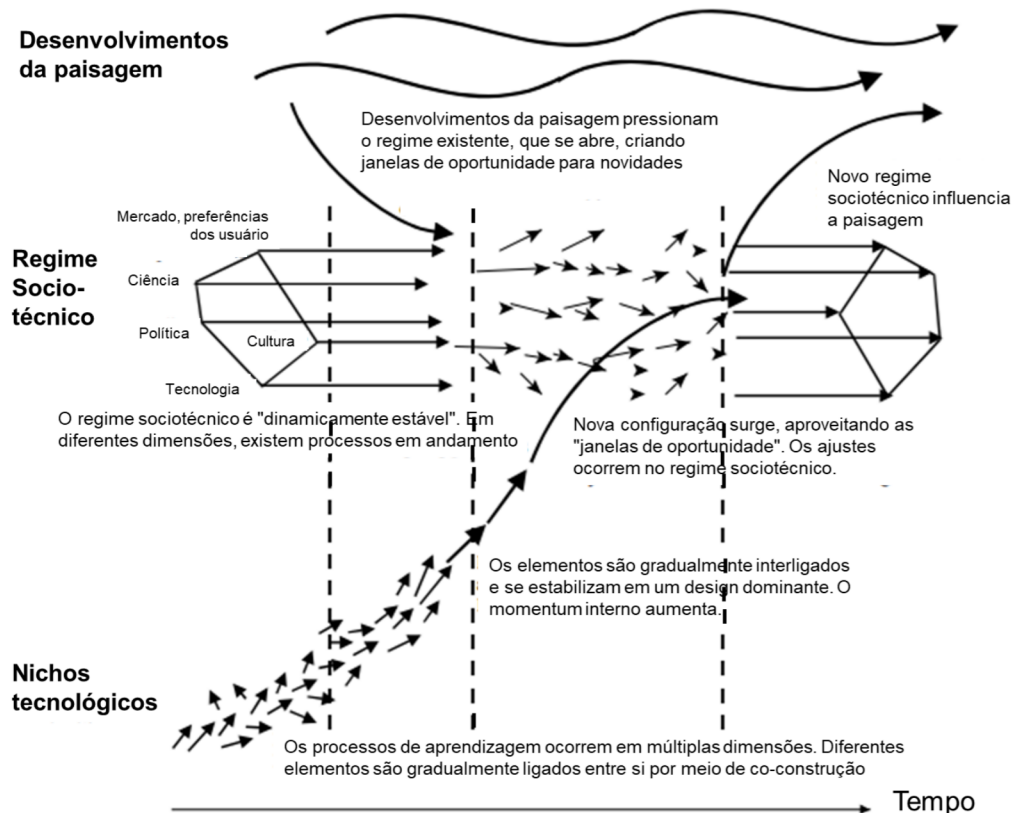
Conforme Geels (2005), o trabalho nos nichos é orientado para os problemas dos regimes. Ademais, o ponto-chave da perspectiva multinível é que as inovações ocorrem através da interação entre as dinâmicas em vários níveis. A partir disso, várias fases podem ser distinguidas nas transições (GEELS, 2005), como a Figura 1 indica. Na primeira fase, as novidades emergem em nichos no contexto do regime e da paisagem. Não existe um design dominante e várias formas técnicas competem entre si. Os atores improvisam, participando de experimentos para descobrir o melhor design e o que os usuários desejam. O objetivo é solucionar os problemas do regime.

Na segunda fase, a novidade é usada em pequenos nichos de mercado que fornecem recursos para a especialização técnica. Gradualmente, emerge uma comunidade dedicada de engenheiros e produtores, direcionando suas atividades para melhorar ainda mais a nova tecnologia. À proporção que essa comunidade articula novas regras, a nova tecnologia desenvolve uma trajetória técnica própria. E à medida que os usuários interagem com a nova tecnologia e as incorporam as suas práticas, eles acumulam experiência e exploram novas funcionalidades. Essa segunda fase resulta em uma estabilização de regras.

A terceira fase caracteriza-se por um avanço da nova tecnologia, ampla difusão e competição com o regime estabelecido. Por um lado, há drivers internos para o avanço da tecnologia. Por outro, o avanço dela depende de circunstâncias externas que criem janelas de oportunidade como: mudanças no nível da paisagem, que pressionem o regime; problemas

técnicos e externalidades negativas no regime, que não podem ser atendidas com a tecnologia disponível; ou mudanças nas preferências dos usuários ou regulamentos mais estritos, que criam problemas para a tecnologia existente. A questão-chave é a interação entre os desenvolvimentos nos vários níveis. Conforme a nova tecnologia adentra nos mercados convencionais, ela começa uma relação competitiva com o regime estabelecido.

Figura 1 – A dinâmica da perspectiva multinível em sistemas de inovações



Fonte: Geels (2005, p. 369).

Na quarta e última fase, a nova tecnologia substitui o antigo regime e há mudanças nas dimensões mais amplas do regime socio-técnico. Isso acontece de maneira gradual, porque a criação de um novo regime leva tempo. Além do mais, os operadores históricos tendem a manter as tecnologias antigas, por causa de interesses adquiridos e dos investimentos irrecuperáveis. O novo regime pode eventualmente influenciar no desenvolvimento da paisagem.

Resumidamente, Geels (2002) explica que o mesonível dos regimes socio-técnicos explica a estabilidade do desenvolvimento tecnológico existente e a ocorrência de trajetórias.

O macronível da paisagem consiste em fatores externos que mudam lentamente, proporcionando gradientes para as trajetórias. O micronível dos nichos explica a geração e o desenvolvimento de inovações radicais. Assim, segundo Geels (2004b), a (socio)lógica dos níveis é que eles fornecem diferentes tipos de estruturação de atividades nas práticas locais. Nos nichos há apenas uma estruturação vaga e solta, possibilitando a experimentação; as atividades dos atores vão em muitas direções, não existe coordenação forte; as redes sociais são precárias; e os atores têm que defender o nicho e articular as regras. Nos regimes, as atividades nas práticas locais são muito mais fortes. As regras são estáveis, com efeitos de coordenação nas atividades dos atores. As regras orientam percepções, expectativas de papel e ações nas comunidades sociais. É possível desviar-se das regras, mas isso exige muito esforço. As paisagens sociotécnicas, por sua vez, fornecem uma estruturação ainda mais forte, posto que é difícil se afastar dos ambientes materiais, crenças, símbolos e valores culturais amplamente compartilhados.

Um ponto importante da perspectiva multinível é que o sucesso de uma nova tecnologia não é apenas governado por processos dentro do nicho, mas também por desenvolvimentos no regime e na paisagem (GEELS, 2002). Ademais, as inovações de nicho podem romper com mais facilidade as barreiras do regime se a paisagem criar pressões sobre o regime que levem a rachaduras, tensões e janelas de oportunidade. As lutas subsequentes entre nichos e regimes, e possíveis substituições, ocorrem em múltiplas dimensões, como mercados ou regulamentos, e são legitimadas por atores interpretativos que lutam, negociam, procuram, aprendem e criam coalizões enquanto navegam transições (GEELS, 2010). Pelo foco nas inovações, a perspectiva multinível deixa de lado os consumidores e o seu papel nas transições, sendo necessário uma outra abordagem, aqui a teoria de práticas, tema da seção seguinte.

2.4 Teoria de práticas e consumo

A teoria de práticas é a sistematização de elementos teóricos sobre práticas sociais (HALKIER, 2013, 2017). Nela, as práticas são o lugar social, o que implica que elas são as unidades ontológicas básicas de análise (RØPKE, 2009), ao invés de indivíduos, estruturas sociais ou discursos (EVANS; MCMEEKIN; SOUTHERTON, 2012). Essa abordagem se concentra, conforme Halkier (2013), Halkier, Katz-Gerro e Martens (2011) e Kuijer e Jong

(2009), nos processos de efetuação prática da vida social, que são os detalhes e as condições em que as atividades normais, como tomar banho ou cozinhar são socialmente executadas.

As ações individuais são constituídas por práticas e a ordem social, as estruturas e as instituições são criadas por intermédio delas, de modo que a vida social consiste em uma ampla gama de práticas (RØPKE, 2009). Assim, elas são construídas e sustentadas por praticantes que ao se envolverem em práticas as normalizam e sustentam (AXSEN, 2012). Para Halkier (2017), a legitimação das práticas é realizada por indivíduos, mas seus padrões não são características do indivíduo. A prática consiste em fluxos de atividades coordenados por uma configuração de entendimentos, procedimentos e compromissos, e esses fluxos são continuamente feitos, re-feitos e feitos de forma um pouco diferente.

Schatzki (1996) identifica duas noções de prática: práticas como entidade e como performance. A primeira noção é a prática como um nexos de fazeres e dizeres. O segundo sentido, prática como performance, refere-se à realização ou execução das práticas como entidades. Reckwitz (2002) define prática como um tipo de comportamento rotineiro que consiste em vários elementos interligados entre si: formas de atividades corporais e mentais, coisas e seu uso, conhecimento, saber como fazer algo, estados emocionais. Por sua vez, Hargreaves (2011) declara que por não existir uma abordagem de prática unificada, há desacordo na definição do que seriam as práticas. Ele destaca que alguns teóricos se concentram nos vários componentes ou elementos que compõem uma prática; outros nas conexões entre esses elementos; e um terceiro grupo na posição das práticas como uma ponte entre os estilos de vida dos indivíduos e sistemas.

Conforme Shove e Pantzar (2005), as práticas envolvem a integração ativa de materiais, significados e habilidades. De maneira que os artefatos não têm valor por si só, somente quando integrados na prática e aliados às formas necessárias de habilidade e de significado. Em outras palavras, é a prática que importa e o surgimento e a extinção delas têm a ver com a formação e deformação de links entre materiais, imagens e habilidades (os ingredientes de qualquer prática). Hargreaves (2011) explica essa relação com um exemplo: o futebol envolve um conjunto específico de significados (regras, objetivo do jogo e nível de engajamento emocional); habilidades (driblar e chutar uma bola); e materiais (bola). Os links entre esses elementos são então (re)produzidos e mantidos por profissionais qualificados no decorrer de um jogo de futebol.

A compreensão das mudanças sociais é uma questão de compreensão de como as práticas evoluem, capturam praticantes e os perdem, quem são seus transportadores e como os sistemas e complexos de práticas se formam e se fragmentam (FONTE, 2013; SHOVE, 2010). Segundo Evans, McMeekin e Southerton (2012), os processos de mudança estão localizados no nível da organização das práticas como entidades e na reprodução de práticas como desempenho. Isso porque, é por meio do desempenho que o padrão fornecido pela prática como entidade torna-se significativo e é reproduzido, modificado e sustentado ao longo do tempo (SHOVE, 2012; WATSON, 2012).

Evans, McMeekin e Southerton (2012) sugerem que o foco nas práticas como entidade acentua vários elementos estáveis que configuram blocos e padrões de ação (nível macro), enquanto o foco nas práticas como desempenho evidencia a produção e a reprodução de ações do cotidiano (micro nível). É nessa interação entre entidade e performance onde a dinâmica de reprodução e mudança está localizada. A mudança ocorre na reordenação de elementos através dos quais as práticas como entidade são organizadas: a mudança no ordenamento das práticas como entidades leva a mudanças nas formas como as práticas são realizadas. A reprodução de práticas (como entidades reconhecíveis) é dependente de que os praticantes continuem a executá-las de maneiras particulares, juntando os vários elementos constituintes no decorrer de seus cotidianos.

Reckwitz (2002) elucida que a ordem social é a reprodução social, assim, as estruturas de ruptura e mudança devem ocorrer em crises cotidianas de rotinas, em constelações de interdeterminação interpretativa e na inadequação do conhecimento com que o agente, praticando uma prática, é confrontado com diferentes situações. Ao longo do tempo, as práticas desaparecem quando não podem mais recrutar novos praticantes para realizá-las (RØPKE, 2009). Em contrapartida, conforme Shove e Pantzar (2005), novas práticas consistem em novas configurações de elementos existentes ou de novos elementos em conjunto com aqueles que já existem. Deste ponto de vista, as inovações na prática não são simplesmente determinadas pela geração de novos artefatos, imagens ou habilidades. O que realmente importa é a forma como os elementos constituintes se encaixam. Ademais, as inovações na prática exigem reprodução contínua.

As transições de práticas não podem ser totalmente planejadas, previstas e gerenciadas (EVANS; MCMEEKIN; SOUTHERTON, 2012). Para rastrear as trajetórias de práticas específicas, é preciso identificar mecanismos e circunstâncias de alistamento e deserção e

mostrar como se relacionam com padrões de normalização, desestabilização e difusão (SHOVE; PANTZAR, 2005). Southerton, Olsen, Warde e Cheng (2012) sublinham a importância de compreender o recrutamento e o abandono, a multiplicação e a diversificação das práticas e o compromisso e o entusiasmo dos praticantes. Além disso, a mudança social não pode ser pensada como um processo que ocorre manipulando e forçando as mentes humanas, mas sim como um conjunto de práticas sociais transformadoras emergem, se estabilizam e desaparecem à medida que as ligações entre entendimentos, habilidades e artefatos são formadas e quebradas (HARGREAVES, 2011; STRENGERS 2012).

Por seu turno, Watson (2012) defende que há três mecanismos fundamentais de mudança em qualquer prática. Primeiro, os elementos que compõem a prática podem mudar. Em segundo lugar, a população de transportadores da prática pode mudar. Em terceiro lugar, a forma como uma prática engloba outras práticas é significativa para mudanças nos elementos de práticas e processos de recrutamento.

A prática como entidade é um conjunto de atividades corporais e mentais mantidas unidas por materiais, significados e competência, mas ao serem constituídas por performances, as práticas são enraizadas em hábitos e rotinas (JAEGER-ERBEN; OFFENBERGER 2014; RØPKE, 2009; WATSON, 2012). Evans, McMeekin e Southerton (2012) expõem que enquanto as práticas são realizadas rotineira e habitualmente no espaço e no tempo (e assim reproduzidos), os praticantes podem adaptar, improvisar e experimentar as formas de fazer. O ponto crucial é que práticas, como entidades reconhecíveis, são feitas por e através da reprodução de rotinas (SHOVE; PANTZAR, 2005).

Para a maioria das pessoas, na maioria das vezes, a maior parte do cotidiano ocorre em um estado de distração, de maneira que o hábito e a rotina são normais e representam o modo padrão de engajamento no mundo (WARDE, 2014). Essas ações habituais e rotineiras, como observa Southerton (2013), são desempenhos observáveis e padrões de práticas estáveis e o ponto crítico torna-se como tais performances de prática são mantidas estáveis. As práticas são consideradas entidades reconhecíveis ao longo do tempo e espaço e, portanto, suportam algum grau de regularidade e repetição, por isso a teoria de práticas se concentra nas rotinas na vida cotidiana (RØPKE, 2009).

Deve-se diferenciar as teorias de prática, que enfatizam dinâmicas endógenas e emergentes, das teorias sociais do comportamento, que se concentram em fatores causais e drivers externos (SHOVE, 2010). Na primeira, as pessoas figuram como transportadoras de

práticas, enquanto na segunda, são agentes autônomos de escolha e mudança. Para Shove (2010), essas abordagens centradas no indivíduo seguem tipicamente o que rotula o modelo ABC, no qual as atitudes são pensadas para dirigir comportamentos que os indivíduos escolhem. Contudo, para a teoria de práticas, o que as pessoas fazem nunca é redutível a atitudes ou escolhas ou a qualquer coisa individual. Em vez disso, fazer algo é sempre uma prática (WATSON, 2012).

Nesse sentido, comprar é apenas uma maneira de adquirir bens e serviços consumidos no decorrer das práticas (RØPKE, 2009). Para a autora, embora a maioria das práticas envolvam apropriação e uso de bens e serviços, as pessoas pensam em si mesmas como envolvidas em práticas ao invés de envolvidas no consumo, de maneira que o consumo como tal raramente é significativo e não faz sentido dizer que as pessoas desejam consumir.

Semelhantemente, Warde (2005) diz que o consumo é um processo em que os agentes se envolvem em apropriação e apreciação, seja para fins utilitários, expressivos ou contemplativos, de bens, serviços, performances, informações ou ambientes, comprados ou não, sobre os quais o agente possui algum grau de discricção. Assim, o consumo em si não é uma prática, mas sim um momento em quase todas as práticas. De modo que, como defende Halkier (2017), as práticas implicam em, oferecem ou convidam ao consumo.

Dito isso, vários autores exploram como surgiu o interesse da aplicação da teoria de práticas para a análise do consumo. Segundo Warde (2014), as teorias da prática são uma tentativa de consertar as falhas da análise cultural, que foi hegemônica durante o segundo período de estudos de consumo. Elas são atraentes para o estudo do consumo porque prometem corrigir duas dimensões: primeiro, fornecem um enquadramento alternativo para modelos de escolha individual; em segundo lugar, descobrem e exploram fenômenos normalmente escondidos na análise cultural. Isto é, contra o modelo do consumidor soberano, a ênfase é colocada no fazer sobre o pensamento, no material sobre o simbólico e na prática sobre o virtuosismo expressivo na apresentação formada de si mesmo.

Røpke (2009) expõe que a teoria de práticas dá mais importância para o “fazer”, ao invés do “ter” do consumo, e ao uso, em vez da exibição de produtos. Quando as pessoas consideram aquisições, elas são assim vistas como motivadas por imagens das ações em que os produtos estão implicados. Muitas vezes, novas coisas são adquiridas para induzir novas práticas embora, apesar das aquisições, as práticas imaginadas nem sempre sejam realizadas.

O foco nos indivíduos como praticantes ao invés de consumidores implica que eles usam ou consomem recursos e produtos enquanto se envolvem em atividades rotineiras; que os padrões de consumo refletem a soma total das práticas em que se envolvem; e que o consumo é deduzido das práticas (MYLAN, 2015; EVANS; MCMEEKIN; SOUTHERTON, 2012; RØPKE, 2009). McMeekin e Southerton (2012) apontam que quando a abordagem prática é utilizada para compreender o consumo, ela oferece uma visão focada nas explicações sobre o que as pessoas fazem em seu cotidiano e por que fazem isso.

2.5 Interseções entre perspectiva multinível e teoria de práticas

A perspectiva multinível e a teoria de práticas são duas abordagens emergentes que tem se tornado bastante populares nos últimos anos. Porém, enquanto uma tem sido mais usada para estudar a produção, a outra tem focado o estudo do consumo (BROWN; VERGRAGT; COHEN, 2013; MCMEEKIN; SOUTHERTON 2012). De modo que essas abordagens, em conformidade com Geels *et al.* (2015) e Southerton e Watson (2015), ganharam visibilidade por causa da promessa de ir além das soluções centradas na oferta e na demanda que dominaram as discussões sobre produção e consumo sustentáveis (SPC), sugerindo a reconfiguração dos modelos de pesquisa tradicionais por meio das transições em sistemas sociotécnicos com o auxílio da perspectiva multinível e da teoria de práticas.

Apesar da relação entre essas abordagens serem antagônicas (normalidade x novidade; horizontalidade x verticalização), Hargreaves, Longhurst e Seyfang (2013) argumentam que elas não são mutuamente excludentes: ambas são abordagens de médio alcance que se recusam a priorizar a estrutura ou a agência em processos de mudança sociotécnicos, concentrando-se na dinâmica da estruturação que impulsiona tanto a estabilidade quanto a mudança do sistema.

Southerton e Watson (2015) apresentam outras similaridades. Primeiro, as unidades de análise são conceituadas como configurações heterogêneas com elementos de co-evolução. Em segundo lugar, a agência é percebida como estruturada ou em forma de rotinas, regras, hábitos e convenções. Terceiro, elas abordam a tensão analítica entre a reprodução dos sistemas atuais e modos normais de vida e o surgimento de alternativas que podem lançar as bases para a transição. Finalmente, elas compartilham uma orientação processual que enfatiza co-evolução, interação social, alinhamento e luta entre as configurações antigas e novas.

Contudo, os mesmos autores, também mostram suas diferenças. Para começar, a perspectiva multinível é uma perspectiva heurística, com uma estrutura aberta que pode acomodar teorias auxiliares para tratar de seus aspectos sub-desenvolvidos, enquanto a teoria de práticas possui uma lente teórica específica. Além disso, há a questão das ontologias verticais e horizontais, que não é tão relevante para o desenvolvimento prático de compreensão e investigação, uma vez que há teoria de práticas que não subscrevem uma ontologia plana, assim como análises baseadas na perspectiva multinível que tendem a se concentrar em relações horizontais. Apesar disso, Geels (2011) sugere que a relação com o regime (e com os nichos) não é necessariamente hierárquica, por isso seria possível considerar abandonar a noção de hierarquia na perspectiva multinível.

De acordo com Hargreaves, Longhurst e Seyfang (2013), dada a grande quantidade de sobreposição e interesse compartilhado entre as duas abordagens, não é surpresa que alguns teóricos tenham procurado defender suas distinções e incompatibilidade, ao passo que outros se esforçaram para integrar e hibridizar esses frameworks. Todavia, aqui, não se pretende nenhum desses extremos. Assim como Hargreaves *et al.* (2011) e Southerton e Watson (2015), a ideia é explorar os cruzamentos entre essas abordagens para compreender as mudanças em sistemas sociotécnicos. Especialmente porque há pontos de intersecção entre regimes e práticas que podem auxiliar a promover transições para a sustentabilidade (HARGREAVES; LONGHURST; SEYFANG, 2013).

Geels (2011) define os regimes sociotécnicos como o locus das práticas estabelecidas e das regras associadas que estabilizam os sistemas existentes. Assim, Hölsgens, Lübke e Hasselkuß (2018) defendem que o regime seria um sistema de práticas inter-relacionadas, isso porque as práticas integram os conjuntos de regras intangíveis (os significados) e o uso de artefatos tangíveis (materiais). De maneira que os elementos de um sistema sociotécnico podem ser entendidos como consistindo em práticas específicas realizadas pelos respectivos atores ou constelações de atores.

Semelhantemente, para Watson (2012), as práticas (ou seja, o que as pessoas fazem) são parcialmente constituídas pelos sistemas sociotécnicos dos quais fazem parte e esses sistemas sociotécnicos são constituídos e sustentados pelo desempenho contínuo das práticas que os compõem. Consequentemente, as mudanças nos sistemas sociotécnicos só acontecem se as práticas que incorporam esses sistemas mudam e se essas práticas mudarem, o sistema sociotécnico também mudará. Segundo o autor, qualquer transição sociotécnica é

necessariamente uma transição nas práticas. Gram-Hanssen (2011) salienta que as práticas são influenciadas e conectadas a mudanças sociotécnicas em diferentes níveis nos sistemas, o que significa que a mudança e a estabilidade nas práticas se espalham horizontalmente e verticalmente entre as práticas.

2.6 Transições para a sustentabilidade na moda

O sistema sociotécnico da moda, que envolve a produção, distribuição e consumo de roupas, é composto por fornecedores, fábricas, universidades, centros de pesquisa, regulações governamentais, organização do trabalho, práticas dos usuários, infraestrutura de energia, infraestrutura de água, significados culturais e simbólicos, infraestrutura para distribuição e tecnologia. Esse sistema sociotécnico interage com outros sistemas, como o da agricultura ou da química. No regime, que representa, por exemplo, crenças, rotinas, normas e padrões de fazer algo, a lógica *mainstream* é a da *fast fashion*. Isso significa que o padrão é fabricar/vender/comprar roupas baratas e que seguem as últimas tendências da moda (CACHON; SWINNEY, 2011).

Porém, há iniciativas de *slow fashion* no nicho que tentam romper as barreiras do regime, como pequenas empresas ou organizações não-governamentais, que promovem práticas mais sustentáveis. No caso dos negócios, isso envolveria o uso de materiais provenientes de fontes renováveis ou fibras produzidas em melhores condições de trabalho (FLETCHER; GROOSE, 2011); bibliotecas de roupas (ZAMANI; SANDIN; PETERS, 2017); produzir em menor escala e localmente (FLETCHER; GROOSE, 2011); valorizar mais os processos artesanais (AAKKO, 2013); fazer *upcycling* e *downcycling* (NIINIMÄKI, 2013).

Há também pressão da paisagem, como a mudança de valores nesse sistema, influenciada, por exemplo, pelas denúncias de trabalho análogo à escravidão e, na ótica de Burke (2013), pelo acidente do Rana Plaza, em 2013, um edifício com várias fábricas de vestuário em Bangladesh. A tensão promovida pelo nicho e pela paisagem desestabilizam o regime e oferecem a chance de transição da *fast fashion* para a *slow fashion*.

Essa abordagem geralmente é um modelo global que mapeia todo o processo de transição, por esse motivo costuma dar menos atenção aos atores (GEELS; SCHOT, 2007), como os consumidores e usuários, sendo necessário o uso da teoria de práticas para melhor compreender como acontecem as alterações para práticas sustentáveis.

Apesar do recente interesse na diversidade, riqueza e complexidade do cotidiano, as práticas de vestir ainda não foram analisadas; mesmo nos estudos sobre moda o foco tende a ser em como as tendências emergem ao invés da discussão reflexiva sobre o que e como as pessoas se vestem e qual o tipo de papel que o sistema de moda desempenha nessas práticas (SKJOLD; 2016). Sant'anna (2014) diz que o vestuário proporciona o exercício da moda. Fletcher (2012), no entanto, vai além. Para ela, se a moda é relevante para o seu tempo e contexto, então a ação social, ou seja, a prática de vestir, também moldará a moda. Isso fica evidente especialmente quando o street style, isto é, a forma como as roupas estão vestidas nas ruas, invade as passarelas.

Com base nesse ponto de vista, reflete-se sobre como a moda pode se tornar mais sustentável por meio da incorporação da *slow fashion* nas práticas de vestir. Para isso, é necessário fazer algumas considerações. Primeiro, em geral, as pessoas mudam seu jeito de se vestir quando há alterações em suas vidas, como, por exemplo, entrar no mercado de trabalho ou encontrar um parceiro (SKJOLD, 2016); ou em períodos de instabilidade ou crise, que resultam em compras conservadoras, com o retorno aos valores mais sólidos, ao classicismo e ao conformismo (JONES, 2005; VICENTE-RICHARD, 1989). Aqui, cabe questionar que “eventos” fariam ou fizeram as práticas serem alteradas.

Outro ponto, consoante Crane (2013), é que a moda contribui para redefinir identidades sociais ao atribuir novos significados aos artefatos. Nesse sentido, indaga-se como significados, artefatos e habilidades interagem entre si e formam as práticas de vestir. E, por último, as práticas de vestir estão ligadas a outras práticas como lavar e engomar (MOON *et al.*, 2013) e a durabilidade de uma roupa pode ser promovida através das práticas de uso (FLETCHER, 2012). Assim, deve-se interpelar as relações das práticas de vestir com outras práticas e a relação do cuidado com as roupas com as práticas de vestir.

Além disso, o questionamento mais importante talvez seja entender a relação entre o consumo e as práticas de vestir e como a *slow fashion* pode contribuir para alterar as práticas de vestir e, conseqüentemente, o consumo. Isso seria possível reduzindo o consumo através de compras mais conscientes ou alterando-o com meios alternativos de adquirir roupas “novas”, como em brechós, eventos de trocas, revitalização de roupas, ou mesmo alugando em biblioteca de roupas. Essas observações contribuem para a compreensão de como as práticas de vestir podem mudar ao longo tempo e se tornar mais sustentáveis.

2.7 Considerações finais

A perspectiva multinível e a teoria de práticas tem sido bastante utilizadas para a análise das transições para a sustentabilidade. Apesar de suas diferenças, elas têm muitas semelhanças e, por isso, há vários esforços para entender suas interseções. Aqui, a ideia era compreender como essas abordagens podem ser alinhadas para tornar a moda mais sustentável. Considerando que uma é mais orientada para a produção, enquanto a outra para o consumo, o uso das duas abordagens proporcionaria uma visão do todo, a despeito das complexidades de um sistema sociotécnico. Ou seja, como um regime *fast fashion* pode se tornar um regime *slow fashion* e como as práticas de se vestir podem abandonar os ideais de *fast fashion* e ir em direção à *slow fashion*.

Isso porque, embora os estudos das transições sejam voltados para a análise de transições que já ocorreram, na moda isso ainda não aconteceu, pelo menos não uma transição completa para a sustentabilidade. Pode-se se dizer que existem iniciativas para tornar a moda mais sustentável, entretanto, a atual configuração do sistema da moda é muito complexa, especialmente por possuir diversos elementos distribuídos globalmente, o que permite que o regime *fast fashion* seja o dominante. Outros pontos envolvem a existência de outros regimes, como o da alta costura, e a distribuição desse sistema, que possibilita que em alguns lugares haja mudanças em sub-regimes e em outros, não. O mesmo vale para as práticas de vestir, que são fortemente influenciadas por aspectos culturais e pela identidade.

Acredita-se que uma mudança gradual e orgânica é possível, considerando que as práticas de se vestir fazem parte do sistema da moda e que existem outras práticas relacionadas tanto ao vestir quanto ao produzir moda. Essas práticas interagem entre si, mas também se relacionam com nichos, regimes e paisagens. E quanto maior for interação, maior a possibilidade de transição.

3 SUSTENTABILIDADE NO SISTEMA DA MODA: UM REGIME SOCIOTÉCNICO EM TRANSFORMAÇÃO?

Esta seção contém o segundo artigo que compõe esta tese e está estruturado assim: primeiro a introdução, com contextualização e objetivos; em seguida uma breve exposição sobre a indústria da moda e sobre a insustentabilidade do sistema vigente – o *fast fashion*; então, explana-se sobre a perspectiva multinível e expõe-se o método da pesquisa; depois são mostrados os resultados e sua análise e, na última parte, as considerações finais.

3.1 Introdução

A indústria da moda destaca-se por sua importância econômica, mas também pela sua onipresença nas numerosas esferas da atividade econômica e social (GODART, 2010). O comércio de têxteis e vestuário movimentou US\$ 726 bilhões e o mercado global de vestuário é avaliado em US\$ 3 trilhões, o que representa 2% do PIB mundial (FASHION UNITED, 2016). No Brasil, a produção de têxteis no ano de 2019 foi de 9,04 bilhões de peças, sendo a maior cadeia têxtil completa do ocidente e a quinto maior indústria têxtil do mundo, além disso, o faturamento da cadeia têxtil e de confecção é de R\$ 185,7 bilhões (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÃO, 2020).

Os altos rendimentos e a produção em larga escala, contudo, geram grandes impactos. A indústria da moda é o segundo maior poluidor industrial, respondendo por até 10% da poluição global (NIINIMÄKI et al., 2020). De acordo com Pedersen e Andersen (2015), ela é um dos principais contribuintes para problemas sociais e ambientais, de maneira que os desafios da sustentabilidade estão em todo ciclo de vida de uma peça de vestuário. Esses desafios envolvem trabalho análogo à escravidão, trabalho infantil, altos níveis de poluição, consumo exagerado e descarte inadequado².

² Relatórios estimam que 168 milhões de crianças, a 11% da população infantil, trabalham ao redor do mundo (INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION, 2013). No Brasil, em 2014, 173.272 crianças e adolescentes entre 5 e 17 anos trabalhavam na cadeia produtiva têxtil (FÓRUM NACIONAL DE PREVENÇÃO E ERRADICAÇÃO DO TRABALHO INFANTIL, 2016). As pessoas compram mais de 80 bilhões de novos itens de roupa todo ano (THE TRUE COST, 2015) e isso é muito além do que podem usar. Mais de 95% das roupas, sapatos e outros têxteis jogados no lixo poderiam ser reusados ou reciclados (KING COUNTY, 2015). Só nos Estados Unidos, 12,75 milhões de toneladas de têxteis são gerados e apenas 15% é reaproveitado por meio da doação e da reciclagem (EPA, 2009). Enquanto que no Brasil, são geradas 170 mil toneladas de resíduos, das quais 80% findam em aterros sanitários (SEBRAE, 2014). Não há números que abrangem o pós-uso.

Nos últimos anos, alguns sinais sugeriram que a indústria estava começando a aceitar seus impactos humanos e ambientais e que mudanças estariam acontecendo a ponto de a sustentabilidade ser indiscutivelmente a palavra mais citada na indústria da moda (BRYDGES; RETAMAL; HANLON, 2020; HENNINGER; ALEVIZOU; OATES, 2016; NIINIMÄKI, 2013). Ainda assim, para Heinze (2020), as principais práticas da moda permanecem insustentáveis e o caminho para um sistema de moda sustentável não está claro.

Então a pandemia da COVID-19 aconteceu e o setor da moda foi desastrosamente afetado pela perda de vendas, resultando em muitos pedidos cancelados, fechamentos de lojas, perda de empregos e o conseqüente sofrimento dos trabalhadores do setor de vestuário e de fornecedores (BLACK, 2020). Para a autora, o importante papel econômico e cultural da moda na sociedade foi colocado em foco por todos.

A partir disso, surgiu um questionamento na literatura sobre como e se a pandemia de COVID-19 poderia levar a uma transição para a sustentabilidade na moda (COHEN 2020; BODENHEIMER; LEIDENBERGER 2020; GOFFMAN 2020; BRYDGES; RETAMAL; HANLON, 2020). O sistema da moda, e essa possível transição, podem ser analisados sob a ótica da perspectiva multinível.

Para Geels (2010), a perspectiva multinível distingue três níveis analíticos: nichos, que são *locus* para inovações radicais; regimes, que são rotinas cognitivas partilhadas pelos membros de uma comunidade técnica; e paisagem, referente aos aspectos da tecnologia no ambiente exógeno. As transições, por sua vez, são processos complexos e de longo prazo incluindo múltiplos atores e um dos principais pontos é compreender como emergem inovações ambientais e como podem substituir, transformar ou reconfigurar os sistemas existentes (GEELS, 2011). As transições ocorrem por meio de interações entre os níveis.

Diante disso, o objetivo deste trabalho é: descrever o sistema sociotécnico da moda, analisando uma possível transição para a sustentabilidade. Para alcançar esse objetivo, este trabalho está dividido da seguinte maneira: essa breve introdução; em seguida, uma descrição da indústria da moda; na terceira parte, discute-se a insustentabilidade do regime da moda; na quarta sessão, discorre-se sobre a perspectiva multinível; na quinta, tem-se o método; então, apresentam-se os principais resultados da pesquisa; e as considerações finais.

3.2 A indústria da moda

A moda é associada à temporalidade e à inovação, posto que ela muda constantemente. Por isso, o produto de moda tem características bastante peculiares: rápida obsolescência, colocação antecipada do produto nas lojas, busca por exclusividade e inovação, além de o produto ter que ser percebido como diferenciado para que o consumidor possa adquiri-lo (ANDREONI, 2008). Outros aspectos são destacados por Vincentine (2010), como a orientação para o mercado, o curto ciclo de vida, a sazonalidade e a influência do comportamento e do estilo de vida do público consumidor, que estabelecem o imperativo de uma resposta acelerada da indústria diante de um mercado competitivo. Essas características impõem o gerenciamento adequado do processo de criação, da cadeia produtiva e da cadeia de suprimentos (PROVENZANO, 2014).

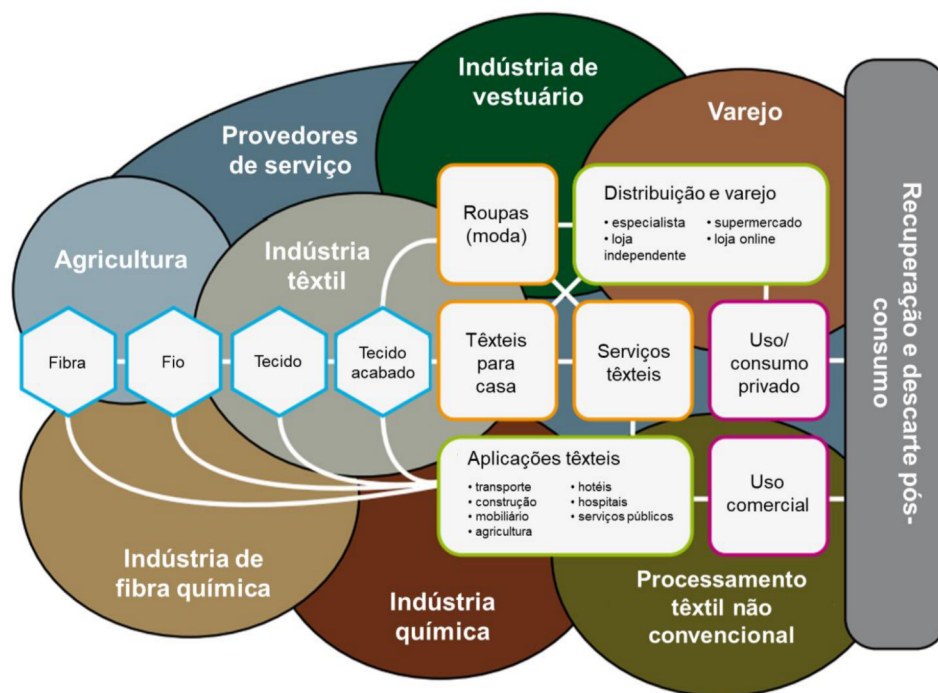
Embora autores como Weber (2020) considerem os termos indústria da moda e sistema da moda, tema explorado nas próximas sessões, como sinônimos, aqui eles são usados de maneira distinta. A indústria da moda movimentada a indústria têxtil e de confecções e elas são tão mescladas que é difícil definir cada uma (ALVES, 2009). Para Frings (2002), a indústria têxtil refere-se a toda indústria de vestuário, da matéria-prima ao produto final. Destarte, a indústria de vestuário, para Andreoni (2008) e Feghali (2008), envolve uma rede heterogênea de setores industriais com estruturas diferentes em relação ao tamanho e ao número de empresas, intensidade de mão-de-obra, capital e complexidade tecnológica.

Nessa cadeia produtiva, para Carvalho e Serra (1998), há setores a montante, que produzem matéria-prima para a fabricação dos fios, e setores a jusante, responsáveis pela comercialização dos produtos. A moda é intrínseca a cada uma dessas etapas, visto que, a partir das tendências, são escolhidos cores e estilos, fios, estampas, malhas e tecidos, modelagens, acabamentos e outros detalhes que compõem a elaboração de uma roupa. Na perspectiva da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial e do Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (2008), a indústria têxtil e de confecção é caracterizada por, basicamente, quatro etapas: fiação - produção de fios ou filamentos utilizados na etapa da tecelagem; tecelagem - fabricação de tecidos planos ou malhas; acabamento - operações que conferem ao produto conforto, durabilidade e propriedades específicas; confecção - desenho, confecção de moldes, gradeamento, encaixe, corte e costura.

É no elo da confecção que o vestuário é criado. As inúmeras aplicações finais e possibilidades de segmentação de mercado nesse elo da cadeia - a confecção - põem a capacidade de diferenciar produtos e de atender de maneira flexível às mudanças nos padrões de preferência dos consumidores como uma questão fundamental para a competitividade (ABDI; UNICAMP, 2008). Ademais, de acordo com Costa e Rocha (2009, p. 187), no elo de confecção existe “grande pulverização, baixa capacidade técnica e gerencial e alta informalidade”.

Allwood *et al.* (2006) mapeiam a estrutura do setor de têxteis de confecção, uma vez que as roupas e os têxteis são entregues por uma rede complexa de empresas e tecnologias, operando em todo o mundo. De acordo com os autores, são necessárias interações complexas para reunir as diferentes matérias-primas. Soma-se a isso que o conjunto de empresas que oferecem roupas e têxteis é uma formação em evolução contínua. A figura 2 ilustra a complexidade desse setor.

Figura 2 – Mapa do setor de têxteis e confecção



Fonte: traduzido de Allwood *et al.* (2008, p. 1239).

Frings (2002) explica que cada nível da indústria é formado separadamente. A indústria têxtil desenvolve e produz fibras, fios e tecidos e os vende para seus clientes –

fábricas de roupas e acessórios. Essas fábricas desenham e produzem roupas e acessórios e os vendem para varejistas, que revendem para consumidores.

Segundo Rybalowski (2008), as alterações dos hábitos de consumo influenciam a estratégia de fabricação em direção à simplificação da confecção e à redução do preço final para o cliente. Além disso, o rápido ciclo de mudanças e a ânsia por novidade obriga as empresas a lançarem novos produtos cada vez mais próximos, a ponto de haverem lançamentos semanais (TREPTOW, 2013). Lipovetsky (1989) reforça que se não há criação constante de novos modelos, a empresa tende a perder sua força no mercado. A demanda por velocidade, variedade e novidade são as características mais importantes da indústria têxtil e de vestuário (ERTEKIN; ATIK, 2015). O sistema atual dessa indústria é baseado em ciclos rápidos de tendências da moda que visam produzir continuamente novas necessidades e produtos para o consumidor (NIINIMÄKI; HASSI, 2011). Esse fenômeno é denominado *fast fashion* e revolucionou o setor de vestuário nas últimas décadas (EKSTRÖM; SALOMONSON, 2014; MCNEILL; MOORE, 2015).

3.3 A insustentabilidade do regime da moda – *fast fashion*

A *fast fashion*, de acordo com Cachon e Swinney (2011) e Kozlowski (2013), é um sistema de resposta rápida com recursos aprimorados de design que permite tempos de produção e distribuição reduzidos, possibilitando a combinação de fornecedores com demanda incerta, suportando o varejo de produtos de vestuário de baixo custo e que seguem as últimas tendências da moda. Ekström e Salomonson (2014) e Lai, Henninger e Alevizou (2017) a definem como as roupas produzidas em massa, em 15 dias, baratas, com ciclos de vida curtos, e que são associadas a atitudes de descarte.

Para Bly, Gwozdz e Reisch (2015), esse é um modelo de negócios bem-sucedido e cada vez mais popular. De modo que a atual estrutura e organização da indústria da moda é resultado direto do padrão *fast fashion* (KOZLOWSKI, 2013). Destarte, as cadeias de abastecimento aceleraram e os tempos de design e de produção foram reduzidos. O modelo se provou extremamente rentável e, assim, se tornou a abordagem dominante dentro da indústria. Isso tem servido para criar uma cadeia de fornecimento excepcionalmente complicada que abrange todo o globo. Criando uma indústria de alta pressão para fornecedores, produtores e designers, já que os tempos de resposta rápidos são a principal força motriz.

Nessa perspectiva, o tempo é a prioridade e o objetivo é colocar roupas nas lojas o mais rápido possível (BRUCE; DALY, 2006). Contudo, Fletcher (2010) anuncia que a *fast fashion* não é moldada pela velocidade, mas por um conjunto de práticas empresariais focadas no crescimento econômico contínuo – o objetivo mais aceito no mundo. Isso é possível, em parte, porque este modelo se baseia na disponibilidade de mão-de-obra abundante e barata de países menos desenvolvidos para oferecer produtos novos, de tendência e de baixo custo e as empresas aproveitam essa “oportunidade” para reduzir seus custos (BRUCE; DALY, 2006; KOZLOWSKI, 2013). E, segundo Payne (2011), por causa das cadeias ágeis.

Todavia, a eficiência da indústria têxtil traz muitos impactos negativos. Boström e Micheletti (2016), Pedersen e Andersen (2015) e Salcedo (2014) destacam os problemas ambientais, como o uso intensivo de produtos químicos, alto consumo de água, grande quantidade de energia, resíduos sólidos, altos níveis de poluição de rios, emissões de gases de efeito estufa na produção e uso; e sociais, como as condições de trabalho insalubres e inseguras, exploração de trabalhadores, trabalho infantil, perda de identidade cultural em países que recebem resíduos têxteis de outros países, os químicos usados prejudicam a trabalhadores e as comunidades no entorno dos centros de produção e consumidores em geral. Tudo isso mostra, para Henninger *et al.* (2017), que as oportunidades econômicas na indústria da moda têm um pano de fundo sombrio.

Os desafios da sustentabilidade na indústria da moda estão profundamente enraizados nos modelos de negócios e padrões de consumo atuais de *fast fashion* (PEDERSEN; ANDERSEN, 2015). Fletcher (2010) declara que, embora a rapidez tenha se tornado uma proxy para um tipo de moda insustentável, o problema não é a velocidade em si, mas sim o conjunto de práticas antiéticas e prejudiciais para o meio ambiente usadas como ferramentas para aumentar as vendas e gerar crescimento econômico com efeitos ecológicos e sociais.

Falar de moda no contexto de práticas sustentáveis é um desafio (CLARK, 2008). Isso porque, como Salcedo (2014) expõe, dadas as dimensões da indústria da moda e suas especificidades, ela é um dos maiores contribuintes para a insustentabilidade no mundo. Por isso, Fletcher e Goose (2011) afirmam que a sustentabilidade talvez seja a maior crítica que o setor da moda já enfrentou, pois a desafia em seus detalhes (fibras e processos) e também com relação ao todo (modelos econômicos, regras, sistema de crenças e valores).

Não obstante os problemas causados pela produção de vestuário serem chamativos, para Ekström e Salomonson (2014), o consumo também é uma questão central. Isso porque,

como denotam Fletcher (2010), Gabrielli, Baghi e Codeluppi (2013) e Payne (2011), o preço baixo incentivou uma mudança nos hábitos de compra e uso das roupas, permitindo que os consumidores fizessem numerosas escolhas, e até cometessem erros, sendo tranquilizados pelo pequeno investimento econômico e psicológico, mas percebendo as roupas como descartáveis. O que promove desperdício e uma série de externalidades ambientais negativas (EKSTRÖM; SALOMONSON, 2014; PEDERSEN; GWOZDZ, 2014).

Niinimäki e Hassi (2011) afirmam que não é importante somente quanto os consumidores compram, mas também quais tipos de produtos compram e como os usam e eliminam. O fato de peças de roupas serem cada vez mais baratas e as tendências cada vez mais curtas faz com que o consumidor queira se desfazer facilmente de uma peça e substituí-la por outra (SALCEDO, 2014). Para o autor, o resultado disso é um acúmulo imensurável de roupas descartadas, que, em sua maioria, têm como destino depósitos de lixo ou países em desenvolvimento.

Além disso, de acordo com Niinimäki (2013), os mercados de moda estão saturados de novos itens e de roupas que não foram vendidos devido ao sistema de fabricação extremamente eficaz. Diante de tantos problemas, é cada vez mais urgente a necessidade de uma transição para a sustentabilidade na moda e a perspectiva multinível é uma abordagem adequada para estudar esse processo.

3.4 A perspectiva multinível

A perspectiva multinível foi desenvolvida, inicialmente, para responder à questão de como as *technological transitions* (transições de tecnologia) acontecem. Geels (2002) define as transições de tecnologia como transformações no modo como as funções sociais, tais como transporte e alimentação, são realizadas, e não incluem somente mudanças tecnológicas, mas também alterações nas práticas de usuários, regulação, redes industriais, infraestrutura e significado simbólico.

Os sistemas sociotécnicos consistem em artefatos, capital, trabalho, regulação, práticas dos usuários e do mercado, redes de fornecedores, infraestrutura, tecnologia, conhecimento e significado cultural, e não funcionam de forma autônoma, mas são o resultado das atividades de atores humanos, por isso, os sistemas são mantidos ou alterados somente pelas atividades desses atores (GEELS, 2004a, 2005).

A estabilidade dos sistemas sociotécnicos resulta das ligações entre os elementos heterogêneos que compõem o sistema, e tais elementos e ligações são o resultado das atividades de grupos sociais que os (re)produzem, dessa forma, as atividades dos diferentes grupos estão alinhadas entre si e coordenadas, formando trajetórias, pois todos seguem os mesmos caminhos (GEELS, 2002).

Conforme Geels (2010), a perspectiva multinível é um quadro para a compreensão das transições que fornece uma visão geral da complexidade multidimensional das mudanças de sistemas sociotécnicos e distingue três níveis analíticos: nichos (*locus* para inovações radicais); regimes sociotécnicos, bloqueados e estabilizados em várias dimensões; e um cenário sociotécnico exógeno. As transições são mudanças de regime e ocorrem por intermédio de processos de interação dentro e entre esses níveis, de modo que não ocorrem facilmente, porque os regimes existentes são caracterizados por *lock-in* (bloqueio) e *path dependence* (dependência do caminho) e orientados para a inovação incremental em trajetórias previsíveis.

O termo regime sociotécnico é utilizado para se referir ao conjunto semicoerente de regras de diferentes grupos sociais (GEELS, 2002). Geels (2006) explana que o nível dos regimes tem três elementos interligados: uma rede de atores e grupos sociais, como engenheiros, empresas, fornecedores, universidades, usuários, formuladores de políticas e grupos de interesse especial; regras formais, cognitivas e normativas que conduzem as atividades dos atores; elementos materiais e técnicos (artefatos, máquinas, infraestruturas).

Os regimes proporcionam direção e coordenação para os atores, possibilitando a estabilidade do sistema, contudo essa estabilidade é dinâmica, porque há inovação, mas é de natureza incremental, levando a trajetórias e dependências de caminho, resultantes de mecanismos de estabilização (GEELS, 2002, 2005, 2006). O alinhamento entre as regras, em conformidade com Geels (2004a), é o que dá estabilidade para o regime e força a coordenação das atividades.

Os nichos são importantes por fornecerem locais para processos de aprendizagem, além disso, também proveem espaço para construir as redes sociais que suportam as inovações, como cadeias de fornecimento e relações entre produtores e usuários (GEELS, 2002). Nos nichos, as redes sociais geralmente são pequenas, as regras cognitivas oscilam, há pouca estabilidade e muita incerteza, e os atores trabalham em várias direções, explorando diferentes trajetórias (GEELS, 2005). Apesar da aparente desorganização, Geels (2004a) exprime que os nichos proporcionam ambientes para o desenvolvimento de inovações radicais

por possibilitarem o distanciamento das regras do regime, o que não as elimina, apenas há o desvio delas, mantendo as regras relacionadas aos usuários, por exemplo.

As novidades emergem nos nichos devido à proteção que oferecem, em termos de subsídios fornecidos por autoridades públicas ou como investimentos estratégicos nas empresas, e aos critérios de seleção que são muito diferentes dos parâmetros do regime (GEELS, 2002, 2004a). Normalmente, as inovações que surgem nos nichos são orientadas para os problemas existentes nos regimes, por esse motivo, os atores apoiam o nicho, pois têm a esperança de que as novidades sejam usadas no regime ou até mesmo o substituam (GEELS, 2005). Porém, essa mudança não é fácil, especialmente por causa da estabilidade do regime. Por isso, Geels (2004a) dilucida que as inovações radicais podem ter uma incompatibilidade com o regime existente, que não se rompe facilmente.

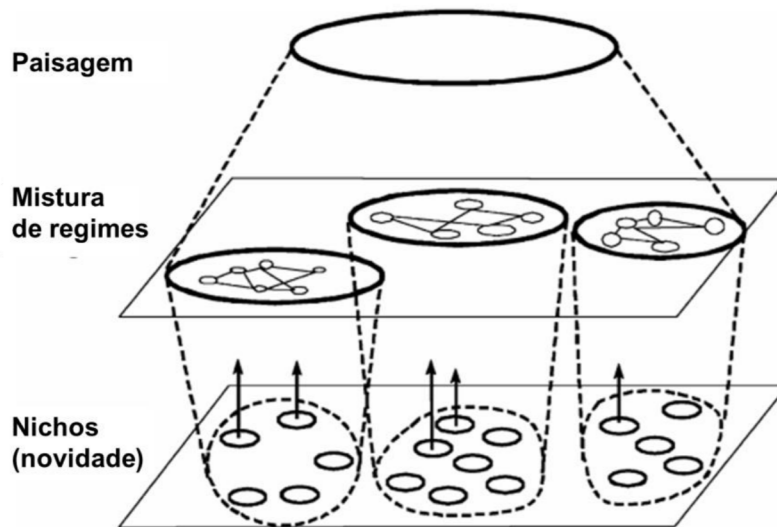
O micronível pode ser formado, conforme Geels (2005), por nichos tecnológicos ou por nichos de mercado. Nos nichos tecnológicos, os recursos são fornecidos por subsídios públicos ou investimentos estratégicos privados e funcionam como proto-mercados, que é quando a demanda do mercado ainda não está presente. Enquanto nos nichos de mercado os critérios de seleção são diferentes dos do regime existente e a novidade é usada nesses nichos para que forneçam recursos para especialização técnica.

As trajetórias tecnológicas estão situadas em uma paisagem sociotécnica, que consiste em um conjunto de tendências estruturais profundas e em aspectos do ambiente exógeno mais amplo (GEEELS, 2002, 2004a). A paisagem se refere, por exemplo, à macroeconomia, a padrões culturais profundos e aos desenvolvimentos macropolíticos, estão além da influência direta dos atores e suas mudanças geralmente ocorrem lentamente, na ordem de décadas (GEELS, 2005). Nesse sentido, para Geels (2004a), as paisagens sociotécnicas proporcionam uma estruturação ainda mais forte das atividades do que os regimes.

3.4.1 A relação entre os níveis

A relação entre os três conceitos pode ser apreendida por intermédio de uma hierarquia aninhada, o que significa que os nichos estão dentro dos regimes e os regimes dentro da paisagem (GEELS, 2002), como a Figura 3 ilustra.

Figura 3 - Múltiplos níveis como uma hierarquia aninhada

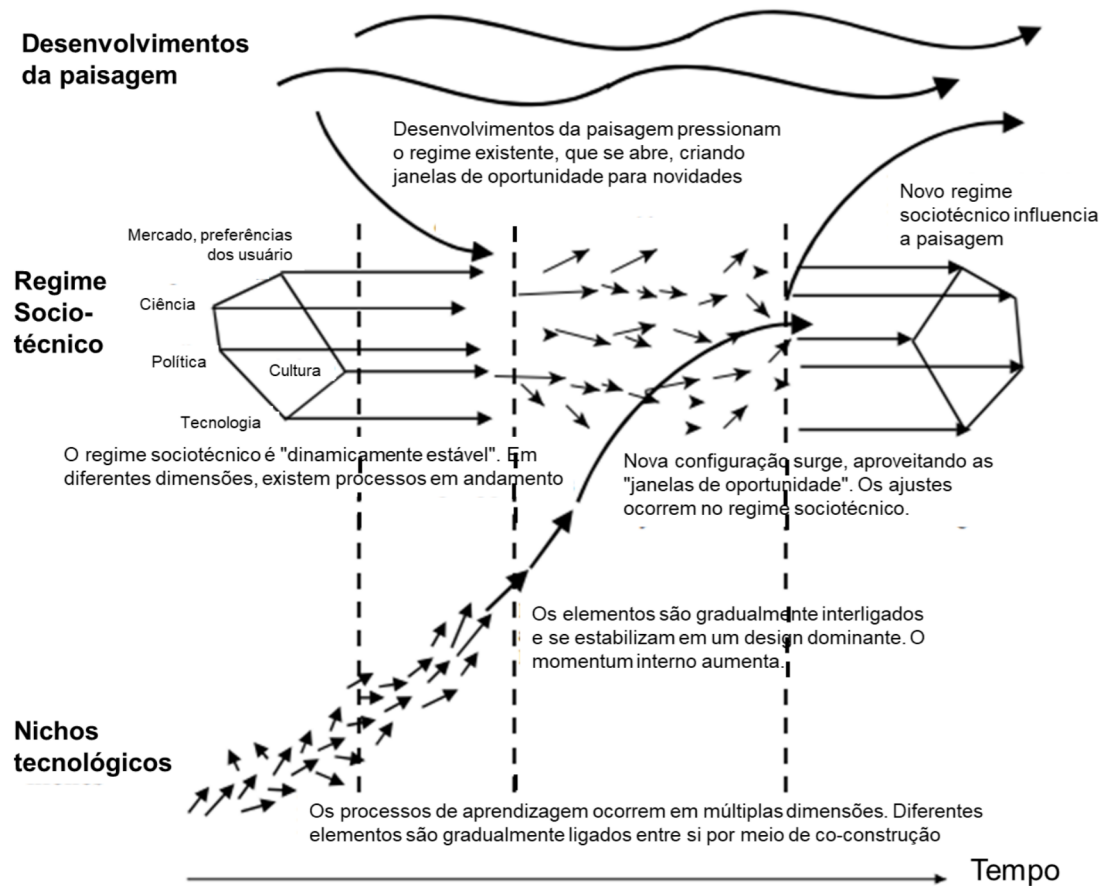


Fonte: traduzido de Geels (2002, p. 1261).

Conforme Geels (2005), o trabalho nos nichos é orientado para os problemas dos regimes, isso é o que as setas da figura representam. Ademais, o ponto-chave da perspectiva multinível é que as inovações ocorrem através da interação entre as dinâmicas em vários níveis. A partir disso, várias fases podem ser distinguidas nas transições (GEELS, 2005), como a Figura 4 indica. Na primeira fase, as novidades emergem em nichos no contexto do regime e da paisagem. Não existe um *design* dominante e várias formas técnicas competem entre si. Os atores improvisam, participando de experimentos para descobrir o melhor *design* e o que os usuários desejam. O objetivo é solucionar os problemas do regime.

Na segunda fase, a novidade é usada em pequenos nichos de mercado que fornecem recursos para a especialização técnica. Gradualmente, emerge uma comunidade dedicada de engenheiros e produtores, direcionando suas atividades para melhorar ainda mais a nova tecnologia. À proporção que essa comunidade articula novas regras, a nova tecnologia desenvolve uma trajetória técnica própria. E à medida que os usuários interagem com a nova tecnologia e as incorporam as suas práticas, eles acumulam experiência e exploram novas funcionalidades. Essa segunda fase resulta em uma estabilização de regras.

Figura 4 – A dinâmica da *multi-level perspective* em sistemas de inovações



Fonte: traduzido de Geels (2005, p. 369).

A terceira fase caracteriza-se por um avanço da nova tecnologia, ampla difusão e competição com o regime estabelecido. Por um lado, há *drivers* internos para o avanço da tecnologia. Por outro, o avanço dela depende de circunstâncias externas que criem janelas de oportunidade como: mudanças no nível da paisagem, que pressionem o regime; problemas técnicos e externalidades negativas no regime, que não podem ser atendidas com a tecnologia disponível; ou mudanças nas preferências dos usuários ou regulamentos mais estritos, que criam problemas para a tecnologia existente. A questão-chave é a interação entre os desenvolvimentos nos vários níveis. Conforme a nova tecnologia adentra nos mercados convencionais, ela começa uma relação competitiva com o regime estabelecido.

Na quarta e última fase, a nova tecnologia substitui o antigo regime e há mudanças nas dimensões mais amplas do regime socio-técnico. Isso acontece de maneira gradual, porque a criação de um novo regime leva tempo. Além do mais, os operadores históricos tendem a

manter as tecnologias antigas, por causa de interesses adquiridos e por causa dos investimentos irrecuperáveis. O novo regime pode eventualmente influenciar o desenvolvimento da paisagem.

Resumidamente, Geels (2002) elucida que o mesonível dos regimes sociotécnicos explica a estabilidade do desenvolvimento tecnológico existente e a ocorrência de trajetórias. O macronível da paisagem consiste em fatores externos que mudam lentamente, proporcionando gradientes para as trajetórias. O micronível dos nichos explica a geração e o desenvolvimento de inovações radicais. Assim, segundo Geels (2004b), a (sócio)lógica dos níveis é que eles fornecem diferentes tipos de estruturação de atividades nas práticas locais. Nos nichos há apenas uma estruturação vaga e solta, possibilitando a experimentação; as atividades dos atores vão em muitas direções, não existe coordenação forte; as redes sociais são precárias; e os atores têm que defender o nicho e articular as regras. Nos regimes, as atividades nas práticas locais são muito mais fortes. As regras são estáveis, com efeitos de coordenação nas atividades dos atores. As regras orientam percepções, expectativas de papel e ações nas comunidades sociais. É possível desviar-se das regras, mas isso exige muito esforço. As paisagens sociotécnicas, por sua vez, fornecem uma estruturação ainda mais forte, posto que é difícil se afastar dos ambientes materiais (estruturas urbanas, redes elétricas, infraestruturas), crenças, símbolos e valores culturais amplamente compartilhados.

Um ponto importante da perspectiva multinível é que o sucesso de uma nova tecnologia não é apenas governado por processos dentro do nicho, mas também por desenvolvimentos no nível do regime e da paisagem (GEELS, 2002). Ademais, as inovações de nicho podem romper com mais facilidade as barreiras do regime se a paisagem criar pressões sobre o regime que levem a rachaduras, tensões e janelas de oportunidade. As lutas subsequentes entre nichos e regimes, e possíveis substituições, ocorrem em múltiplas dimensões, como mercados ou regulamentos, e são legitimadas por atores interpretativos que lutam, negociam, procuram, aprendem e criam coalizões enquanto navegam nas transições (GEELS, 2010).

Nesse aspecto, tem-se que essa abordagem também tem um viés de substituição, onde uma inovação importante rompe e substitui o regime existente. Contudo, para torna-la útil no entendimento das mudanças em sistemas complexos sem tecnologia dominante, é necessário fazer ajustes. Para tanto, Geels (2006) utiliza três fontes: a teoria dos sistemas técnicos, a teoria do ator-rede e a literatura sobre inovação modular. Para o autor, essas teorias podem ser

incorporadas à perspectiva multinível, alterando os pressupostos originais sobre as relações entre inovações de nicho e regime. Há dois pressupostos importantes. O primeiro é o de que as inovações de nicho sempre têm uma relação negativa e competitiva com o regime existente e visam derrubá-lo. Quando, na verdade, as inovações de nicho também podem ser simbióticas e serem adotadas no regime para solucionar pequenos problemas ou cumprir funções adicionais. O segundo pressuposto é o foco no surgimento e no avanço de uma inovação de nicho. Porém, os nichos também podem atuar como locais onde vários novos elementos são gerados.

A combinação desses dois pressupostos leva a um caminho de reconfiguração dentro da perspectiva multinível, onde as transições não são causadas pelo avanço de uma tecnologia, mas por sequências de inovações que são desenvolvidos em nichos à margem do regime e são posteriormente adotadas no regime para resolver pequenos problemas específicos. Assim, a combinação dos desenvolvimentos em curso do regime, a adoção de novos elementos de nicho e a pressão da paisagem podem, ao longo do tempo, resultar em grandes mudanças no sistema. Na próxima subseção, são discutidos os diferentes mecanismos do processo de mudança e trajetórias de transição.

3.4.2 Transições na perspectiva multinível

Como na perspectiva multinível não há uma única causa ou um *driver* para as transições, para a transição acontecer é necessário que a dinâmica nos diferentes níveis se una e se reforce mutuamente, soma-se a isso que as mudanças do sistema são resultado das interações entre grupos sociais com visões míopes e diferentes interesses (GEELS; KEMP, 2007). A partir disso, os autores elaboram uma distinção sistemática entre três tipos de processos de mudança: reprodução, transformação e transição.

No processo de reprodução, há apenas dinâmicas no nível do regime. O sistema e o regime sociotécnicos existentes constituem um contexto estável para (inter)ação de grupos sociais. As regras existentes são reproduzidas pelos atores e os elementos do sistema são refinados. A orientação dos atores dominantes, a tecnologia-chave e a base de conhecimento não mudam fundamentalmente. Porém, há uma modificação incremental e cumulativa ao longo das trajetórias. Existem muitas razões pelas quais os regimes e sistemas existentes são constantes e essa estabilidade é dinâmica, significando que ocorrem inovações incrementais.

Tais inovações em regimes consistentes são importantes, porque, ao longo do tempo, elas podem se acumular e resultar em grandes melhorias no desempenho.

Na transformação, existem dinâmicas de interação no nível do regime e da paisagem, mas pouca influência dos nichos. O mecanismo básico é que mudanças na paisagem criam pressão sobre o regime, levando à reorientação da direção de atividades inovadoras. Isso acontece através de uma mudança nas regras do regime que coordenam as ações dos atores do regime. O ajuste e a reorientação para a pressão externa da paisagem não ocorrem de forma mecânica, mas através de negociações, lutas de poder e alianças de atores. Uma vez que os atores do regime tendem a minimizar a necessidade de transformação, muitas vezes é importante mudar a rede social para iniciar esse processo. Na transformação, um novo sistema pode surgir do antigo por meio de ajustes acumulados em uma nova direção.

No processo de transição, existe a mudança de um sistema sociotécnico para outro. Não é apenas a reorientação de uma trajetória, mas a mudança para uma nova trajetória. Na transição, existem interações entre paisagem, regime e nicho. Os desenvolvimentos na paisagem criam pressão sobre o regime, levando a grandes problemas. Os atores do regime reagem com ajustes no sistema (como no processo de transformação), mas não conseguem resolver os problemas. Isso cria uma janela de oportunidade para as inovações desenvolvidas em nichos e realizadas por uma nova rede de grupos sociais. Se uma inovação romper e substituir o sistema existente, isso será acompanhado pela destruição criativa e pelo colapso de alguns atores estabelecidos. Uma vez que acontece a transição, um novo período de estabilidade dinâmica e reprodução se instala.

De modo semelhante, Geels e Schot (2007) discutem trajetórias de transição e sugerem quatro proposições: transformação, desalinhamento e re-alinhamento, substituição tecnológica e reconfiguração. Uma quinta proposta é adicionada e aborda a possível sequência de caminhos de transição, ou seja, como as transições podem começar com uma trajetória e mudar para outras.

Na reprodução, se não há pressão de paisagem externa, o regime permanece estável e se reproduzirá. Podem existir inovações nos nichos, mas têm pouca chance de se desenvolverem, desde que o regime esteja estável. Reforçar a evolução da paisagem ajuda a estabilizar o regime. Pode haver problemas internos no regime, mas a percepção compartilhada é que o regime possui um potencial de resolução de problemas suficiente para lidar com eles.

Na transformação, se houver pressão moderada da paisagem no momento em que as inovações de nicho ainda não foram suficientemente desenvolvidas, os atores do regime responderão modificando a direção das trajetórias de desenvolvimento e as atividades de inovação. No Desalinhamento e re-alinhamento, se a mudança de paisagem é divergente, grande e repentina, os problemas de regime crescente podem fazer com que os atores do regime percam fé. Isso leva ao desalinhamento e à erosão do regime. Se as inovações de nicho não estão suficientemente desenvolvidas, então não há um substituto claro. Isso cria espaço para o surgimento de múltiplas inovações de nicho que coexistem e competem por atenção e recursos. Eventualmente, um nicho de inovação torna-se dominante, formando o núcleo para o re-alinhamento de um novo regime.

Na substituição tecnológica, se houver muita pressão da paisagem no momento em que as inovações de nicho se desenvolveram suficientemente, a inovação romperá e substituirá o regime existente. Sem pressão na paisagem, isso continua sendo um processo de reprodução. Torna-se um caminho de substituição tecnológica quando há pressão da paisagem sobre o regime. Na reconfiguração, as inovações simbióticas, que se desenvolveram nos nichos, são inicialmente adotadas no regime para resolver problemas locais. Posteriormente, desencadeiam novos ajustes na arquitetura básica do regime. Se a pressão da paisagem assumir a forma de mudança disruptiva, é provável que surja uma sequência de trajetórias de transição, começando com a transformação, levando à reconfiguração e possivelmente seguida da substituição ou do desalinhamento e re-alinhamento.

Os autores sublinham que as trajetórias não são deterministas e que não há garantia de que um novo regime sociotécnico seja estabelecido, soma-se a isso que essas trajetórias representam tipos ideais e por isso sua aplicação a casos empíricos requer cuidados. Com base no exposto, a seguir, o método deste trabalho é descrito.

3.5 Método

Os principais estudos que aplicam a perspectiva multinível utilizam casos históricos (GEELS, 2002, 2005, 2006). Apesar de não ser claro como dados secundários são coletados e analisados, para Geels (2011), essas pesquisas poderiam se beneficiar da aplicação de outros métodos. A perspectiva multinível não deve ser reduzida a um procedimento mecânico, pois a

pesquisa de fenômenos complexos, como as transições, não pode ser reduzida à aplicação de procedimentos metodológicos e contém elementos de interpretação criativa (GEELS, 2011).

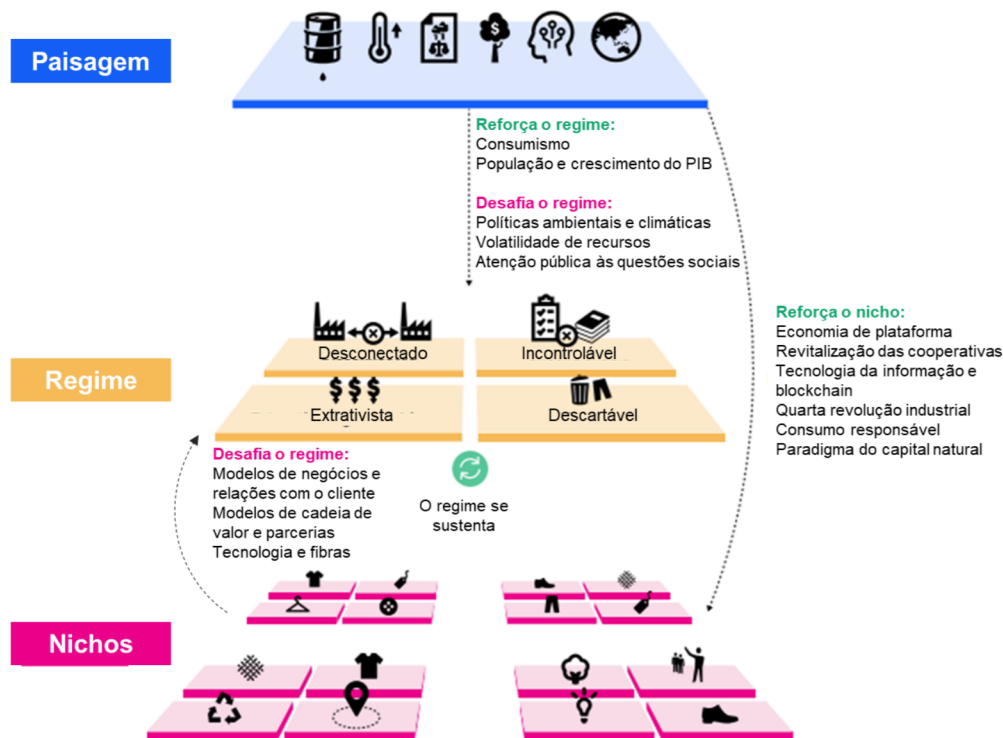
Diante disso, esta pesquisa utiliza dados secundários sobre a sustentabilidade na indústria da moda. Foram revisitados livros, artigos, relatórios e reportagens para compreender uma possível transição com o auxílio da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 1977). As categorias da pesquisa, baseadas na perspectiva multinível, foram: sistema da moda; transição para a sustentabilidade na moda; paisagem; regime; e nicho. Buscou-se especificamente por esses termos e também por expressões que os traduzissem. Por exemplo, procurou-se pelas consequências do COVID-19 na moda para entender a paisagem. Foram analisados 12 relatórios, 19 artigos e teses e 11 reportagens. A seguir são apresentados os resultados da análise.

3.6 O sistema da moda

Buchel et al. (2018) analisam o sistema da moda e descrevem as características principais de seus níveis: o regime, que é a cultura dominante, a estrutura e as práticas e inclui as causas profundas de problemas persistentes; a paisagem, que são influências externas e tendências que ameaçam ou reforçam o status quo; e o nicho, que são iniciativas e inovações experimentando formas alternativas de fazer, pensar e organizar a moda. A figura 5 ilustra essa análise.

Os autores apontam 4 características do regime da moda que tornam o sistema da moda insustentável. É desconectado, posto que as relações são transacionais, há fragmentação e as relações de poder desiguais levam à irresponsabilidade mútua e ao conservadorismo. É incontrollável, por ser um mercado global não regulamentado com externalidades negativas para manter as práticas opacas. É descartável, porque a cultura valoriza o consumo e os clientes exigem quantidade e novidade e descartam os itens rapidamente. E é extrativista e impulsionado pelo crescimento, uma vez que as margens e externalidades são comprimidas para maximizar os lucros e depende fortemente de recursos não renováveis e insumos virgens.

Figura 5 - O sistema da moda

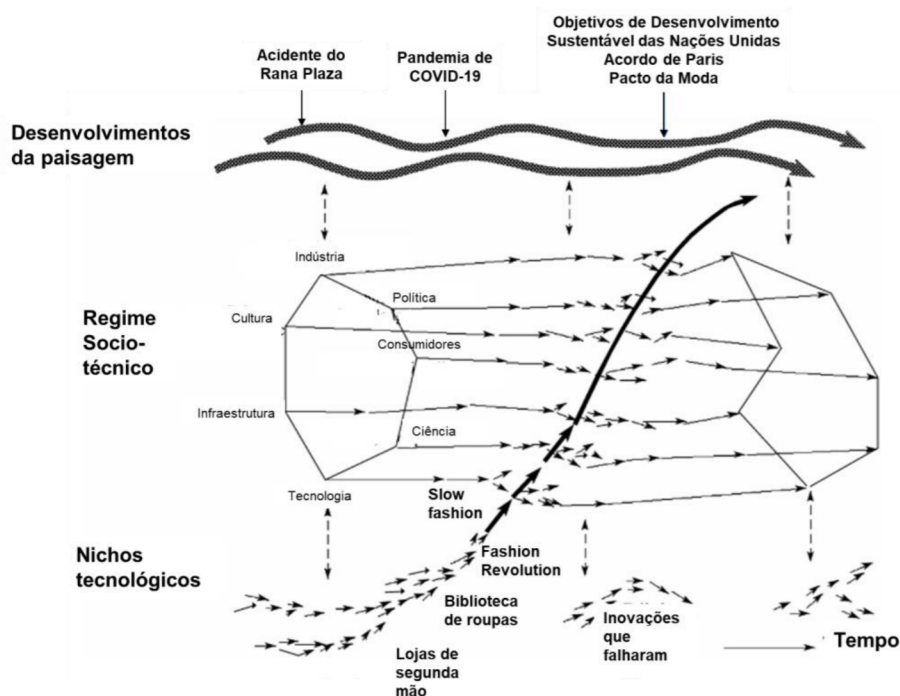


Fonte: adaptado de Buchel et al. (2018).

Sierra (2021), por seu turno, em seu estudo sobre o papel da cultura na transformação sustentável da indústria têxtil e de confecções, apresenta um estudo de caso do regime de *fast fashion* e expõe 3 das 4 fases da transição para esse regime sociotécnico. A análise sociotécnica foca o vestuário como função social e o regime *fast fashion* como estrutura dominante nos últimos 30 anos com o esgotamento de recursos e efeitos negativos na sustentabilidade do planeta. Para o autor, na lógica dos sistemas sociotécnicos, entende-se que o regime *fast fashion* é o resultado da evolução de outros regimes como a otimização do transporte internacional de mercadorias, as políticas de liberalização da década de 1990 que permitiram a entrada da China no mercado, a consolidação da sociedade de consumo, os avanços da química dos polímeros e a desfragmentação dos padrões culturais da sociedade pós-industrial.

A partir da análise de documentos elaborou-se a Figura 6 a seguir para descrever o sistema da moda e seus elementos.

Figura 6 – A dinâmica da perspectiva multinível na transição para a sustentabilidade no sistema da moda



Fonte: adaptado de Geels (2002).

Na subseção a seguir discorre-se sobre a paisagem, o regime e o nicho desse sistema.

3.6.1 A paisagem

Nos últimos anos uma série de acontecimentos tem proporcionado um olhar mais crítico sobre a configuração atual do sistema da moda e pressionado por mudanças estruturais. O desabamento do prédio da fábrica Rana Plaza na capital de Bangladesh, Daca, em 24 de abril de 2013, matou mais de 1.130 trabalhadores do setor de confecções (PARVEEN, 2014). Esse acidente foi um divisor de águas. Rutter *et al.* (2017) afirmam que uma das contribuições mais profundas para a política de moda ética emergiu dali. Em decorrência do desastre, foram criadas políticas como o Acordo de Segurança de Bangladesh que demonstram que o ponto de inflexão está ganhando impulso em direção a melhores práticas.

Em resposta às imagens marcantes do Rana Plaza, consumidores, políticos, ONGs, acadêmicos e outras partes interessadas examinaram como essas fábricas são administradas,

mostrando sua indignação contra marcas de vestuário que tinham negócios nessa fábrica, como Walmart, Benetton, Mango e Primark (JOY; PEÑA, 2017). Conforme os autores, esses eventos abrem os olhos dos consumidores para os custos que são arcados por outros na fabricação de roupas baratas e pressionaram as empresas e suas cadeias de suprimentos a serem mais transparentes.

De modo semelhante, Han *et al.* (2017) defendem que após a tragédia surgiu uma nova onda de preocupação com a sustentabilidade que enfatiza as questões-chave da década de 1990, a saber, os direitos dos trabalhadores e as condições de segurança nas fábricas e, de maneira mais geral, as leis trabalhistas.

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas (2015), o Acordo de Paris (2015) e, especificamente, o Pacto da Moda (2019) também pressionam o regime da moda ao estabelecerem metas e orientações que se não alcançadas põem em risco a existência de um futuro.

A crise causada pela pandemia de COVID-19 reforçou as desigualdades estruturais existentes na indústria da moda, com trabalhadores desproporcionalmente impactados em redes de produção global e o que isso revela sobre a capacidade - e vontade - da indústria da moda de responder à crise (BRYDGES, 2020). Segundo Martinez-Pardo *et al.* (2020), depois do setor de viagens e turismo, de todos os bens de consumo e serviços, moda e luxo juntos foram os mais afetados negativamente pela crise sanitária e humanitária à medida que as lojas de varejo fecharam e os consumidores priorizavam as necessidades básicas.

Diante desse cenário, alguns autores, como Black (2020) e D'Adamo e Lupi (2021), defendem que é possível perceber esse momento como uma tendência e também uma oportunidade para criar um renascimento real e sustentável, redefinir a indústria da moda e caminhar em direção a um sistema regenerativo. De modo semelhante, alguns dos membros mais influentes da indústria da moda, como o British Fashion Council e o Conselho de Designers de Moda da América argumentam que a pandemia oferece uma chance para reformular a indústria e levar a um sistema de moda completamente novo e mais lento (BRYDGES; RETAMAL; HANLON, 2020).

Estudos publicados no último ano trazem análises desse cenário. Granskog *et al.* (2020) apontam que o envolvimento com a sustentabilidade se aprofundou durante a crise de COVID-19, com os consumidores europeus desejando que os atores da moda atuem com responsabilidade e considerem os impactos sociais e ambientais de seus negócios. A revisão

de Pelikánová, Nmeeková e MacGregor (2021) oferece propostas de como as ameaças de COVID-19 podem se tornar uma oportunidade para reconstruir esta indústria e concluem que essa é a hora para as *fast fashion* desacelerarem.

Brydges, Heinze e Retamal (2021), por sua vez, usaram um framework de *path dependency* para entender a evolução da indústria da moda australiana e avaliar o impacto do COVID-19 como um choque externo para essa evolução. Os resultados indicam que a pandemia levou à aceleração da ruptura industrial e ao surgimento de novos caminhos na indústria. Para os autores, junto com a produção local, a sustentabilidade pode ser uma prioridade crescente na indústria da moda e se tornar uma vantagem competitiva.

3.6.2 O regime

O regime sociotécnico da moda é formado por subregimes que incluem ciência, tecnologia, política, cultura, mercado e preferências dos usuários e também a indústria (têxtil e de confecções e química) e a agricultura. Como Geels (2004, 2011) explica, embora cada subregime tenha sua própria dinâmica, eles também são interdependentes e coevoluem entre si. De maneira que o alinhamento entre eles pode fornecer estabilidade, mas também pode levar a tensões.

No relatório “*Transition to good fashion*” de Buchel *et al.* (2018), o regime da moda é descrito como um mercado altamente competitivo e com crescente demanda por produtos cada vez mais baratos e em grandes quantidades, sua infraestrutura física é baseada em um processo linear de produção e consumo e a estratégia dos negócios em grande parte do setor é de preços mais baixos e maior volume de negócios. Essas características traduzem bem o regime *fast fashion*.

Relatórios dos anos seguintes sugerem tímidas mudanças no regime. No Pulse Score de 2019, Lehmann *et al.* (2019) mostram que a indústria da moda melhorou seu desempenho social e ambiental em 2018. Apesar dessa melhora, a indústria da moda ainda está longe de ser sustentável. Além disso, os resultados demonstram que as empresas de moda não estão implementando soluções sustentáveis com rapidez suficiente para contrabalançar os impactos ambientais e sociais negativos da indústria da moda.

No The Sustainability Gap, Akter *et al.* (2021) expõem que há sinais de engajamento positivo, mas a retórica da indústria da moda sobre a sustentabilidade costuma estar muito à

frente das ações das empresas. As empresas demonstraram maior progresso na análise e compreensão de seu impacto e no estabelecimento de metas para lidar com as emissões de gases de efeito estufa do que em planos concretos para investimentos estratégicos para atender a essas metas. Enquanto há menor empenho com questões como resíduos e direitos dos trabalhadores. Destaca-se que as empresas demonstraram o melhor desempenho em transparência - uma área onde os esforços de defesa e relatórios como o Fashion Transparency Index do Fashion Revolution ajudaram a impulsionar um progresso substancial.

No Fashion Transparency Index, da Fashion Revolution (2021), expõe-se que a indústria retrocedeu em muitos direitos humanos e questões ambientais por causa do COVID-19. Muitos fornecedores e seus trabalhadores não foram pagos devido ao cancelamento de pedidos. Ademais, o progresso em transparência na indústria da moda ainda é muito lento. Menos da metade das marcas divulgam informações sobre suas fábricas, como site e número de funcionários, e cerca de um quarto divulgam informações sobre as instalações de processamento de fibras e tecidos. Outro ponto é que quase metade das principais marcas e varejistas publicam sobre metas relacionadas ao uso de materiais sustentáveis, mas menos de um terço define o que constitui um material chamado sustentável.

É consenso que os consumidores estão mudando. Conforme Granskog *et al.* (2020), a mentalidade do consumidor não está fortemente ligada ao ciclo da moda, então agora pode ser o momento de reduzir a sazonalidade no sistema da moda, soma-se a isso que os consumidores estão abertos para comprar itens de moda mais duráveis, bem como consertá-los e mantê-los por mais tempo.

À medida que os veículos de notícias e as mídias sociais destacam a responsabilidade social e ambiental na indústria da moda, a preocupação do consumidor está crescendo (LEHMANN *et al.*, 2019). Amed *et al.* (2021) esclarecem que houve um aumento da importância da sustentabilidade nas decisões de compra. Ademais, à medida que o impulso para a mudança cresce junto com as campanhas para acabar com a exploração, os consumidores esperam que as empresas ofereçam mais dignidade, segurança e justiça aos trabalhadores em toda a indústria.

Martinez-Pardo e Seara (2020) destacam que após a pandemia, fatores como qualidade e durabilidade se tornarão mais importantes, dada a incerteza econômica esperada e os altos níveis de desemprego. Para os autores, o consumidor priorizará a confiança e o propósito e provavelmente avaliará as empresas com base em como elas agiram durante e após a crise.

Destaca-se que em períodos de instabilidade ou crise, como na pandemia, as compras são mais conservadoras, com o retorno aos valores mais sólidos, ao classicismo e ao conformismo (JONES, 2005; VICENTE-RICHARD, 1989).

Também estão havendo mudanças no sub-regime política. De acordo com a Fashion Revolution (2021), uma série de novas leis e regulamentações estão sendo proposta e exigirão que a indústria da moda global faça mais em direitos humanos e questões ambientais. Por exemplo, na União Europeia, as empresas serão obrigadas a avaliar, agir e relatar os direitos humanos e os riscos ambientais em todas as suas cadeias de abastecimento.

3.6.3 O nicho

No nicho, alguns movimentos têm se destacado nos últimos anos. Dentre eles, o *slow fashion*, que surgiu na área do design e se estendeu ao mercado incorporando ética à estética nos atos de produzir, comercializar e consumir roupas (BERLIM, 2021). Nele, como a autora explica, as cadeias produtivas são pequenas e éticas; há promoção do respeito e remuneração justa; o negócio considera a inclusão de todos (independentemente dos padrões da moda); e mantém uma relação real com os seus consumidores, produtores e fornecedores.

Por sua vez, Henninger e Singh (2017), salientam que a *slow fashion* se baseia em valores sustentáveis, levando em consideração aspectos sociais, ambientais e econômicos que buscam reduzir o impacto geral da indústria da moda no meio ambiente. Acrescentam ainda que o conceito de *slow fashion* pode ser melhor descrito em termos de ter uma consciência, desacelerando a produção e o ciclo de vida do produto, utilizando materiais renováveis e recursos locais e mostrando um compromisso com as técnicas de produção tradicionais, em que as roupas são projetadas para ter um estilo clássico e atemporal.

Berlim (2021, p. 133) comenta que:

em meio à pandemia de covid-19, em um cenário recessivo, no qual o varejo de itens não essenciais apresenta o menor volume de vendas das últimas décadas, o movimento *slow fashion* aparece como uma alternativa mercadológica, produtiva e, sobretudo, ideológica e apropriada ao momento, pois rompe com o mindset padrão da moda, com as formas produtivas tradicionais do mercado e considera uma nova percepção dos designers, gestores e consumidores.

Outro movimento que tem ganhado notoriedade é o Fashion Revolution, que faz campanha por uma indústria da moda limpa, segura, justa, transparente e responsável por meio de pesquisa, educação, colaboração, mobilização e defesa com o objetivo de transformar

o sistema (FASHION REVOLUTION, 2021). Para Rutter *et al.* (2017), a adoção hashtags como #fashrev e #whomademyclothes encoraja o envolvimento com a chamada global para a ação por meio de conteúdo gerado pelos consumidores que apresentam imagens das próprias roupas, exigindo que as marcas respondam às perguntas sobre sua origem.

Nesse sentido, Lehmann *et al.* (2019) explanam que as ONGs e a mídia devem continuar pressionando empresas e incentivando os consumidores a cobrarem das empresas o fornecimento de produtos sustentáveis de alta qualidade. Conforme os autores, as ONGs com foco nos consumidores têm um papel significativo a desempenhar ao educá-los por meio de ferramentas como o Fashion Transparency Index, elaborada pela Fashion Revolution, que fornecem aos consumidores classificações éticas e informações de sustentabilidade sobre fábricas e fornecedores envolvidos na fabricação de roupas.

Na ótica de Coutinho e Kauling (2020), o Fashion Revolution é um movimento inserido na base, que são as faculdades de moda, instigando e envolvendo professores e alunos a questionarem as empresas de moda, atingindo os profissionais da área e consumidores. Por isso, o Fashion Revolution pode ser a principal engrenagem para uma nova lógica de produção e comercialização de artigos de moda.

No nicho há ainda o desenvolvimento e crescimento de “novos” modelos de negócios, como o compartilhamento em bibliotecas de roupas (IRAN; SCHRADER, 2017) e a revenda de roupas de segunda mão (AMED *et al.*, 2021). O Relatório de Revenda de 2021 (THREDUP, 2021) expõe que a demanda por roupas de segunda mão é crescente. Em 2020, 223 milhões de consumidores disseram que ou tinham ou estavam abertos a comprar produtos de segunda mão, além disso, estima-se que o mercado de segunda mão deve dobrar nos próximos 5 anos, chegando a US \$ 77 bilhões.

3.7 Considerações finais

A transição de um regime para outro é por si só um processo lento, complexo e incompleto. Uma transição no sistema da moda, cheio de peculiaridades e capilaridades, não seria diferente. Ainda assim questiona-se se de fato existe uma transição. Muito se tem falado na pandemia de COVID-19 como um catalizador que irá acelerar uma mudança em direção à sustentabilidade e, por isso essa é uma grande oportunidade. Oportunidade para quem? Muitos trabalhadores da indústria da moda tiveram sua renda comprometida, além disso,

havia a preocupação de que o lockdown pudesse aumentar os casos de escravidão moderna. Ademais, a maioria dos relatórios analisados utilizam dados públicos fornecidos pelas próprias empresas, então não se sabe até que ponto são confiáveis e verdadeiros ao invés de greenwashing.

Outro ponto para reflexão é que alguns autores têm apontado a moda circular como o futuro da sustentabilidade na moda. Porém, essa alternativa não trata dois pontos: o consumo excessivo e as questões trabalhistas. Não basta que uma roupa seja reciclada para mudar todo um sistema. Outra alternativa é a slow fashion, que vem ganhando notoriedade, mas também teve elementos cooptados pelo regime vigente. Indaga-se ainda se a ideia de moda atemporal e clássica (e também pasteurizada) é viável, quando as roupas são signo de identidade. Ainda assim, a slow fashion tem ganhado espaço como uma alternativa ao regime fast fashion e parece ser uma alternativa viável a longo prazo, por abranger produção, consumo e pós-uso e propor mudanças em todo o sistema da moda.

Estudos futuros podem analisar historicamente a transição do prêt-à-porter para fast fashion, bem como analisar regimes específicos, como o regime da moda no Nordeste ou o regime de jeans. Uma abordagem com dados primários poderia enriquecer a pesquisa ao mostrar a perspectiva de vários atores do regime e do nicho.

4 “COMPRE MENOS, ESCOLHA MELHOR E FAÇA DURAR”³: A SUSTENTABILIDADE NA PRÁTICA DE VESTIR

Nesta seção é apresentado o terceiro e último artigo e está organizada da seguinte maneira: introdução, contendo contextualização da pesquisa, justificativa e objetivo; em seguida discute-se a *slow fashion* como alternativa para a sustentabilidade na moda e as teorias de prática; no método é exposto como a pesquisa foi realizada; em resultados e análise apontam-se os principais achados do trabalho; e, na última parte, as considerações finais.

4.1 Introdução

A indústria da moda é reconhecida por suas características insustentáveis (ANGUELOV, 2015). A maior parte desse problema se dá por um modelo de negócio vigente: o *fast fashion*, que preza pela rapidez da fabricação ao consumo, resultando no curto ciclo de vida das roupas. Soma-se a isso os impactos sociais, relacionados à mão-de-obra, por exemplo, e ambientais, que incluem o uso da água e o descarte de roupas. Essas questões permeiam todo o sistema da moda, perpassando manufatura, uso e estruturas sociais.

Diante desse cenário, faz-se necessária uma transição. A *slow fashion*⁴ surge como uma alternativa que representa a ruptura com as práticas atuais do setor e dos consumidores e cujo propósito é tornar os processos mais éticos e ambientalmente amigáveis, prezando pela qualidade e resultando em roupas com estilo atemporal e maior ciclo de vida.

Essa transição da *fast fashion* para a *slow fashion* pode ser analisada sob a ótica da teoria de práticas. Nessa abordagem, conforme colocado por Schatzki (2001), o foco está nos processos de efetuação prática da vida social, que são os detalhes e as condições em que as atividades normais, como cozinhar ou lavar roupa, são socialmente executadas. Sendo possível também usá-la na análise do consumo como propõem Halkier (2013), Halkier, Katz-Gerro e Martens (2011) e Kuijer e Jong (2009). Desvia-se o foco da tomada de decisão de consumo individual para como as várias práticas sociais são realizadas (HARGREAVES, 2011). Consoante Shove e Pantzar (2005), as práticas envolvem a integração ativa de

³ Frase de Vivienne Westwood, estilista e ativista inglesa.

⁴ O *slow fashion* é “um termo e um conjunto de ideias que surge na área do design e torna-se um movimento que se estendeu ao mercado incorporando ética à estética nos atos de produzir, comercializar e consumir roupas” (BERLIM, 2021, p. 134).

materiais, significados e habilidades. De maneira que os artefatos não têm valor por si só, somente quando integrados na prática e aliados às formas necessárias de habilidade e de significado. Além disso, as práticas estão relacionadas aos hábitos e rotinas e ao tempo.

Na slow fashion, busca-se aumentar o ciclo de tempo de consumo das roupas. Um caminho para isso, e para tornar a moda mais sustentável, é mudar a forma como as pessoas usam, lavam e secam suas roupas (FLETCHER; GROOSE, 2011). Segundo Fletcher (2012), a durabilidade das roupas é promovida através das práticas de uso, que são práticas sociais que facilitam e emergem em torno do uso contínuo das roupas ao longo do tempo. Indo além, tem-se a prática de se vestir, que é como as roupas são escolhidas diariamente no guarda-roupas e combinadas entre si; e também a prática de vestir que inclui as práticas relacionadas à aquisição, manutenção, reparo e descarte, considerando que essa é um composto de práticas (GILL; LOPES, 2011; KLEPP; BJERCK, 2012; WARDE, 2016; WOODWARD, 2007).

Diante do exposto, o objetivo deste artigo é compreender a sustentabilidade na prática de vestir, considerando como e se os elementos da slow fashion são aplicados no cotidiano. Especificamente, busca-se identificar materiais, significados e habilidades nas práticas de aquisição, manutenção e reparo das roupas, em um contexto espacial e temporal.

Para atingir o objetivo proposto foi feita uma pesquisa de campo em uma cidade que vem se destacando por ter um mercado de slow-fashion, Berlim, e buscando entender o dizeres e fazeres dos praticantes. Foram realizadas 24 entrevistas com a comunidade brasileira que vive em Berlim entre os meses de agosto e setembro de 2018. Com os dizeres dessas entrevistas, foi possível entender um pouco sobre a prática de vestir, especialmente acerca do cuidado com as roupas, do compartilhamento e da reciclagem de roupas.

A pesquisa justifica-se diante do gap existente na análise da moda e da sustentabilidade sob a lente da teoria de práticas (MARTÍNEZ-BARREIRO, 2020), uma vez que as práticas mundanas e ordinárias têm sido ignoradas pela moda, que enfatiza o novo e o espetacular (BUCKLEY; CLARK, 2017; SKJOLD, 2016).

A escolha por pesquisar brasileiros residentes em Berlim se deu pela participação em um projeto intitulado “Interventions towards sustainable consumption: a cross-cultural

comparison between Germany & Brazil” do programa PROBRAL⁵, cujo propósito era comparar diferentes estratégias de promoção de estilos de vida sustentáveis na Alemanha e no Brasil com foco em uma mudança para hábitos de consumo extensivos de recursos. Soma-se a isso que Berlim é reconhecida como capital da moda verde (FLOOD, 2019), onde a *slow fashion* é uma tendência (BERG, 2019) e está marcadamente presente seja por meio de lojas com essa proposta, seja por meio de brechós.

4.2 *Slow fashion*: alternativa para a sustentabilidade na moda

O movimento *slow fashion* propõe retomar os valores da qualidade das peças de vestuário, oferecendo itens mais duráveis e que não seguem as tendências ditadas pela moda (JOY; PENÃ, 2017; WATSON; YAN, 2013). Seu propósito é identificar soluções sustentáveis de design, produção, consumo, uso e reutilização (CLARK, 2008).

Esse processo mais lento, na perspectiva de Pookulangara e Shephard (2013), desafia as empresas de vestuário a incluir práticas sustentáveis em seus projetos e selecionar métodos de produção que enfatizem a qualidade e o artesanato. Além disso, Lai, Henninger e Alevizou (2017) expõem que o processo de design deve ser centrado na extensão da vida das roupas, desenvolvendo um estilo atemporal, em que a produção é ética e socialmente responsável, pagando salários justos aos trabalhadores e criando empregos locais.

Uma característica importante da *slow fashion* é a ênfase no equilíbrio, no sentido de que os fornecedores podem planejar as encomendas e prever o número de trabalhadores no longo prazo, dando às empresas tempo para construir relacionamentos mutuamente benéficos (ERTEKIN; ATIK, 2015). Ademais, não há necessidade de trabalhadores temporários ou subcontratados ou horas extras excessivas para atender ordens imprevisíveis com prazos impossíveis. Por isso, Jung e Jin (2016) realçam que a produção lenta melhora a qualidade de vida dos trabalhadores, garantindo seus direitos e eliminando a pressão na produção de vestuário, e eles podem dedicar mais tempo a cada peça, melhorando sua qualidade.

Outro elemento-chave é a transparência, o que pode facilitar a criação de novos mercados e impulsionar mudanças profundas no mercado atual, incentivando a demanda por

⁵ O programa PROBRAL apoia projetos conjuntos de pesquisa desenvolvidos por grupos brasileiros e alemães vinculados a Instituições de Ensino Superior/ou Pesquisa. O programa é resultado da parceria entre a Capes e o Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD).

slow fashion (JOY; PENÃ 2017; POOKULANGARA; SHEPHARD 2013). Especialmente porque, como Crane (2016) esclarece, o vestuário não possui rótulos que informem aos consumidores sobre as condições em que foi produzido.

A *slow fashion* é um caminho, por exigir uma visão holística, apesar disso, ainda não está claro se esse movimento pode eventualmente desafiar o domínio global da *fast fashion*, visto que estão envolvidos muitos *trade-offs* e conflitos (ERTEKIN; ATIK, 2015; JUNG; JIN, 2014; NIINIMÄKI, 2013). Crane (2016) e Pedersen e Andersen (2015) declaram que a natureza sistêmica dos desafios de sustentabilidade na indústria da moda destaca a necessidade de ação de todos os stakeholders. Isto é, a sustentabilidade não diz respeito somente a produtores e usuários (PETERSEN; RIISBERG, 2017).

Conforme Niinimäki (2013), a extensão da vida útil das roupas é uma das questões mais críticas para o desenvolvimento sustentável. Semelhantemente, Jung e Jin (2014) defendem que maximizar a utilidade de uma peça de vestuário permitiria reduzir o consumo de recursos naturais e o desperdício de energia e incentivaria as pessoas a comprar menos, desde que a peça fosse de qualidade superior e durável, tanto em termos de materiais, quanto em relação ao estilo. Consoante Niinimäki e Hassi (2011), promover o consumo mais sustentável pode significar adotar a *slow fashion* por meio da compra de produtos locais ou personalizados para alcançar alta qualidade e valor sustentável. Para Moon *et al.* (2013), na fase de utilização, os recursos usados para cuidar de um produto de moda durante sua vida de uso, como lavar e engomar, também devem ser considerados.

Na *slow fashion*, a durabilidade está ligada à sustentabilidade. Fletcher (2012) elucida que materiais resistentes têm potencial para prolongar a vida do produto e vida mais longa proporcionam mais oportunidades para utilizar um produto, fazendo com que o consumo seja prevenido, os recursos salvos, o desperdício reduzido e as necessidades atendidas. Alguns tópicos devem ser considerados em relação ao uso e consumo sustentável de roupas: comprar menos roupas; investir em roupas com significado; investir em roupas duráveis, com estilo clássico e alta qualidade; investir em materiais sustentáveis e rótulos ecológicos; estender o tempo de utilização das roupas e vesti-las mais frequentemente; lavar menos e deixar a roupa descansar entre os usos; fazer a manutenção e o reparo do vestuário; usar serviços para intensificar e ampliar o tempo de uso (NIINIMÄKI, 2013).

Outro ponto de destaque são os resíduos têxteis e de vestuário. Niinimäki e Hassi (2011) expressam que a quantidade crescente de resíduos levou à reutilização e à reciclagem.

Porém, essas abordagens são criticadas porque não enfrentam os verdadeiros problemas: o aumento do consumo, o crescente problema de resíduos, o impacto ambiental do aumento da produção têxtil; e os problemas de sustentabilidade social da indústria têxtil e de vestuário. Principalmente porque exige apenas uma pequena mudança de produtores e consumidores, que podem continuar com seus padrões de consumo insustentáveis. Diante disso, a literatura elenca uma série de práticas orientadas para a abordagem *slow fashion*, como exposto no Quadro 1.

Quadro 1 - Práticas relacionadas à *slow fashion*

Prática	Explicação/Relevância para a sustentabilidade	Autores
Adquirir roupas feitas à mão	Processo de fabricação com métodos tradicionais e em pequenos lotes. Está relacionado com personalização e diferenciação e, de certa forma, humaniza os produtos julgados frios e mecanizados.	Aakko (2013) Cidreira (2005)
Alugar ou pegar roupas emprestadas	Aluguel de roupas por um período limitado de tempo pagando uma taxa ou empréstimos entre amigos e familiares. Esse modelo pressupõe que o aumento da circulação de roupas entre consumidores tem potencial para satisfazer seu apetite pela mudança e novidade sem aumentar o consumo.	Pedersen, Gwozdz e Hvass (2016) Petersen e Riisberg (2017) Zamani, Sandin e Peters (2017)
Adquirir roupas de segunda mão	As roupas que recebem uma segunda vida poluem menos por pouparem energia, diminuírem a pressão sobre recursos virgens e reduzirem a necessidade de espaço em e, por isso, o papel da reciclagem e do <i>vintage</i> para a sustentabilidade é reconhecido.	Allwood <i>et al.</i> (2008) Cervellon e Wernefelt (2012) Lee (2007)
Customizar e reparar	Quando se reconhece a contribuição e a relevância dos serviços de reparo, reforma e manutenção de roupas para a sustentabilidade da indústria da moda, elas deixam de ser um conjunto de atividades isoladas e específicas e passam a ser um elemento intrínseco à efetividade geral do sistema de moda.	Ekström e Salomonson (2014) Fletcher e Groose (2011)
Doar/vender/trocar	Doar e vender roupas é uma forma de se desfazer delas aumentando seu ciclo de vida. Trocar está se tornando popular por ser outra forma de os consumidores reciclarem suas roupas.	Joung e Park-Poaps (2013) Lee <i>et al.</i> (2013)
Reciclar roupas: <i>upcycling</i> e <i>downcycling</i>	Os processos de <i>upcycling</i> visam manter a qualidade do produto alta e pode até significar aumentar o valor do material. No <i>downcycling</i> , por sua vez, há perda de valor do material e a qualidade é menor do que no material original.	Fletcher e Groose (2011) Niinimäki (2013)

Fonte: elaborado pela autora.

Embora o *design* e a produção sejam extremamente importantes para essa perspectiva, as práticas são mais direcionadas para a redução do consumo, valorização da produção local e do feito à mão e a extensão do ciclo de vida das roupas.

4.3 Teoria de Práticas

A teoria de práticas inclui múltiplas teorias de prática e sistematiza vários elementos sobre as práticas sociais (HALKIER, 2013). Nela, as práticas são as unidades básicas de análise (RØPKE, 2009), por isso, desvia-se o foco da tomada de decisão individual para como as várias práticas sociais são realizadas (HARGREAVES, 2011). Sob essa perspectiva, as ações individuais são constituídas por práticas, as quais são construídas e sustentadas por praticantes que ao se envolverem em práticas as normalizam e sustentam (AXSEN, 2012; RØPKE, 2009). Para Halkier (2017), a performance (forma de praticar) é produzida, negociada e reproduzida através da interação social.

À medida que os indivíduos vivem, eles entram em contato, são recrutados, têm carreiras e, ocasionalmente, são defeituosos para uma grande variedade de práticas diferentes. A teoria de práticas enfatiza que é mediante esses compromissos com práticas que os indivíduos entendem o mundo ao seu redor e desenvolvem um senso mais ou menos coerente de si mesmos (HARGREAVES 2011).

Isso implica, de acordo com Reckwitz (2002), que o indivíduo age como um transportador de práticas – diferentes e muitas delas, que não precisam ser coordenadas entre si. Assim, ele não é apenas um portador de padrões de comportamento corporal, mas também de certas formas rotineiras de compreensão, conhecimento e desejo. Esses são elementos e qualidades necessários da prática que o indivíduo participa e não qualidades do indivíduo. Além disso, a prática não é compreensível apenas para o agente que a realiza, mas também para observadores potenciais. Uma prática é uma maneira rotineira na qual corpos são movidos, objetos são tratados, coisas são descritas e o mundo é entendido.

Conforme Strengers (2012), as teorias de prática privilegiam a totalidade social (normas sociais), instituições ou sistemas (estrutura), símbolos e significados culturais (simbolismo), ao invés de atitudes, comportamentos e escolhas. Elas também superam dualismos como oferta e demanda, consumo e produção, e comportamento e tecnologia. Isso significa que as práticas são a fonte e o suporte do significado, da linguagem e da normatividade.

As características da teoria de práticas podem ser sintetizadas, na ótica de Brand (2010), em quatro pontos principais: práticas sociais como unidades básicas de análise social;

práticas sociais, consumo e individualidade; práticas de rotina entre reprodução e mudança; e a natureza material das práticas sociais.

Reckwitz (2002) expõe que uma prática é um tipo de comportamento rotineiro que consiste em vários elementos interligados: formas de atividades corporais e mentais, coisas e seu uso, conhecimento, saber como fazer algo, estados emocionais. Uma prática forma um bloco cuja permanência depende da existência e da interconectividade específica desses elementos e não pode ser reduzida a nenhum deles. Da mesma forma, uma prática representa um padrão que pode ser preenchido por uma multiplicidade de ações únicas e muitas vezes que reproduzem a prática.

Para Shove e Pantzar (2005), as práticas envolvem a integração de materiais, significados e habilidades. Assim, os artefatos só têm valor quando integrados na prática e aliados às formas necessárias de habilidade e de significado. Ou seja, é a prática que importa e o surgimento e a extinção dela têm a ver com a formação e deformação de links entre materiais, imagens e habilidades. Materiais são coisas, ferramentas, infraestrutura, tecnologias; competências são habilidade, know-how e técnicas; e significados representam os sentidos, ideias e aspirações (SHOVE; PANTZAR; WATSON, 2012).

Hargreaves (2011) explica essa relação com um exemplo: o futebol envolve um conjunto específico de significados (regras, objetivo do jogo e nível de engajamento emocional); habilidades (driblar e chutar uma bola); e materiais (bola). Os links entre esses elementos são então (re)produzidos e mantidos por profissionais qualificados no decorrer de um jogo de futebol. De outra forma, Kuijer e Jong (2009) explicam que os artefatos representam as coisas usadas para fazer a prática; as convenções são ideias coletivas que existem na sociedade do que é uma prática normal; e as competências são habilidades e conhecimentos que podem ser incorporados tanto em produtos como em pessoas.

4.3.1 As práticas e a mudança

A compreensão das mudanças sociais é uma questão de entendimento de como as práticas evoluem, capturam praticantes e os perdem, quem são seus transportadores e como os sistemas e complexos de prática se formam e se fragmentam (FONTE, 2013; SHOVE, 2010). Conforme Shove e Pantzar (2005), novas práticas consistem em novas configurações de elementos existentes ou de novos elementos em conjunto com aqueles que já existem. Deste

ponto de vista, as inovações na prática não são determinadas pela geração de novos artefatos, imagens ou habilidades. O que realmente importa é a forma como os elementos constituintes se encaixam. Ademais, as inovações na prática exigem reprodução contínua.

A mudança social é como o conjunto de práticas sociais transformadoras emergem, se estabilizam e desaparecem à medida que as ligações entre entendimentos, habilidades e artefatos são formadas e quebradas (HARGREAVES, 2011; STRENGERS 2012).

Por seu turno, Watson (2012) defende que há três mecanismos fundamentais de mudança em qualquer prática. Primeiro, os elementos que compõem a prática podem mudar. Isso é notório em relação ao material necessário para realizar uma prática. Para as mudanças tecnológicas afetarem uma prática, elas devem ser integradas nas performances dessa prática por um praticante, com implicações para as competências e significados que circulam dentro da prática. Elementos de significado e de competência também podem ser fontes de dinamismo, uma vez que são integrados nas performances da prática.

Em segundo lugar, a população de transportadores da prática pode mudar. A descrição de como os elementos das práticas podem mudar evidencia o papel central do praticante. Os momentos de inovação na prática enfatizam que, para uma abordagem prática, enquanto os indivíduos podem ser descentralizados a partir da análise, é necessário reconhecer as pessoas e suas capacidades únicas e envolvimento ativo na dinâmica das práticas. Em terceiro lugar, a forma como uma prática engloba outras práticas é significativa para mudanças nos elementos de práticas e processos de recrutamento. As práticas relacionam-se entre si no nível de como as pessoas as realizam na organização de seus dias.

A prática como entidade é um conjunto de atividades corporais e mentais mantidas unidas por materiais, significados e competência, mas ao serem constituídas por performances, as práticas são enraizadas em hábitos e rotinas (JAEGER-ERBEN; OFFENBERGER 2014; RØPKE, 2009; WATSON, 2012). Evans, McMeekin e Southerton (2012) expõem que enquanto as práticas são realizadas rotineira e habitualmente no espaço e no tempo (e assim reproduzidas), os praticantes podem adaptar, improvisar e experimentar as formas de fazer. O ponto crucial é que práticas são feitas por e através da reprodução de rotinas (SHOVE; PANTZAR, 2005), tema do próximo tópico.

4.3.2 Hábitos e rotinas

O termo hábito, de acordo com Shove (2012), se refere a práticas recorrentes e consistentemente reproduzidas por praticantes comprometidos (pessoas que praticam a prática). Isso implica que todos os hábitos são práticas, mas nem todas as práticas exigem reprodução habitual (rotina). Além disso, os hábitos podem oferecer aos transportadores vários benefícios como simplificar a vida cotidiana, sugerir decisões e fornecer conforto, estabilidade e ordem. É importante distinguir práticas que são recorrentes e infielmente realizadas (estão evoluindo o tempo todo) das que são recorrentes, mas de forma consistente e fiel. Os hábitos pertencem a esta última categoria. Isso sugere que as práticas habitualmente legitimadas são aquelas em que os elementos constituintes de significado, materialidade e competência são relativamente estáveis (SHOVE, 2012).

Warde (2014) questiona como as pessoas chegam a ter rotinas práticas e temporais que as levam a repetir atividades de forma mais ou menos similar e mais ou menos semelhantes a outras pessoas em situações semelhantes. Para ele, há várias respostas. Talvez por meio das disposições sedimentadas na interseção ou interação entre a experiência anterior da atividade ou pela coordenação com outras atividades e pessoas. Alternativamente, os desempenhos podem resultar da exposição ao aconselhamento especializado, enunciado ou contido em artefatos que incorporem um design especializado e confrontados como um processo de aprendizagem ao longo da vida. Finalmente outras pessoas determinam o comportamento em contextos específicos, seja por meio de encorajamento e exemplo ou através do exercício de controle social e restrição. Independentemente dos mecanismos enfatizados, a regularidade e a ordem identificadas pelas teorias da prática decorrem de processos baseados na repetição, hábito, rotina e convenção.

4.3.3 As práticas e o tempo

As práticas competem por muitos recursos limitados, como o tempo (WATSON, 2012). Para Røpke (2009), isso é complicado, visto que o tempo é constituído por práticas. Primeiro, as práticas moldam o tempo, por exemplo, quando as pessoas distinguem dias úteis de fins de semana porque fazem coisas diferentes nesses dias. Segundo, o tempo é um aspecto das práticas: é preciso tempo para realizar uma prática. Além da duração, há outros aspectos: as coisas devem ser feitas em uma sequência e a capacidade de ajustar várias atividades pode ser uma parte importante da competência envolvida no desempenho da prática.

Southerton (2013) faz algumas observações sobre as práticas e o tempo. Para ele, diferentes práticas produzem suas próprias demandas temporais com base no grau em que exigem coordenação (ou sincronização) com outras pessoas ou práticas. Tais demandas são melhor explicadas considerando as dimensões temporais inter-relacionadas de duração, sequência e periodicidade. De modo que as práticas vêm com suas próprias demandas temporais que condicionam a experiência e o desempenho dessas práticas. Assim, a formação e reprodução de práticas particulares que parecem assumir formas de ação habituais e rotineiras são, pelo menos em parte, susceptíveis de serem condicionadas pelas múltiplas exigências temporais dessas práticas.

Por sua vez, Shove (2012), explica que as práticas como desempenho são legitimadas de várias maneiras, algumas mais habituais do que outras. Dito isso, certas práticas como entidades exigem mais de seus portadores do que outras práticas, e em graus variados, algumas implicam legitimação frequente. As demandas temporais associadas ao bom desempenho de uma prática variam. Algumas exigem momentos de atenção irregulares ou breves. Muitas persistem bem (como entidades) por longos períodos sem a execução recorrente. Outras controlam atenção constante. Ao distinguir essas formas, uma dúvida básica é se o tempo e o tempo de desempenho estão, de certo modo, incorporados nos elementos dos quais uma prática é composta.

4.3.4 Teorias de prática e consumo

O consumo, de acordo com Warde (2005), em si não é uma prática, mas sim um momento em quase todas as práticas. De modo que, como defende Halkier (2017), as práticas implicam em, oferecem ou convidam ao consumo. Por seu turno, Axsen (2012) explicita que a teoria da prática percebe o consumo por meio do conceito de prática, em que a prática descreve a rotina de atividades corporais e mentais relacionadas e é socialmente construída e refinada.

Na teoria de práticas, comprar é apenas uma maneira de adquirir bens e serviços consumidos no decorrer das práticas (RØPKE, 2009). Para a autora, as pessoas pensam em si mesmas como envolvidas em práticas ao invés de envolvidas no consumo, de maneira que o consumo raramente é significativo e não faz sentido dizer que as pessoas desejam consumir.

Em conformidade com Mylan (2015), há distinção das teorias econômicas do consumo, que se concentram em considerações deliberadas, conscientes e racionais das decisões de compra, da teoria de prática, que foca no consumo menos consciente e moldado por hábitos e rotinas. Os teóricos da prática tendem a se concentrar em tipos mundanos de consumo, enquanto as teorias econômicas se concentram em itens altamente visíveis e caros.

De acordo com Halkier e Jensen (2011), existem pelo menos dois recursos analíticos na abordagem da teoria de práticas para o consumo: uma que permite analisar maneiras de consumir e como elas estão entrelaçadas em redes de reproduções e mudanças sociais; outra que permite compreender o consumo como realizações em progresso que se situam nas interseções de múltiplas práticas e relações sociais na vida cotidiana.

Røpke (2009) expõe que a teoria de práticas dá mais importância para o “fazer” e ao uso. Assim, quando as pessoas adquirem algo, elas são vistas como motivadas por imagens das ações em que os produtos estão implicados. Contudo, mesmo adquirindo novas coisas, e isso possa induzir novas práticas, nem sempre as práticas imaginadas são realizadas.

O foco nos indivíduos como praticantes sugere que eles usam ou consomem recursos e produtos enquanto se envolvem em atividades rotineiras; que os padrões de consumo refletem as várias práticas em que se envolvem; e que o consumo é deduzido das práticas (MYLAN, 2015; EVANS; MCMEEKIN; SOUTHERTON, 2012; RØPKE, 2009). McMeekin e Southerton (2012) indicam que o uso da abordagem das práticas para compreender o consumo oferece uma visão com ênfase nas explicações sobre o que as pessoas fazem e por que fazem isso.

Pata Browne *et al.* (2014), as abordagens orientadas para a prática tendem a descrever uma rotina discreta ao invés de atitudes como principal motor do consumo de recursos; a localização da demanda como distribuída em redes sociotécnicas, em vez de localizadas no indivíduo; e as possibilidades de intervenção quanto a sistemas de provisão e rotinas em lugar de manipular atitudes e valores. Isso, consoante Evans, McMeekin e Southerton (2012), pode trazer informações sobre a ordem social das práticas como entidades, bem como sobre a mudança dos desempenhos das práticas ao longo do espaço e do tempo.

Muitas das atividades diárias, como se alimentar e lavar roupas, são práticas rotineiras, que são mediadas de forma sociotecnológica, influenciadas por uma interação complexa de elementos sociais e materiais (DOYLE; DAVIES, 2013). Deste modo, o desenvolvimento dos padrões de consumo pode ser entendido como um processo de co-evolução que liga os

desenvolvimentos técnicos, econômicos, sociais e culturais no contexto das práticas (BRAND, 2010).

Para captar melhor a relação entre práticas e consumo, Jaeger-Erben e Offenberger (2014) explicam que as práticas como entidades e como performances abordam dois lados de uma mesma moeda: enquanto um lado requesta aspectos estruturais e duradouros, o outro pede a reprodução do dia-a-dia na condução da vida cotidiana. Ambos os lados se co-constituem e são relevantes para cada ato de consumo e para entender completamente o porquê de uma pessoa atuar de certa forma, é preciso perguntar: em primeiro lugar, os contextos e as lógicas do desempenho cotidiano, onde os atos de consumo momentaneamente visíveis e contáveis são incorporados; e, em segundo lugar, os elementos decorrentes da ordem social que formam práticas sociais e performances pré-estruturais. A partir disso, as autoras propõem a metáfora do iceberg, em que os atos de consumo são apenas as partes visíveis das práticas, formando o topo do iceberg e fazem parte do desempenho cotidiano das práticas sociais.

A maior parte do desempenho, como o conhecimento, a reprodução do significado e os arranjos materiais, tornam-se visíveis quando reconstruídos como partes do trabalho de apropriação e adaptação dentro da condução da vida cotidiana. Os desempenhos são pré-estruturados pelas práticas sociais como entidades e são parte da ordem social e podem ser analisados como elementos historicamente evoluídos e particularmente vinculados a uma prática específica. Práticas como desempenhos e como entidades só podem ser separadas por meios analíticos.

O consumo é incorporado às práticas sociais e visto como parte da produção e reprodução da ordem social, definida como o tecido da sociedade, são macro-estruturas que compõem a vida social, tais como instituições e normas sociais, bem como meso-estruturas, como relações sociais e redes. As macro e meso-estruturas exercem influência sobre o micro nível da vida cotidiana que pode ser entendido em termos de práticas sociais. Portanto, a estrutura e a performance das práticas sociais, e não apenas as escolhas do consumidor, constituem o núcleo analítico (JAEGER-ERBEN, OFFENBERGER, 2014).

Segundo Halkier e Jensen (2011), o uso da teoria de práticas para a pesquisa de consumo possui dois benefícios. O primeiro é permitir aos pesquisadores analisar maneiras de consumir e como essas formas de consumo estão enredadas em teias de reproduções sociais e mudanças, ao invés de analisar as escolhas individuais dos consumidores. A segunda

vantagem é conceder que os pesquisadores entendam maneiras de consumir como realizações contínuas dinâmicas e relacionais nos cruzamentos de práticas múltiplas na vida cotidiana, ao invés de analisar o consumo como tipos fixos e superestimar a estabilidade de tais categorias.

4.3.5 Teorias de prática e consumo sustentável

Existe uma linha de pesquisa se destacando por defender a relevância da teoria de práticas e sua ênfase no hábito e na rotina para compreender o consumo de recursos e as possibilidades de sustentabilidade; por fornecer ferramentas conceituais para entender os processos de mudança; e pelo potencial para identificar caminhos para mudanças sistêmicas na sustentabilidade do consumo (BROWNE *et al.*, 2014; MCMEEKIN; SOUTHERTON, 2012). Contudo, gerar práticas sustentáveis exige que os links e os elementos das práticas existentes e insustentáveis sejam desafiados e quebrados antes de serem substituídos e reeditados de maneiras mais sustentáveis (HARGREAVES, 2011).

Para Evans, McMeekin e Southerton (2012), as teorias de prática concentram-se no que as pessoas fazem e veem padrões de consumo insustentáveis incorporados na ordem social das práticas, assim, atenção é dada a hábitos, rotinas, dinâmicas da vida cotidiana, relações sociais, cultura material, sistemas sociotécnicos e convenções culturais. Ou seja, presume-se que os padrões de consumo prejudiciais ao meio ambiente estão firmemente inscritos nas práticas cotidianas (LITTIG; LEITNER, 2017).

Brand (2010) sugere que a vantagem de adotar uma abordagem prática no estudo dos problemas de consumo sustentável seria, assim, sua capacidade de identificar os links sistemáticos dos desenvolvimentos sociais, econômicos, técnicos e culturais envolvidos no surgimento, estabilização e mudança de práticas sociais. Os estudiosos, na perspectiva de Greene (2014), que exploram a transição para práticas mais sustentáveis enfatizam a interação entre dimensões estruturais e socioculturais para exemplificar por que mudanças mais profundas em valores, práticas e fatores do lado da demanda são elementos integrantes do processo transformador.

Como exemplo, Evans, McMeekin e Southerton (2012) usam o consumo de alimentos e afirmam que para que sejam desenvolvidas formas mais sustentáveis de consumo é necessário o foco em sistemas de provisão de alimentos e o reconhecimento de que existem muitas práticas interconectadas que compõem e contribuem com a prática de comer. Essas

práticas incluem aquisição (onde, quando e como as pessoas adquirem alimentos), armazenamento de alimentos, métodos de cozimento e de preparação de alimentos e as formas em que os alimentos excedentes e descartados são dispostos. Segue-se que os esforços para desenvolver práticas alimentares mais sustentáveis requerem intervenções que abordem as atividades que formam a prática. De modo semelhante, a prática de vestir inclui a aquisição (onde, como e quando as pessoas adquirem roupas), armazenamento do vestuário, cuidados como lavar, secar, passar e reparar, e ainda como as peças são descartadas. Com base no exposto, a prática de vestir é apresentada com mais detalhes adiante.

4.4 A prática de vestir

A moda é reconhecida pela juventude, pela novidade e pelo estilo mais recente, porém, apesar disso ser uma parte importante do que a constitui, existem outras partes que não estão incluídas nessas categorias. Esse aspecto da moda compreende as práticas comuns e mundanas de vestir, onde os itens são retirados do guarda-roupa pessoal de maneira rotineira (BUCKLEY; CLARK, 2012).

Para Gronow (2013), não obstante a novidade, uma nova moda não muda nenhum hábito social, tudo permanece do mesmo jeito, por isso não se poderia discutir a prática da moda. Buckley e Clark (2017), por sua vez, propõem que a moda é cada vez mais parte integrante da vida diária. Para as autoras, a moda teve um impacto na vida cotidiana de muitas pessoas, através do aumento do poder de compra, maior disponibilidade de produtos, aumento do conhecimento e preços mais baixos dos bens, especialmente de roupas. Assim, elas explicam que as pessoas em suas rotinas diárias interpretaram os ciclos da moda, mesmo que nem sempre sejam os mais recentes ou mais articulados como um visual coerente, e essa moda heterogênea representa um agrupamento de vestimentas acumuladas em guarda-roupas ao longo do tempo.

A roupa, depois de comprada, passa a maior parte do tempo dentro no guarda-roupa ou em algum ponto da casa como parte de outras práticas (WOODWARD, 2007). Nesse ponto, Klepp e Bjerck (2014) esclarecem que as roupas estão envolvidas em uma série de rotinas cotidianas que se caracterizam por serem automatizadas e, portanto, invisíveis até mesmo para quem as pratica. Conforme Buckley e Clark (2012), a moda como prática do dia a dia envolve a aquisição de peças únicas que se somam ao guarda-roupa e ajudam a reconfigurá-lo.

Gill, Lopes e Kaye-Smith (2016) destacam que quando o uso e a manutenção das roupas estão postos como práticas cotidianas, a vida e o significado que as roupas passam a ter como usadas criam valor positivo, especificamente em termos de prática de sustentabilidade e sinais positivos relacionados a uma cultura material mais sustentável. Para elas, o uso das roupas é o resultado de conjuntos de práticas relacionadas ao vestir, que usam a roupa ao longo do tempo, incluindo, por exemplo, a lavagem.

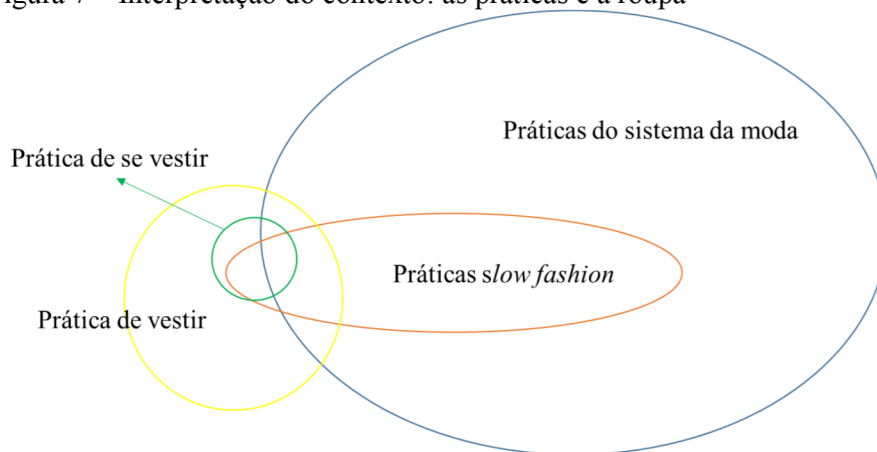
Nesse sentido, Klepp e Bjerck (2014) expõem que o guarda-roupa pode ser o espaço de armazenamento ou uma coleção de roupas. Essa dualidade aponta para as roupas, mas também aponta para as molduras materiais dentro das quais elas são mantidas. Essas molduras referem-se não apenas às paredes físicas do armário, mas a toda uma estrutura de diferentes espaços de armazenamento com critérios correspondentes de onde e quais roupas devem ser guardadas e como as roupas devem ser movidas entre elas. A manutenção, a limpeza, a aquisição e o descarte fazem parte dessa estrutura, assim como a prática de se vestir em que as roupas e acessórios são escolhidos e montados.

Diante disso, depreende-se a prática da moda, que engloba todo o sistema da moda, mas também os aspectos culturais relacionados a ela. A *slow fashion* emerge como uma tentativa coerente de um composto de práticas ao abranger o sistema da moda. A prática de vestir está relacionada com as práticas cotidianas de aquisição, armazenamento, manutenção e descarte. A prática de se vestir são as escolhas diárias de roupas para vestir os corpos. O elemento que une essas práticas é a roupa. A Figura 7 ilustra uma interpretação do contexto dessas práticas.

As roupas usadas pela maioria das pessoas em suas vidas diárias têm sido tipicamente uma síntese do novo e do antigo, do ousado e do mundano. Essa percepção de que o cotidiano é difícil de localizar, difícil de conhecer e fora dos campos tradicionais do conhecimento exige uma interpretação alternativa quando se trata de um assunto como a moda (BUCKLEY; CLARK, 2017).

Os *wardrobe studies* (estudos do guarda-roupa) ou *wardrobe method* (método do guarda-roupa) surge como essa abordagem. Skjold (2016) explica que no centro deste método está o guarda-roupa como um espaço onde as pessoas gerem autocompreensão e autopercepções “interiores” através do ato de se vestir e, ao mesmo tempo, se preparam para participar da vida social.

Figura 7 – Interpretação do contexto: as práticas e a roupa



Fonte: elaborado pela autora.

Klepp e Bjerck (2014), por seu turno, explicam que os estudos de guarda-roupa são uma abordagem metodológica que analisa a forma como as roupas se relacionam no todo ou em partes no guarda-roupa. O foco está na relação entre o corpo e as roupas e o ponto de partida teórico para este enfoque é a teoria de práticas em que o material entra como parte integral. Ou seja, os estudos do guarda-roupa como método são desenvolvidos dentro de uma compreensão da prática em que a materialidade está no centro. Com base nisso, a seguir, o método desta pesquisa é exposto.

4.5 Método

Essa pesquisa segue uma abordagem praxeológica. Em conformidade com Jonas, Littig e Wroblewski (2017), a pesquisa praxeológica enfatiza a proximidade do pesquisador no campo da pesquisa e a relevância da reflexão crítica sobre esta posição, tanto que muitos trabalhos incluem considerações sobre familiarizar-se com as práticas no campo da pesquisa, tornando-se um praticante, refletindo sobre as próprias práticas de pesquisa e a própria posição no campo de pesquisa. Para os autores, a multi-localização ajuda a quebrar a situação e o viés de configuração única.

Littig e Leitner (2017) recomendam a combinação de dados diferentes, pois isso fornece uma imagem mais diversificada e detalhada do fenômeno estudado, por isso, optou-se pelo uso da observação durante a entrevista, seguindo Halkier (2017), que explica que é importante prestar atenção às materialidades relevantes e aos procedimentos práticos.

Foram realizadas 24 entrevistas semiestruturadas e abertas em Berlim, onde a *slow fashion* é uma tendência (BERG, 2019), entre os meses de agosto e setembro de 2018. As entrevistas foram gravadas e têm, em média, 41 minutos de áudio. Os entrevistados foram selecionados a partir da publicação de um post convidando pessoas que se dispusessem a participar da pesquisa em grupos de brasileiros em Berlim em uma rede social. Além disso, observou-se a dinâmica da cidade em relação à sustentabilidade na moda.

A maioria das entrevistas, 17 delas, aconteceram presencialmente na casa dos participantes, o que permitiu a observação das roupas (e de sua contagem) e dos espaços onde eram armazenadas, assim como compreender melhor algumas das práticas que acontecem no interior das casas. Um dos encontros foi presencial, mas num shopping. Os demais foram via Skype® ou Facebook®. A amostra é composta, em sua maioria, por mulheres, casadas, com bacharelado, com idade média de 31 anos e com renda familiar entre 1000 e 2000 euros. O Quadro 2 apresenta, detalhadamente, o perfil dos entrevistados.

Quadro 2 – perfil dos entrevistados

ID	Gênero	Idade	Formação	Renda familiar	Estado civil	Entrevista	Tempo vivendo na Alemanha	Duração entrevista
E1	Feminino	29	Bacharelado	€ 5.200,00	Casado	Presencial	1 ano e meio	00:46:14
E2	Masculino	28	Bacharelado	€ 1.400,00	Solteiro*	Online	5 anos	00:35:45
E3	Feminino	31	Mestrado	€ 4.000,00	Solteiro	Online	4 anos	00:49:00
E4	Feminino	41	Ensino médio	€ 2.000,00	Divorciado	Online	10 meses	00:27:09
E5	Feminino	41	Bacharelado	€ 2.200,00	Divorciado	Online	3 anos e meio	00:35:33
E6	Feminino	36	Bacharelado	€ 5.000,00	Casado	Online	3 meses	00:35:21
E7	Feminino	23	Bacharelado	€ 3.000,00	Casado	Online	1 ano	00:34:20
E8	Feminino	24	Ensino médio	€ 1.200,00	Casado	Presencial	10 meses	00:25:00
E9	Feminino	28	Bacharelado	€ 3.500,00	Casado	Presencial	2 anos	00:36:09
E10	Feminino	35	Bacharelado	€ 5.000,00	Solteiro	Online	1 ano e meio	01:06:01
E11	Feminino	26	Bacharelado	€ 2.600,00	Casado	Presencial	3 meses	01:16:47
E12	Feminino	25	Bacharelado	€ 1.200,00	Solteiro	Presencial	2 anos	00:48:51
E13	Feminino	41	Doutorado	€ 4.500,00	Casado	Online	15 anos	00:24:56
E14	Masculino	22	Bacharelado	€ 1.500,00	Solteiro	Presencial**	3 meses	00:21:50
E15	Feminino	31	Bacharelado	€ 1.500,00	Solteiro*	Presencial	1 ano	01:13:39
E16	Feminino	29	Bacharelado	€ 3.000,00	Casado	Presencial	2 anos	00:30:52
E17	Feminino	31	Bacharelado	€ 4.000,00	Casado	Presencial	1 ano e 3 meses	00:38:06
E18	Feminino	47	Doutorado	€ 3.000,00	Casado	Presencial	20 anos	00:48:20
E19	Feminino	30	Bacharelado	€ 1.200,00	Casado	Presencial	1 ano	00:31:35
E20	Feminino	38	Mestrado	€ 3.500,00	Casado	Presencial	3 anos	00:32:31
E21	Feminino	26	Bacharelado	€ 1.500,00	Solteiro	Presencial	8 meses	00:36:41
E22	Feminino	33	Bacharelado	€ 3.500,00	Casado	Presencial	5 anos e meio	00:43:23
E23	Feminino	26	Bacharelado	€ 2.000,00	Solteiro	Presencial	2 anos e meio	00:34:47
E24	Masculino	24	Bacharelado	€ 500,00	Solteiro	Presencial	2 anos	00:59:49

Fonte: elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

* Mora com o parceiro. ** Entrevista presencial em shopping.

O roteiro da entrevista, Anexo A deste trabalho, contém 66 perguntas abertas e está dividido em 7 blocos: inventário do guarda-roupa; tempo de uso das roupas e motivos para aquisição e descarte; reutilização de roupas de segunda mão; reutilização de roupas de formas inovadoras (compartilhamento, troca e reciclagem de roupas); manutenção das roupas (lavagem, secagem e passagem); reparo das roupas; e, por último, dados demográficos. Esse roteiro baseou-se na literatura sobre moda, especialmente métodos inovadores de consumo e cuidados com as roupas, e foi elaborado por um grupo de pesquisa da Universidade de Ulm, na Alemanha, onde foi aplicado pela primeira vez.

Seguindo Gill e Lopes (2011) e Klepp e Bjerck (2014), solicitou-se que os participantes da pesquisa fizessem um breve inventário de seus guarda-roupas. Inicialmente falando quantas peças achavam que tinham de cada categoria (como blusas e calças) e, em seguida, contando as peças que estavam em seus guarda-roupas (ou em outras partes da casa), descrevendo a marca das roupas e a frequência de uso delas. Dos 24 entrevistados, 20 dispuseram-se a fazer esse inventário.

Após a transcrição, os dados foram analisados com o auxílio da técnica de análise de conteúdo (BARDIN; 1977; CHIZZOTTI, 2011) no software ATLAS.ti 9® para atingir os objetivos propostos. Dentro de cada prática foram aplicadas as categorias (codes): “materialidade”, “significado” e “habilidade”, seguindo a proposta de Shove, Pantzar e Watson (2012). Foram definidos 152 codes, distribuídos entre 10 práticas. A seguir são apresentados os resultados e a análise desta pesquisa.

4.6 Resultados

4.6.1 Observações sobre a prática de vestir em Berlim

As práticas sustentáveis são muito presentes no cotidiano de Berlim, especialmente porque existe uma infraestrutura que permite isso, desde a coleta seletiva, passando pela oferta de produtos orgânicos e ambientalmente amigáveis, até transporte público acessível. Isso também se estende às práticas relacionadas à moda. No portal oficial da cidade (www.berlin.de), por exemplo, são listadas 92 lojas de roupas, móveis e brinquedos de segunda-mão. Conforme esse site, existe um aumento do interesse por lojas desse tipo, de modo que adquirir objetos usados é uma forma de proteger o meio ambiente.

A criatividade pulsa em Berlim. Nota-se isso nas galerias de arte, nos grafites e também em como os berlinenses se vestem. O estilo, simultaneamente, singular e plural deles se dá não por seguirem a última moda, mas por se permitirem vestir (e ser) o que quiserem sem se importar com julgamentos, abraçando toda a multiculturalidade que Berlim é. Essa combinação faz com que a moda flua de maneira muito natural entre as pessoas de todas as idades e em todos os lugares.

É comum andar pela cidade e encontrar brechós de vários estilos: de cunho social (como as várias lojas da Humana); de artigos de luxo; especializados em moda vintage; que fazem upcycling (transformam roupas velhas em roupas novas com um valor agregado pelo design); ou mesmo os brechós que só vendem roupas usadas. Aos domingos os mercados de pulgas espalhados por Berlim oferecem toda sorte de roupas, das antigas ao design autoral. A cultura de adquirir peças de segunda mão também está presente online nos grupos de doação nas redes sociais, como o Free your stuff Berlim, e nos grupos de trocas. Nos bairros mais alternativos, encontram-se facilmente lojas com vestimentas confeccionadas com materiais orgânicos, sustentáveis e reciclados. Quanto ao descarte, é possível encontrar containers de instituições de caridade para depositar roupas, sapatos ou outros têxteis.

A lavagem das roupas acontece, geralmente, numa máquina de lavar instalada no banheiro dos apartamentos/casas ou em lavanderias comunitárias, onde se paga para usar as máquinas de lavar e secar roupas. Após a lavagem, são estendidas em varais de chão dentro de casa. Não existe um espaço físico no interior das residências destinado à essas práticas. Posto este breve resumo sobre as percepções que tenho de Berlim a partir de observações sobre as práticas relacionadas ao vestir, a seguir são expostos os resultados e as análises da pesquisa, salientando-se que não se busca esgotar todos os elementos referentes às práticas.

4.6.2 Práticas de vestir

A partir dos dados, a prática de vestir, como um composto de práticas, consiste em: gerenciar o guarda-roupa; descartar roupas; adquirir roupas (reutilizar roupas de segunda mão; pegar roupas emprestadas; alugar e trocar roupas; comprar roupas recicladas e reciclar roupas); manter as roupas (lavar roupas; secar roupas; passar roupas; reparar roupas). Essencialmente, todas essas práticas compartilham a mesma materialidade: a roupa.

4.6.2.1 Prática 1: gerenciar o guarda-roupa

Gerenciar o guarda-roupa é, além de mantê-lo arrumado, saber as roupas que tem, o que é preciso adquirir, identificar o que e por que não está sendo usado e separar as roupas. Além da roupa em si, os materiais que compõem essa prática incluem onde a roupa é mantida, como guarda-roupas, araras, estantes e cômodas, e os acessórios usados para isso, como cabides, caixas e sacos organizadores. Observou-se que as partes de cima, como blusas e jaquetas, e vestidos costumam ficar penduradas em cabides, enquanto as demais peças são colocadas em pilhas no armário; e que os praticantes com menos roupas optam por colocá-las em araras e estantes, permitindo a visualização de todas as peças.

Em Berlim, as moradias são bem pequenas, o que delimita a quantidade de bens dos praticantes, inclusive roupas, uma vez que o espaço para guardá-las é restrito. E2 explica o seguinte: “eu não tenho muito espaço no guarda-roupa então eu tento doar mais coisas que eu não uso”. Por sua vez, E8 destaca que: “a gente morava no centro e se mudou para cá, então eu tirei bastante roupa para doar, porque o espaço era bem menor”. E22 afirma que: “aqui tudo é mais compacto, então quando eu noto que os cabides não cabem mais no guarda-roupa, aí eu vejo que é o momento de rever e acabo fazendo uma limpeza”.

Destaca-se que, devido à mudança de estação, parte das roupas fica no guarda-roupa, e a outra parte fica armazenada conforme o clima, seja embalada à vácuo, em malas ou no maleiro (parte mais alta do guarda-roupas). Isso implica que pelo menos uma vez por ano é preciso fazer uma análise das vestimentas e decidir o que permanece no acervo para o próximo ano e o que deve ser descartado. Como E7 sublinha: “toda vez que troca de estação eu tento dar uma limpada no armário e tirar roupa para doação para trazer energia nova para dentro do guarda-roupa”.

A partir disso, tem-se que como primeira competência ‘organizar o guarda-roupa’ e consiste em saber quando é preciso fazer essa arrumação e fazê-la a fim de deixar apenas aquilo que é funcional disponível. E1 expõe que “quando trocar a estação, eu vou tirar minhas coisas da mala, vou guardar outras, daí acabo dando uma repassada nas roupas e algumas vezes elimino uma ou outra, mas não tem assim um período fixo para eu fazer isso”. E23 diz que “todas as minhas roupas ficam aqui expostas, então quando começar o verão eu vou pegar essa sacola que estava com as roupas e vou colocar aqui e as roupas mais quentes, pullover, essas coisas, eu coloco de novo na sacola, então eu geralmente faço primavera/verão,

outono/inverno”. E24 revela que “na troca de estação, eu faço a troca de guarda-roupa, pego as roupas de inverno e coloco de fácil acesso e as roupas de verão eu guardo na mala, aí nessa mudança eu olho minhas roupas e falo ‘ah não essa roupa eu não uso mais, essa roupa eu doo’”. No contexto dos entrevistados, o local onde as roupas são guardadas geralmente é arrumado duas vezes por ano na troca de estação.

A mudança de país também influenciou para uma reorganização mais radical, em alguns casos, posto que durante a transição do Brasil para a Alemanha há pouco espaço para carregar utensílios pessoais, como roupas, e que o destino possui uma realidade diferente, tanto pela cultura quanto pelo clima:

Eu decidi deixar o Brasil e vir para a Europa. Eu tinha 2 armários de roupas que eu botei em brechó para vender. Então nesse último ano eu mudei completamente a minha realidade em relação às roupas, porque eu não queria trazer muita coisa, porque eu nem sabia qual era meu destino aqui, se eu ia ter que andar muito ou não. Então eu vim do Brasil com 20 kg de roupas, que é nada. (E4)

Eu diminuí muito o tamanho do meu guarda-roupa de 1 ano pra cá, porque eu ia me mudar e eu sabia que eu ia ter um estilo de vida diferente; e porque quando eu cheguei aqui pouco tempo depois virou inverno, aí de certa forma eu tive que construir um outro tipo de guarda-roupa e aí as roupas que eu tinha no Brasil eram praticamente tudo de verão. (E15)

Outra competência é ‘conhecer o guarda-roupas’. Para isso, solicitou-se aos praticantes que dissessem quantas peças de cada categoria achavam que tinham e em seguida contar quantas peças de fato tinham. O resultado é que todos subestimaram o número de roupas que possuíam, indicando que não têm noção da quantidade de vestimentas que têm em seus próprios armários. Além disso, alguns praticantes tiveram dificuldade para classificar as peças de acordo com a nomenclatura proposta no inventário.

‘Usar as roupas que possui’ é mais uma competência. Do ponto de vista da *slow fashion* esse componente é de suma importância, uma vez que busca-se maximizar o uso do vestuário, evitando o desperdício e, de certo modo, compensando os recursos gastos. E2 comentou que “eu tento usar uma jaqueta diferente por dia, só pra dizer que tô usando, às vezes eu consigo fazer isso, às vezes, não [...] como eu comprei, eu gosto de usar as roupas, se eu for ali na esquina eu falo ‘aí eu vou usar essa jaqueta, porque eu comprei, paguei caro e eu vou usar’”. E 16 fala o seguinte: “Eu tenho um set de roupas e de calças que eu fico misturando uma com a outra e vou ficar repetindo e fazendo as combinações. Eu procuro sempre usar as minhas roupas pra eu também não desperdiçar, não vou comprar à toa”. Por

seu turno, E21 explicita que “são 2 malas de 32 kgs que eu trouxe, então é isso que tem, é isso que tem que usar. Eu amo todas as minhas roupas, uso sempre todas”.

Outro elemento da prática é ‘identificar o que não usa e por que’. As roupas são usadas com pouca frequência ou não são usadas por serem apropriadas para situações específicas (E4, E6, E7, E8, E9, E11, E22), como roupas de festas e formais, por não caberem mais (E6, E7, E9, E15, E18) ou mesmo por serem adequadas apenas para uma época do ano (E1, E2, E11, E19). Além disso, a cultura e o estilo de vida influenciam no uso ou não de algumas roupas. E11 comentou o seguinte: “eu trouxe vários vestidos bonitos, no Brasil eu vestia bastante eles, mas aqui, culturalmente, as pessoas se vestem de maneira mais simples e acabou que eu não usei. No que lhe concerne, E15 afirma que “tem mais haver com o estilo de vida que eu levo aqui, então se eu vou pra universidade tem roupas que eu acho que são um pouco mais formais que não se encaixam muito na minha rotina aqui”; enquanto E23 anuncia que:

eu sentia que elas (as roupas) não combinavam mais com meus estilo, porque antes eu usava mais camiseta, calça, camiseta de banda, camiseta de bichinho, camiseta disso, camiseta daquilo, aí eu senti conforme eu fui fazendo 24, 25, 26 anos, eu senti que não combinava mais comigo, com quem eu era, daí eu fui deixando no guarda-roupa, "ah mais eu gosto tanto dela, um dia eu uso um dia eu uso", nunca usei.

‘Verificar quando comprar roupas’ também é uma competência na prática de gerir o armário e implica apontar quando existe a necessidade de implementar peças novas. Essa competência envolve descrever o motivo que levou a compra. Para os praticantes, as roupas são adquiridas por necessidade (E1, E3, E5, E8, E12, E13, E14, E15, E16, E18, E19), por causa de um evento (E7, E9, E15, E20), pela mudança no peso (E5, E15), pela mudança de estação (E4, E7, E10, E11), para renovar o guarda-roupas (E3) ou por gostar de uma roupa (E6, E11, E12, E17, E18, E20, E21, E23).

‘Separar as roupas que não são usadas’ é reservar as peças ociosas para descartá-las, prática analisada adiante. Esse processo geralmente é feito durante a organização do guarda-roupa e se tem uma visão geral das peças disponíveis. E2 e E12 expõem que separam as roupas que sabem que não serão mais usadas. E1 diz que só separa aquilo que sabe para onde irá levar ou para quem irá doar. Por sua vez, E3 considera o seguinte:

Acho que separo umas 2 vezes por ano, porque são nessas épocas que eu mudo, que eu joga as coisas pra cima e pra baixo. O problema é, eu tipo agora é que eu não tive muito tempo pra organizar e pra pensar, então eu só joguei pra cima e não doei

ainda. Eu acho que separo umas 2 vezes por ano, mas só doo 1 vez, elas ficam separadas um tempo.

Quanto aos significados, três se destacaram entre os praticantes: a esperança de emagrecer, a qualidade e a durabilidade. Algumas roupas permanecem nos armários sem uso por não caberem mais em seus respectivos donos, pois eles têm a esperança de um dia emagrecerem e voltarem a vestir as peças. E4 comenta que “Eu tenho roupas que eu espero reusar, porque elas não me servem. Eu engordei e elas não estão me servindo, mas eu espero voltar a usar”. De modo semelhante, E7 expõe que algumas peças voltam a serem usadas: “Tem roupa que é na esperança de emagrecer e aí mantenho ela lá por birra ‘eu vou voltar a usar essa roupa’ e tem umas que eu esqueço que está lá dentro e tem vez que eu acho e vou e uso de novo”. Enquanto E10 diz que “Eu também tenho a questão engordar. Porque às vezes eu guardo uma calça e falo: é porque eu vou emagrecer de volta e eu vou chegar nessa calça. Passou 1, 2 anos e eu não emagreci”. Além disso, algumas roupas são mantidas por apego, seja por serem presente de alguém especial, por serem herdadas de um familiar ou mesmo como lembrança de um momento da vida.

Em relação à qualidade, as roupas de *fast fashion* são consideradas de baixa qualidade (E1, E17, E24), por isso a compra delas pode ser evitada ou podem ser compradas de forma impulsiva, uma vez que são mais baratas e atendem a uma demanda pontual, não causando arrependimento posterior da compra. Além disso, a qualidade é um elemento considerado quando uma roupa nova é comprada, como relata E10: “eu não compro por marca, eu compro quando eu vejo tipo uma coisa que está num valor bom, numa qualidade boa e que eu vou usar”. No que diz respeito à durabilidade, que também é um elemento-chave na aquisição de roupas novas, é exposto o seguinte: “Eu ainda estou aprendendo, porque eu gosto muito de comprar para durar, eu sei que assim, peças de algodão puro duram muito mais no meu armário” (E3); “Eu prefiro pagar mais caro às vezes e comprar uma roupa melhor para poder usar elas por mais tempo” (E4).

4.6.2.2 Prática 2: descartar roupas

Os materiais desta prática incluem a roupa, especificamente as roupas ociosas, e também sacolas onde são armazenadas e transportadas e os containers, onde algumas vezes são depositadas para instituições de caridade. Quanto à competência, tem-se: ‘saber onde

descartar as roupas'. Os principais meios de descarte são a doação, seja para instituições de caridade ou para familiares e amigos, e a venda em sites e grupos de redes sociais ou em brechós. E3 diz que “de vez em quando eu passo uma (peça) para frente; tipo se ela ainda está bem legal, eu às vezes tento vender, ou então, nos *second hand* e tudo, ou então às vezes eu doo”. Semelhantemente, E6 relata que “conheço algumas pessoas mais necessitadas que faço a doação direta ou numa igreja, numa instituição [...] aqui na Alemanha tem umas caixas, uns containers, um espaço grande, onde você deixa as roupas e sapatos em bom estado para doação, coisas usadas”. E13 explica que vende roupas no ebay kleinanzeigen, quando não tem coragem de dar ou não conhece em quem vai caber.

Com relação ao significado, observa-se certa satisfação em doar as roupas que não são mais usadas, seja pela doação em si ou pela sensação de renovação que a limpeza promove. E10, por exemplo, cita o seguinte: “eu comecei a doar nos containers, embora eu saiba que tem gente que abre à noite e pega, mas se eu tô doando, não importa pra quem eu tô doando, eu tô doando”. Por seu turno E6 expõe: “eu levo um tempo tentando encaixar naquela roupa e se dá um tempo, 6 meses, 1 ano, e aquela roupa não entra, eu prefiro doar do que ficar naquela tentativa, ocupando espaço e guardando aquela energia né que eu posso ajudar alguém doando aquela roupa”; de modo similar E7 destaca que “toda vez que troca de estação eu tento dar uma limpada no armário e tirar roupa para doação para trazer energia nova pra dentro do guarda-roupa”.

4.6.2.3 Prática 3: reutilizar roupas de segunda mão

O material desta prática é a roupa, especificamente a que já foi usada anteriormente por outra pessoa. As principais competências dessa prática são ‘saber o que é uma roupa de segunda mão’ e ‘saber onde adquirir roupas de segunda mão’. Apenas um dos praticantes não sabia o que é uma roupa de segunda mão, ele confundiu com uma peça de segunda linha, todos os demais tinham o conhecimento do que é e definiram, destacando-se como seus aspectos: roupa usada (E1, E5, E7, E8, E13, E15, E16, E17, E18, E19, E20, E21); roupa de brechó (E2, E4, E7, E8, E9, E11, E12, E16, E18, E22, E23); roupa repassada por amigos ou familiares, doada ou revendida (E3, E4, E5, E6, E7, E9, E10, E16, E18, E20, E23); roupa que não é nova (E1, E3, E4, E15, E17); roupa diferente e barata (E24).

No que diz respeito à aquisição, os praticantes sabem que podem conseguir roupas com amigos e familiares e também onde podem comprar. E15 comentou que “Aqui em Berlim tem o free your stuff que às vezes as pessoas colocam ‘alguém quer isso aqui, tô doando, leva’, mas eu nunca usei”. Por seu turno, E23 disse o seguinte:

Em Berlim tem bastante evento de troca de roupa, que as meninas vão num café e você leva 3, 4, 5 peças e você troca com outras pessoas. Também tem o aplicativo ebay Kleinanzeigen; eu vejo que muita gente posta tipo "ah tô dando as roupas" no facebook" e tem o Kleiderkreisel que eu vejo muita menina comprando e vendendo coisa por lá.

E24 expõe que “pra comprar eu vou no brechó, tem um brechó muito conhecido aqui em Berlim, que é a Humana, tem roupas bem legais, bem interessantes, uma grande variedade e um preço bem legal. Se não for lá, eu compro no flea market, no verão né”.

Mesmo o foco da pesquisa sendo as roupas, todos os praticantes frisaram que jamais adquiririam roupa íntima ou biquíni de segunda mão por questões de higiene. Esse é um dos significados associados à prática de reutilizar roupas. E5 afirmou que não compraria roupa de segunda mão, principalmente na Europa, por não confiar na higiene das pessoas. E11 relatou que acha que algumas coisas não precisam ser compradas usadas, por exemplo t-shirts, por serem baratas e, segundo ela, ficarem com cheiro de uso. E12 explicou que “talvez não (compraria) um casaco muito fofinho, por que casaco é algo que a gente usa no inverno e não sei como é com bactéria, com sujeira, é algo que a gente não lava tanto que nem uma roupa”.

Outro significado é a economia. Adquirir roupas de segunda mão é mais barato que comprar roupas novas, como comenta E1. De modo semelhante, E10 expõe que “se o brechó for de boa qualidade, você sempre consegue por um preço mais em conta que na loja”. Especialmente, se são peças que compradas novas seriam mais caras, como casacos e roupas de frio. E11 explica que “compraria casaco, principalmente, porque é uma coisa que é muita cara se você comprar nova”; e diz que compra “blusas pro frio daqui, por exemplo, pelo preço mais acessível e o fato de ela ter tido um outro dono não necessariamente significa que ela seja uma roupa ruim”.

O terceiro significado é a experiência da compra. Para E24 os brechós “tem uma variedade que a gente não encontra na loja, os preços são bem mais baratos e a gente pode ter surpresas excelentes. Eu sempre tive boas experiências comprando em lojas de segunda mão e recomendo pra todo mundo e compre mesmo. E adoro fazer tour em brechó”. E10 também disse que “às vezes, você encontra coisas únicas, coisas antigas, que são ainda legais, que

seriam legais utilizar, mas que você não vê mais na loja”. Enquanto que para E7, garimpar é sem graça, porque tem que procurar muito pra achar alguma peça boa; e E21, não tem paciência de ficar procurando, por causa de seu tamanho, ela nunca encontra algo que a agrade. Já E13 prefere “comprar pela internet num site que eu sei que pessoas privadas estão vendendo pra pessoas, não numa loja, que até hoje eu não dei sorte de achar nada que valha”. O último significado é a qualidade. Na aquisição de roupas de segunda mão, sempre se buscam peças de qualidade. E6 e E15 citam que a qualidade e o estado de conservação da peça são importantes; E11 acrescenta que a marca também tem sua relevância, pois “o bom é você comprar não de marcas caras, mas de marcas que você sabe a qualidade, porque é uma coisa que você sabe que vai durar muito né”. Para E23, o que importa é:

o estado da peça e a qualidade, eu tento sempre ver se a costura ainda tá boa, se a peça tem algum furo, se não tem. Mas marca em si, pra mim não é importante, eu tento sempre comprar de marcas que eu conheço o nome ou que eu sei que é algumas coisa um pouco melhor do que comprar uma peça da H&M, porque eu sei que é meio uma peça descartável, porque a costura não dura tanto, porque acontece isso, porque ela perde a forma conforme você lava, esse tipo de coisa, mas se eu ver alguma da H&M e gostar ou da Primark eu compro, se tiver em bom estado.

4.6.2.4 Prática 4: pegar roupas emprestadas ou alugar roupas

O material dessa prática é a roupa que pertence a outra pessoa ou a uma empresa que oferece o serviço de aluguel de roupas e que será usada por um período limitado mediante pagamento ou não. Salienta-se que o questionário se referia à biblioteca de roupas, em que um conjunto de peças é alugado, mediante pagamento prévio, por um determinado intervalo de tempo. Contudo, apenas 2 entrevistados conheciam esse serviço e a maioria citou o aluguel de roupas para festas, em que se aluga algo para um evento específico e somente por um dia, no Brasil. Além disso, optou-se por coloca-las juntas por compartilharem as mesmas competências e significados.

Quanto às competências, tem-se “saber a quem pedir roupas emprestadas ou onde alugar” e “identificar os critérios para pegar uma roupa emprestada ou alugar”. No que diz respeito a “saber a quem pedir roupas emprestadas ou onde alugar”, dentre os participantes que tinham o hábito de pegar roupa emprestada, eles pegavam de suas irmãs e mães (E1, E3, E11, E15, E17, E23) e de amigas (E6, E8, E9, E10, E11, E19). A maioria dos participantes não sabia onde alugar roupas em Berlim e apenas E18, que mora há 20 anos lá, tinha essa informação. Em relação a “identificar os critérios para pegar uma roupa emprestada ou

alugar”, expuseram que geralmente pega-se a roupa em ocasiões específicas, como festas (E1, E6, E8) ou viagens (E3, E6, E10, E15), e quando se tem a necessidade de um tipo de roupa que não possui (E3, E8, e10, E15).

Os significados dessa prática são: comodidade, evitar o acúmulo de roupas, redução do consumo, variedade e economia. Alugar roupas é mais cômodo porque os praticantes não precisam se preocupar com a lavagem da roupa pós-uso, nem com os possíveis ajustes, posto que esses serviços estão inclusos no aluguel das roupas (considerando o aluguel de roupas para festas no Brasil). Outro significado dessa prática é evitar o acúmulo de roupas. Nesse sentido, E15 explica que “você não vai ocupar espaço no seu guarda-roupa com coisa que você não vai usar de novo”. Semelhantemente, E23 afirma que “você não vai acumular uma peça que você às vezes só vai usar 1 ou 2 vezes, que às vezes a gente compra 1 vestido pra isso e não usa muito”.

A redução do consumo é também um significado associada a essa prática. E3, por exemplo, comenta que “é um consumo mais sustentável, porque você não está tirando uma roupa da loja que passou por todo um processo de produção e de uso de um recurso”. Por seu turno, E9 declara que “não fica nesse consumismo de ‘tenho que ter, tenho que comprar, tenho que estar sempre na moda, tenho que ter a roupa do momento’, acho que nesse sentido é mais sustentável”. Semelhantemente, E12 comenta que “não está incentivando o consumo e a gente já consome tanto, já compra tanta coisa sem precisar, então essa é uma maneira legal de ter essa roupa à disposição, se você quer usar, tem ali, você paga um valor, normalmente vai ser mais barato, você vai gastar menos dinheiro”.

Outro significado é a variedade. E6 e E17 discorrem sobre a possibilidade de variar as roupas, investindo um valor menor e dispondo de opções diferentes das que têm e sem precisar repetir as roupas. A economia é o último significado dessa prática. Sobre esse aspecto, E1 diz que “eu sempre procuro, quando eu posso, pegar com alguém conhecido pra não ter que comprar, porque eu não vou usar de novo depois”. Por sua vez, E11, E12 e E16 expõem que alugando ou pegando emprestado o gasto é menor em relação ao que você iria gastar se fosse comprar algo novo e, por isso, sai mais barato.

4.6.2.5 Prática 5: trocar roupas

O material dessa prática é a roupa em bom estado de conservação, mas que está sem uso. As competências dessa prática incluem: encontrar um destino para uma roupa sem uso, saber onde trocar e identificar os pré-requisitos para trocar. Com relação a encontrar um destino para uma roupa sem uso, E1 comenta que com a troca se adquire “uma peça nova sem ter que gastar e ao mesmo tempo se livrar de uma coisa que tu não tava usando”. E10 explica que “às vezes você não quer aquela peça, enjoou daquela peça, não gosta mais daquela cor ou ficou pequena ou colada demais, porque você emagreceu e engordou. E você pode ter uma peça de uma pessoa que te agrada da mesma forma”. Para E15, “você acaba trazendo peça nova pro seu guarda-roupa, uma coisa diferente de usar sem precisar necessariamente gastar dinheiro, uma coisa que você não tá usando, você se desfaz, e você introduz peças novas pro seu guarda-roupa sem gastar dinheiro”.

A maioria dos entrevistados nunca trocaram nenhuma roupa, nem sabem onde fazê-lo. Aqueles que já ouviam falar ou já trocaram disseram que existem grupos de troca no Facebook® (E1, E7 e E18), também existe essa opção no site Kleiderkreisel® (E3 e E12) e é possível trocar roupas com amigas (E21). E1 falou sobre a dificuldade de ter acesso a um canal ativo e saber o meio onde se pode conseguir fazer as trocas, pois é o tipo de atividade que depende da organização de várias pessoas. Por sua vez, E18 explica o seguinte:

É muito facebook e é boca a boca também, por exemplo, no lugar onde eu faço alemão aqui em Neukoln é um grupo alternativo e eles têm várias possibilidades de sustentabilidade e uma dessas é que eles têm um espaço, aí toda terça e toda quinta tem troca de roupa, as pessoas levam o que querem, pegam o que querem, levam o que não querem. Na outra que eu vou também, tem uma de uma moça que é super legal, ela faz tipo um chá com as amigas, convida todo mundo na casa dela, principalmente no verão, que ela tem um jardim gostoso, aí fica todo mundo batendo papo, tomando alguma coisa, comendo bolo e trocando as roupas.

Os participantes da pesquisa afirmaram que trocariam suas peças de vestuário com outras pessoas se eles tivessem interesse na roupa (E1, E2, E3, E7, E16, E17, E24), se a roupa estivesse bem conservada (E1, E7, E16, E17, E20, E23) e se a roupa fosse de qualidade (E1, E9, E17).

Os significados são: adquirir algo ‘novo’, economia e sustentabilidade. Sobre “adquirir algo ‘novo’”, E2 sintetiza afirmando que se troca “uma peça que você não usa por uma peça relativamente nova pra você, apesar de ela ser usada, ela vai ser nova pra você”. E3 comenta sobre refrescar o armário, enquanto E6 e E21 afirmam que a troca possibilita combinações novas com as roupas que já possuem. Por sua vez, E19 diz que a troca “é uma coisa um pouco

mais livre que se eu tenho uma coisa que eu não quero mais e a outra pessoa tem uma que eu quero, essa troca permite ampliar um pouco meu guarda-roupa sem gastar dinheiro”.

O segundo significado é a economia. Para E10, com “a troca, na verdade, em vez de você doar você está economizando dinheiro também, porque é um item que você não está pagando e era um item que você já ia doar”. Corroborando com essa afirmação, E16 detalha:

Menos consumo e menos gasto de dinheiro, porque ao invés de eu olhar pra minha roupa e dizer ‘ah eu não quero mais roupa porque eu acho que não combina mais comigo’, mas ela tá em um ótimo estado, aí ao invés de eu dar e comprar, você troca com alguém, você gasta menos e a outra pessoa também.

E21 declara que “eu estou me desfazendo de uma coisa que eu não quero e adquirindo uma coisa que eu quero e sem gastar mais por isso”. O último significado é a sustentabilidade. Para E3, “todas essas formas [de consumo] são mais sustentáveis e mais éticas, porque a gente tem muito mais roupas do que precisa e todo mundo dentro do meu círculo, eu acho, tem mais roupas do que precisam e é uma forma de, de repente, comprar menos, o que é ótimo”. De modo semelhante E7 menciona que “é uma questão mais social e ecológica, porque gera menos consumo e ao mesmo tempo menos desperdício têxtil”.

4.6.2.6 Prática 6: reciclar roupas e comprar roupas recicladas

O material dessa prática é a roupa usada que foi reaproveitada. As competências dessa prática são: conhecer possibilidades de reciclagem de roupas, saber onde adquirir roupas recicladas e saber os pré-requisitos para adquirir roupas recicladas. Os participantes conhecem duas formas de reciclar roupas: a customização de peças velhas (E1, E3, E4, E13, E15 e E24) e a aquisição de peças feitas com tecidos e fibras reaproveitados (E6, E13 e E20). A customização pode ser feita por amigas e familiares (E9 e E10) e em oficinas de costura ofertadas por Universidades, como a Freie Universität Berlin (E18). As roupas podem ser adquiridas em lojas como Farm, no Brasil, (E6) e na H&M e & other stories (E13 e E20). A maioria dos participantes nunca adquiriu roupas recicladas, mas o faria se gostasse da roupa e de seu estilo (E1, E3, E4, E5, E8, E13, E16, E19, E21 e E23) e se o preço fosse atrativo (E1, E6, E9, E17 e E19).

Em relação aos significados, tem-se a percepção de que o processo criativo para elaborar peças recicladas ou customizá-las é mais trabalhoso. E1 expõe que acha “mais difícil customizar uma roupa e deixar ela legal do que fazer uma nova do zero ficar legal”. E8

destaca o trabalho manual, a inovação e a exclusividade da peça. Apesar disso, os participantes pagariam um valor superior por esse produto. Assim, outro significado é o preço. E4 afirma que esse tipo de roupa deve ser acessível a todos e se for muito cara não vale a pena. Por sua vez, E6 comenta que o seguinte: “não concordo muito de ser tão mais caro que uma roupa comum, claro que não vai ser uma roupa comum, mais do que o preço médio das roupas por ser uma pegada de reciclagem”. E24 explica que “não adianta muito ter uma roupa reciclada que custa 100 euros, eu prefiro continuar comprando roupa ruim, que não é boa pro meio ambiente, é triste falar isso, mas é verdade, então tudo depende do preço e se ela me agrada de alguma forma”.

O último significado é a sustentabilidade ambiental. Por exemplo, E3 fala que com a reciclagem “você não está retirando material do ambiente e às vezes os processos consomem menos recursos”. Na mesma linha E7 comenta que se usa “um recurso que vai demorar anos para se decompor e na verdade está ali disponível e muitas vezes de graça”. Enquanto E13 fala sobre o meio ambiente, por não ter que produzir tecido de novo e do impacto que isso tem na poluição de rios, e E21 sobre a redução de resíduos têxteis.

4.6.2.7 Prática 7: manutenção e cuidados com a roupa

As práticas relacionadas à manutenção e cuidado com as roupas, diferente das práticas anteriores, são mais exploradas na literatura como em Shove (2003, 2012), Laitala, Klepp e Henry (2017), Laitala et al. (2020) e Mylan e Southerton (2018) por exemplo, por isso optou-se por apresentar um quadro-síntese delas, Quadro 3 a seguir, e discorrer brevemente sobre os elementos constituintes encontrados. Como nas práticas anteriores, o material principal é a roupa, seja ela suja, úmida, amassada ou que precisa de conserto ou ajuste.

Quadro 3 – síntese das práticas de manutenção e cuidado com a roupa

Prática	Materiais	Competências	Significados
Lavagem	Roupa suja Máquina de lavar Sabão (em pó, líquido e em cápsula)	Ler a etiqueta das roupas com as instruções de lavagem Separar as roupas (por cor ou material) para a lavagem Medir a quantidade de detergente Escolher o ciclo de lavagem Identificar quando lavar as roupas Saber onde encontrar serviços de lavanderia	Roupa limpa Roupa cheirosa
Secagem	Roupa úmida	Ler a etiqueta das roupas com as	Rapidez na secagem

	Varal de chão Prendedores Cabides Secadora	instruções de secagem Otimizar a secagem para deixar a roupa menos amassada	Praticidade
Passagem	Roupa amassada Ferro de passar	Ler a etiqueta das roupas com as instruções de passagem Identificar as roupas que devem ser passadas	Necessidade
Reparo	Roupa que precisa de conserto ou ajuste Linha Aguilha Aviamentos	Saber fazer reparos Saber onde encontrar serviços de reparo Identificar quando não fazer um reparo	Aumentar a vida útil da peça

Fonte: elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

Na lavagem destacam-se as competências ‘separar as roupas’, ‘medir a quantidade de detergente’ e ‘escolher o ciclo de lavagem’, pois uma vez que o praticante não tem esse conhecimento, danos permanentes podem ser causados às roupas, como manchas ocasionadas por peças que desbotaram, roupas deformadas ou mal lavadas. Ressalta-se que todos os entrevistados usavam máquina de lavar e nunca lavavam roupa à mão (devido à falta de estrutura para isso), além disso a água na Alemanha tem calcário, o que exige produtos específicos. Os principais significados associados a lavar as peças é ter roupas limpas e cheirosas, embora alguns praticantes acreditem na Alemanha as roupas às vezes fiquem mal lavadas por causa da água com calcário, por exemplo.

Com relação à secagem, a maioria dos participantes não tem acesso à secadora e seca suas roupas em varais de chão e penduradas em cabide, sempre esticando bem para não precisar passar, sendo essa umas das competências. Como significados tem-se a rapidez com que as roupas secam por causa do clima seco da Alemanha e a praticidade, porque ao estender as roupas bem não precisa passar depois.

A competência da passagem mais marcante é ‘identificar as roupas que devem ser passadas’, uma vez que a roupa só é passada no momento do uso e se percebe que está muito amassada. Por isso, o significado é a necessidade. Quanto ao reparo, os praticantes sabem fazer consertos simples, como costurar botões e pequenos rasgos, e não ajeitam a roupa quando ela já está muito desgastada ou quando o valor do reparo é superior ao valor pago na peça. O principal significado é ‘aumentar a vida útil da roupa’ e continuar usando-a por mais tempo.

4.7 Análise dos resultados

A prática de vestir, como um composto de práticas, é performada em espaços muito bem delimitados, como o lugar onde a roupa é adquirida, o guarda-roupa, a lavanderia e o varal. Para Schatzki (2015), as práticas são fenômenos inerentemente espaciais, os espaços pertinentes à vida social são cada vez mais o produto de práticas e as práticas sociais fazem e têm os próprios espaços. Nessa perspectiva, interpreta-se que quando brasileiros, que carregam práticas provenientes de um contexto diferente, deparam-se com lugares com espaços reduzidos e moldados para outras práticas, são convidados à mudança e são exigidas novas competências ou a readequação de antigas, como a organização do guarda-roupas e a separação das roupas periódica.

Blue (2019) atesta que as temporalidades sazonais e anuais, como as estações, interferem e importam ainda mais para as sequências, a taxa de recorrência e a interdependência das práticas. Essas temporalidades constituem uma ordem sócio-temporal, ou um conjunto de ritmos temporais, que configuram conexões entre as práticas. Assim, quando as estações mudam, é preciso que determinadas práticas sejam performadas.

As práticas de vestir são permeadas por rotinas e hábitos, uma vez que são constantemente reproduzidas pelos praticantes (SHOVE, 2012). Assim, os praticantes são portadores de certas formas rotinizadas de compreensão (RECKWITZ, 2002), por isso eles sabem quando é necessário organizar o guarda-roupa, onde podem comprar ou descartar roupas e de quem podem pegar roupas emprestadas, por exemplo. Esse tipo de conhecimento proporcionado pela prática habitual simplifica a vida cotidiana, além disso, torna os seus elementos constituintes relativamente estáveis, como sugere Shove (2012).

Destaca-se que as práticas rotineiras são mediadas de forma sociotecnológica e influenciadas por uma interação complexa de elementos sociais e materiais (DOYLE; DAVIES, 2013), portanto, a junção de uma cultura favorável à sustentabilidade com espaços destinados a doação de roupas, além de feiras e brechós que promovem o uso de roupas de segunda-mão, favorece a performance de práticas de vestir mais sustentáveis.

Os resultados sugerem que algumas práticas, como o compartilhamento de roupas com amigos e familiares e o aluguel de roupas para eventos específicos são bem sedimentadas entre brasileiros. Enquanto a reciclagem e a compra de roupas recicladas ainda não são amplamente performadas. Isso pode acontecer porque os links entre os elementos que formam a prática ainda não são fortes o suficiente. Por exemplo, um dos significados é o preço e, para

os praticantes, roupas recicladas são caras e eles não se dispõem a pagar mais por elas mesmo sabendo do trabalho envolvido em sua confecção.

Como Khalid (2019) expõe em relação às práticas de lavagem, mesmo que ideias semelhantes de limpeza e lavagem possam estar no cerne dessas práticas onde quer que estejam situadas, os diferentes configurações sócio-materiais e cultural e historicamente contingentes resultam em práticas diferentes com temporalidades diferentes. Isso se aplica à prática de vestir. Mesmo que se trate da mesma prática, em um contexto diferente, novos elementos, competências e significados podem surgir.

4.8 Considerações finais

Com o objetivo de compreender a sustentabilidade na prática de vestir, encontrou-se que alguns elementos da slow fashion foram incorporados nessa prática, como a doação, a venda, a troca e o compartilhamento de roupas. Foram listadas 7 práticas que formam a prática de vestir, bem como os seus elementos - materiais, competências e significados. Todas essas práticas têm o mesmo material em comum: a roupa, seja ela usada, suja ou que precisa de ajuste/conserto.

Este artigo contribui com o campo dos estudos das teorias de práticas ao analisar a prática de vestir, bem como seus elementos, como um composto de práticas, ampliando sua aplicação e olhando para a moda sob outra perspectiva: a do cotidiano de pessoas comuns. Ademais, a compreensão dessa prática pode auxiliar na disseminação de ideias que combatem o consumo excessivo de roupas e o desperdício e a captura de novos praticantes que incorporem os elementos mais sustentáveis da slow fashion em suas práticas.

Como limitações para a realização deste trabalho tem-se a restrição de tempo impossibilitando acompanhar o cotidiano dos entrevistados e a performance das práticas de vestir com mais precisão. Sugere-se como temas para estudos futuros: analisar as práticas de vestir no Brasil e como diferem entre as regiões; as implicações das práticas de manutenção e cuidados com as roupas no uso de energia; e os significados e competências que podem ter surgido na prática de vestir devido à COVID-19.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese foi escrita a partir da curiosidade para compreender como se configura o processo de transição para a sustentabilidade na moda. Esse questionamento surgiu a partir de várias leituras em que se afirmava que a moda sustentável é um paradoxo posto que enquanto a moda é marcada pela cultura de consumo em que se preza por mudanças constantes, a sustentabilidade busca o equilíbrio, preservação e a justiça social.

Ainda assim, muito se tem estudado sobre sustentabilidade na moda e quais os caminhos a seguir diante de um sistema tão problemático. Por isso, a ideia inicial era estudar a transição de fast fashion para slow fashion. No primeiro artigo, isso fica claro quando se tenta utilizar a perspectiva multinível, com sua visão holística, e a teoria de práticas, atenta aos detalhes ordinários do cotidiano, juntas para analisar essa transição. Mas existe uma transição ou apenas sabe-se que ela é urgente?

No segundo artigo, é possível perceber além de uma série de acontecimentos favoráveis à transição na paisagem, iniciativas no nicho que estão, lentamente, se infiltrando no regime. Esses choques estão mudando a percepção dos consumidores e de algumas empresas. Alguns pesquisadores sugerem que a mudança de regime se daria por meio da economia circular. Apesar de suas vantagens, essa abordagem não considera mudanças sistêmicas, por isso, a slow fashion se mostra uma opção mais viável e que vem ganhando espaço, mesmo com sua carga ideológica e com o uso desvirtuado por algumas empresa.

No terceiro e último artigo o foco está na prática de vestir, algo até então pouco explorado na literatura. Encontrou-se que alguns elementos da slow fashion fazem parte do cotidiano dos participantes da pesquisa. Isso corrobora a mudança nos consumidores apontada no segundo artigo.

A partir do exposto, percebe-se que uma transição para a sustentabilidade na moda encontra-se em curso, contudo esse é um processo lento e incompleto dada a complexidade e capilaridade do sistema da moda e também devido a existência de vários regimes/atores envolvidos nesse processo. O processo é lento e incompleto, uma vez que as transições levam anos para serem significativas e nunca alcançam todos o sistema, como é observado, por exemplo, nas transições tecnológicas. O sistema da moda é complexo e capilarizado por ter muitos componentes que estão localizados tanto em metrópoles quanto nos mais remotos

lugares, especialmente no segmento de confecções, que é o mais difícil de rastrear e onde se encontram os maiores casos de escravidão moderna e exploração trabalhista.

REFERÊNCIAS

AAKKO, Maarit. Artisanal and slow: the case of Anna Ruohonen. *In*: NIINIMÄKI, K. (Ed.). **Sustainable fashion: new approaches**. Helsinki: Aalto ARTS Books, 2013. p. 56-67.

AGÊNCIA BRASILEIRA DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL; NÚCLEO DE ECONOMIA INDUSTRIAL E DA TECNOLOGIA DO INSTITUTO DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. **Relatório de acompanhamento setorial: têxtil e confecção - volume I**. Campinas: ABID; UNICAMP, 2008. Disponível em: https://www.eco.unicamp.br/neit/images/stories/arquivos/RelatorioABDI/textil-e-confeccao_vol-I_junho2008.pdf. Acesso em: 8 dez. 2017.

AKTE, Nazma; BHATTACHARJEE, Anannya; GREER, Linda; KEH, Edwin; MCGREGOR, Dawn; SADOWSKI, Michae; BARENBLAT, Ayesha; BROWN-WEST, Boma; IBARRA-HOWELL, Daniela; LANG, Fiona; PETRIE, Laila; SELVARATNAM, Shamistha. **The sustainability gap - how fashion measures up**. Business of Fashion. 2021. Disponível em: <https://www.businessoffashion.com/reports/sustainability/measuring-fashions-sustainability-gap-download-the-report-now>. Acesso em: 15 ago. 2021.

AMED, Imram; BERG, Achim; BALCHANDANI, Anita; HEDRICH, Saskia; RÖLKENS, Felix; YOUNG, Robb; JENSEN, Jakob; PENG, Althea. **The state of fashion 2021**. The Business of Fashion and the McKinsey Company. Disponível em: <https://www.mckinsey.com/~media/McKinsey/Industries/Retail/Our%20Insights/State%20of%20fashion/2021/The-State-of-Fashion-2021-vF.pdf> Acesso em: 15 de ago. 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÃO. **Perfil do setor - dados gerais do setor referentes a 2019**. São Paulo: ABIT, 2020. Disponível em: <https://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setor>. Acesso em: 21 jan. 2021.

ALLWOOD, Julian; LAURSEN, Søren; RODRÍGUEZ, Cecilia; BOCKEN, Nancy. **Well dressed?** The present and future sustainability of clothing and textiles in the United Kingdom. Cambridge: University of Cambridge Institute for Manufacturing, 2006.

ALLWOOD, Julian; LAURSEN, Søren; RUSSELL, Suzana; RODRÍGUEZ, Cecilia; BOCKEN, Nancy. An approach to scenario analysis of the sustainability of an industrial sector applied to clothing and textiles in the UK. **Journal of Cleaner Production**, v. 16, p. 1234-1246, 2008. doi: 10.1016/j.jclepro.2007.06.014

ALVES, Rosiane. **Moda e desenvolvimento local: reconversões culturais na criação e confecção do jeans em Toritama – Pernambuco**. 2009. 100 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) – Departamento de Educação, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2009.

ANDREONI, Marco. **Estamparia têxtil: uma estratégia na diferenciação do produto da manufatura do vestuário de moda**. 2008. 108 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção) - Instituto de Ciências Exatas, Universidade Paulista, São Paulo, 2008.

ANGUELOV, Nikolay. **The dirty side of the garment industry**. [S.l.]: CRC Press, 2015. Disponível em: <<https://www.taylorfrancis.com/books/9781498712231>>.

AXSEN, Jonn; TYREEHAGEMAN, Jennifer; LENTZ, Andy. Lifestyle practices and pro-environmental technology. **Ecological Economics**, v. 82, p. 64-74, 2012. doi: 10.1016/j.ecolecon.2012.07.013

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BERG, Kim. Fashionable step forward. 2019. Disponível em: <https://www.deutschland.de/en/topic/life/fashion-in-germany-sustainability-instead-of-fast-fashion>. Acesso em: 3 out. 2020.

BERLIM, Lilyan. Contribuições para a construção do conceito Slow Fashion: um novo olhar sobre a possibilidade da leveza sustentável. **dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, n. 32, p. 130-151, 2021. doi: 10.26563/dobras.i32.1370

BILALI, Hamid. The multi-level perspective in research on sustainability transitions in agriculture and food systems: a systematic review. **Agriculture**, v. 9, n. 4, 2019. doi: 10.3390/agriculture9040074

BLACK, Sandy. Fashion in a time of crisis. **Fashion Practice**, v. 12, n. 3, p. 327-330, 2020. doi: 10.1080/17569370.2020.1823624

BLUE, Stanley. Institutional rhythms: combining practice theory and rhythm analysis to conceptualise processes of institutionalisation. **Time & Society**, v. 28, n. 3, p. 922-950, 2019.

BLY, Sarah; GWOZDZ, Wencke; REISCH, Lucia A. Exit from the high street: an exploratory study of sustainable fashion consumption pioneers. **International Journal of Consumer Studies**, v. 39, n. 2, p. 125-135, 2015. doi: 10.1111/ijcs.12159

BODENHEIMER, MIRIAM; LEIDENBERGER, JACOB. COVID-19 as a window of opportunity for sustainability transitions? narratives and communication strategies beyond the pandemic, **Sustainability: Science, Practice and Policy**, v. 16, n. 1, p. 61-66, 2020. doi: 10.1080/15487733.2020.1766318

BOSTRÖM, Magnus; MICHELETTI, Michele. Introducing the Sustainability Challenge of Textiles and Clothing. **Journal of Consumer Policy**, v. 39, n. 4, p. 367-375, 2016. doi: 10.1007/s10603-016-9336-6

BRAND, Karl-Werner. Social practices and sustainable consumption: benefits and limitations of a new theoretical approach. *In*: GROSS, Matthias; HEINRICHS, Harald (Ed.). **Environmental Sociology**. Dordrecht: Springer Netherlands, 2010. p. 217-226.

BROWN, Halina; VERGRAGT, Philip; COHEN, Maurie. Societal innovation in a constrained world: theoretical and empirical perspectives. *In*: COHEN, Maurie; BROWN, Halina; VERGRAGT, Philip (Ed.), **Innovations in sustainable consumption: new**

economics, socio-technical transitions and social practices (p. 1-29). Cheltenham, Northampton: Edward Elgar, 2013.

BROWNE, Alison; MEDD, Will; ANDERSON, Ben; PULLINGER, Martin. Method as intervention: intervening in practice through quantitative and mixed methodologies. (p. 179-195). In: STRENGERS, Yoland; MALLER, Cecily. (Ed.). **Social practices, intervention and sustainability: beyond behaviour change**. New York: Routledge, 2016.

BROWNE, Alison; PULLINGER, Martin; MEDD, Will; ANDERSON, Ben. Patterns of practice: A reflection on the development of quantitative/mixed methodologies capturing everyday life related to water consumption in the UK. **International Journal of Social Research Methodology**, v. 17, n. 1, p. 27–43, 2014. doi: 10.1080/13645579.2014.854012

BRUCE, Margaret; DALY, Lucy. Buyer behaviour for fast fashion. **Journal of Fashion Marketing and Management**, v. 10, n. 3, p. 329-344, 2006. doi: 10.1108/13612020610679303

BRYDGES, Taylor; RETAMAL, Monique; HANLON, Mary. Will COVID-19 support the transition to a more sustainable fashion industry? **Sustainability: Science, Practice and Policy**, v. 16, n. 1, p. 298-308, 2020. doi: 10.1080/15487733.2020.1829848

BRYDGES, Taylor; HEINZE, Liza; RETAMAL, Monique. Changing geographies of fashion during COVID-19: The Australian case. **Geographical Research**, v. 59, n. 2; p. 206-216, 2021. doi: 10.1111/1745-5871.12460

BRYDGES, Taylor; HANLON, Mary. Garment worker rights and the fashion industry's response to COVID-19. **Dialogues in Human Geography**, v. 10, n. 2, p. 195-198, 2020. doi: 10.1177/2043820620933851

BRYDGES, Taylor; RETAMAL, Monique; HENNINGER, Claudia. Platforms and the pandemic: a case study of fashion rental platforms during COVID-19. **The Geographical Journal**. v. 187, n. 1, p. 57-63, 2021. doi: 10.1111/geoj.12366

BUCHER, Sophie; ROORDA, Chris; SCHIPPER, Karlijn; LOORBACH, Derk. **The transition to good fashion**. Rotterdam: Drift for transitions; C&A Foundation, 2018. Disponível em: https://drift.eur.nl/wp-content/uploads/2018/11/FINAL_report.pdf. Acesso em: 15 jun. 2021.

BUCKLEY, Cheryl; CLARK, Hazel. Fashion and everyday life London and New York. London: Bloomsbury, 2017.

BURKE, Jason. Bangladesh factory collapse leaves trail of shattered lives. 2013. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/world/2013/jun/06/bangladesh-factory-building-collapse-community> >. Acesso em: 27 fev. 2018.

CACHON, Gérard; SWINNEY, Robert. The value of fast fashion: quick response, enhanced design, and strategic consumer behavior. **Management Science**, v. 57, n. 4, p. 778-795, 2011. doi: 10.1287/mnsc.1100.1303

- CALANCA, Daniella. **História social da moda**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.
- CARVALHO, Mayly; SERRA, Neusa. Fontes de inovação: a cadeia têxtil paulista. *In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO (ENEGEP)*, 19, 1999, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro.
- CERVELLON, Marie-Cécile; WERNERFELT, Anne-Sophie. Knowledge sharing among green fashion communities online: lessons for the sustainable supply chain. **Journal of Fashion Marketing and Management**, v. 16, n. 2, p. 176-192, 2012. doi: 10.1108/13612021211222860
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- CIDREIRA, Renata. **Os sentidos da moda: vestuário, comunicação e cultura**. São Paulo: Annablume, 2005.
- CLARK, Hazel. SLOW + FASHION - an oxymoron - or a promise for the future ...? **Fashion Theory**, v. 12, n. 4, p. 427-446, 2008. doi:10.2752/175174108X346922
- COHEN, Maurie. Does the covid-19 outbreak mark the onset of a sustainable consumption transition? **Sustainability: Science, Practice and Policy**, v. 16, n.1, p. 1-3, 2020. doi: 10.1080/15487733.2020.1740472
- COSTA; Ana; ROCHA, Érico. Panorama da cadeia produtiva têxtil e de confecções e a questão da inovação. **BNDS Setorial**, n. 29, p. 159-202, 2009.
- COUTINHO, Marina;KAULING, Graziela. Fast fashion e slow fashion: o paradoxo e a transição. **Revista Memorare**, v. 7, n. 3, p. 83-99, 2020. doi: 10.19177/memorare.v7e3202083-99.
- CRAIK, Jennifer. Challenges for Australian fashion. **Journal of Fashion Marketing and Management**, v. 19, n. 1, p. 56-68, 2015. doi: 10.1108/JFMM-03-2014-0017
- CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. 2a ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.
- CRANE, Diana. The puzzle of the ethical fashion consumer: implications for the future of the fashion system. **International Journal of Fashion Studies**, v. 3, n. 2, p. 249-265, 2016. doi: 10.1386/inf.3.2.249_1
- D'ADAMO, Idiano; LUPI, Gianluca. Sustainability and resilience after COVID-19: a circular premium in the fashion industry. **Sustainability**, v. 13, n. 4, 2020. doi: 10.3390/su13041861
- DOYLE, Ruth; DAVIES, Anna R. Towards sustainable household consumption: exploring a practice oriented, participatory backcasting approach for sustainable home heating practices in

Ireland. **Journal of Cleaner Production**, v. 48, p. 260-271, 2013. doi: 10.1016/j.jclepro.2012.12.015

EKSTRÖM, Karin; SALOMONSON, Nicklas. Reuse and recycling of clothing and textiles: a network approach. **Journal of Macromarketing**, v. 34, n. 3, p. 383-399, 2014. doi: 10.1177/0276146714529658

ERTEKIN, Zeynep; ATIK, Deniz. Sustainable markets. **Journal of Macromarketing**, v. 35, n. 1, p. 53-69, 2015. doi: 10.1177/0276146714535932

EVANS, David; MCMEEKIN, Andrew; SOUTHERTON, Dale. Sustainable consumption, behaviour change policies and theories of practice. *In*: WARDE, Allan, SOUTHERTON, Dale (Eds.). **The habits of consumption**. Helsinki: Open Access Book Series of the Helsinki Collegium of Advanced Studies, 2012.

FASHION UNITED. **Global fashion industry statistics** - international apparel. 2016. Disponível em: <https://fashionunited.com/global-fashion-industry-statistics/>. Acesso em: 7 dez. 2017.

FASHION REVOLUTION. **Fashion transparency index** - 2021 edition. Fashion Revolution, 2021. Disponível em: <https://www.fashionrevolution.org/about/transparency/>. Acesso em: 15 ago. 2021.

FEGHALI, Marta. Batendo perna: forças que influenciam o comportamento do consumidor de moda. *In*: FEGHALI, Marta; SCHMID, Erika. **O ciclo da moda**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Rio, 2008.

FLETCHER, Kate. Slow fashion: an invitation for systems change. **Fashion Practice**, v. 2, n. 2, p. 259-266, 2010. doi: 10.2752/175693810X12774625387594

FLETCHER, Kate. Durability, fashion, sustainability: the processes and practices of use. **Fashion Practice**, v. 4, n. 2, p. 221-238, 2012. doi: 10.2752/175693812X13403765252389

FLETCHER, Kate; GROSE, Linda. **Moda & sustentabilidade**: design para mudança. São Paulo: Editota Senac São Paulo, 2011.

FLOOD, Alana. **Is Berlin the green fashion capital of the world?** Disponível em: <https://www.euronews.com/living/2019/07/02/is-berlin-fashion-green-capital-of-the-world>. Acesso em 17 de janeiro de 2021.

FONTE, Maria. Food consumption as social practice: solidarity purchasing groups in Rome, Italy. **Journal of Rural Studies**, v. 32, p. 230-239, 2013. doi: 10.1016/j.jrurstud.2013.07.003

FÓRUM NACIONAL DE PREVENÇÃO E ERRADICAÇÃO DO TRABALHO INFANTIL. O trabalho infantil nos principais grupamentos de atividades econômicas do Brasil. Brasília: FNPETI, 2016. Disponível em: https://fnpeti.org.br/media/12dejunho/documentos-de-referencia/O_Trabalho_Infantil_nos_Principais_Grupamentos_de_Atividade.pdf. Acesso em: 8 dez. 2017.

- FRINGS, Gini. **Fashion from concept to consumer**. 7a ed. New Jersey: Practice Hall, 2002.
- GABRIELLI, Veronica; BAGHI, Ilaria; CODELUPPI, Vanni. Consumption practices of fast fashion products: a consumer-based approach. **Journal of Fashion Marketing and Management**, v. 17, n. 2, p. 206-224, 2013. doi: 10.1108/JFMM-10-2011-0076
- GEELS, Frank. Technological transitions as evolutionary reconfiguration processes: a multi-level perspective and a case-study. **Research Policy**, v. 32, p. 1257-1274, 2002.
- GEELS, Frank. From sectoral systems of innovation to socio-technical systems. **Research Policy**, v. 33, n. 6-7, p. 897-920, 2004a. doi: 10.1016/j.respol.2004.01.015
- GEELS, Frank. Understanding system innovations: a critical literature review and a conceptual synthesis. In: ELZEN, Boelie; GEELS, Frank; GREEN, Ken (Ed.). **System innovation and the transition to sustainability: theory, evidence and policy**. Cheltenham, Northampton: Edward Elgar Publishing, 2004b, p. 19-47.
- GEELS, Frank. Co-evolution of technology and society: the transition in water supply and personal hygiene in the Netherlands (1850-1930) - a case study in multi-level perspective. **Technology in Society**, v. 27, n. 3, p. 363-397, 2005. doi: 10.1016/j.techsoc.2005.04.008
- GEELS, Frank. Major system change through stepwise reconfiguration: a multi-level analysis of the transformation of American factory production (1850-1930). **Technology in Society**, v. 28, n. 4, p. 445-476, 2006. doi: 10.1016/j.techsoc.2006.09.006
- GEELS, Frank. Ontologies, socio-technical transitions (to sustainability), and the multi-level perspective. **Research Policy**, v. 39, n. 4, p. 495-510, 2010. doi: 10.1016/j.respol.2010.01.022
- GEELS, Frank. The multi-level perspective on sustainability transitions: Responses to seven criticisms. **Environmental Innovation and Societal Transitions**, v. 1, n. 1, p. 24-40, 2011. doi: 10.1016/j.eist.2011.02.002
- GEELS, Frank; KEMP, René. Dynamics in socio-technical systems: typology of change processes and contrasting case studies. **Technology in Society**, v. 29, n. 4, p. 441-455, 2007. doi: 10.1016/j.techsoc.2007.08.009
- GEELS, Frank; MCMEEKIN, ANDY; MYLAN, Josephine; SOUTHERTON, Dale. A critical appraisal of sustainable consumption and production research: the reformist, revolutionary and reconfiguration positions. **Global Environmental Change**, v 34, p. 1-12, 2015.
- GEELS, Frank; SCHOT, Johan. Typology of sociotechnical transition pathways. **Research Policy**, v. 36, n. 3, p. 399-417, 2007. doi: 10.1016/j.respol.2007.01.003
- GENUS, Audley; COLES, Anne-Marie. Rethinking the multi-level perspective of technological transitions. **Research Policy**, v. 37, n. 9, p. 1436-1445, 2008. doi: 10.1016/j.respol.2008.05.006

GILL, Alison; LOPES, Abby. On wearing: a critical framework for valuing design's already made. **The Journal of the Design Studies Forum**, v. 3, n. 3. p. 307-327, 2011. doi: 10.2752/175470811X13071166525234

GILL, Alison; LOPES, Abby; KAYE-SMITH, Holly. Practicing sustainability: illuminating 'use' in wearing clothes. **Cultural Studies Review**, v. 22, n. 1, p. 32-58, 2016. doi: 10.5130/csr.v22i1.4914

GODART, Frederic. **Sociologia da moda**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

GOFFMAN, Ethan. In the wake of COVID-19, is glocalization our sustainability future? **Sustainability: Science, Practice and Policy**, v. 16, n. 1, p. 48-52, 2020. doi: 10.1080/15487733.2020.1765678

GRAM-HANSEN, Kirsten. Standby Consumption in Households Analyzed With a Practice Theory Approach. **Journal of Industrial Ecology**, v. 14, n. 1, p. 150-165, 2010. doi: 10.1111/j.1530-9290.2009.00194.x

GRANSKOG, Anna; LEE, Libbi; MAGNUS, Karl-Hendrik; SAWERS, Corinne. **Survey: consumer sentiment on sustainability in fashion**. New York: McKinsey & Company, 2020. Disponível em: <https://www.mckinsey.com/industries/retail/our-insights/survey-consumer-sentiment-on-sustainability-in-fashion> Acesso em: 12 jun 2021.

GREENE, Mary. Innovations in sustainable consumption: new economics, socio-technical transitions and social practices. **Irish Geography**, v. 46, n. 3, p. 263-265, 2014. doi: 10.1080/00750778.2014.906982

GRONOW, Jukka. Fads, fashion and 'real' innovations: novelties and social change. *In*: SHOVE, Elizabeth; TRENTMANN, Frank; WILK, Richard. **Time consumption and everyday life: practice, materiality and culture**. London, New York: Bloomsbury, 2013. p. 129-142.

HALKIER, Bente. Sustainable lifestyles in a new economy: a practice theoretical perspective on change behavior campaigns and sustainability. *In*: COHEN, Maurie J. (Ed.). **Innovations in Sustainable Consumption: New Economics, Socio-technical Transitions and Social Practices**. Cheltenham: Edward Elgar, 2013. p. 209-228.

HALKIER, Bente. Questioning the 'gold standard' thinking in qualitative methods from a practice theoretical perspective: towards methodological multiplicity. *In*: JONAS, Michael; LITTIG, Beate; WROBLEWSKI, Angela (Ed.). **Methodological Reflections on Practice Oriented Theories**. Cham: Springer International Publishing, 2017. p. 193-204.

HALKIER, Bente; JENSEN, Iben. Methodological challenges in using practice theory in consumption research: examples from a study on handling nutritional contestations of food consumption. **Journal of Consumer Culture**, v. 11, n. 1, p. 101-123, 2011. doi: 10.1177/1469540510391365

HALKIER, Bente; KATZ-GERRO, Tally; MARTENS, Lydia. Applying practice theory to the study of consumption: theoretical and methodological considerations. **Journal of Consumer Culture**, v. 11, n. 1, p. 3-13, 2011. doi: 10.1177/1469540510391765

HAN, Sara; HENNINGER, Claudia; APEAGYEI, Phoebe; TYLER, David. Determining effective sustainable fashion communication strategies. In: HENNINGER, Claudia; ALEVIZOU, Panayiota; GOWOREK, Helen; RYDING, Daniella. (Ed.). **Sustainability and fashion: a cradle to upcycle approach**. Cham: Palgrave Macmillan, 2017. p.127-150.

HARGREAVES, Tom. Practice-ing behaviour change: applying social practice theory to pro-environmental behaviour change. **Journal of Consumer Culture**, v. 11, n. 1, p. 79-99, 2011. doi: 10.1177/1469540510390500

HARGREAVES, Tom; HAXELTINE, Alex; LONGHURST, Noel; SEYFANG, Gill. **Sustainability transitions from the bottom-up: civil society, the multi-level perspective and practice theory**. Norwich: CSERGE Working Paper, No. 2011-01, 2011.

HARGREAVES, Tom; LONGHURST, Noel; SEYFANG, Gill. Up, down, round and round: connecting regimes and practices in innovation for sustainability. **Environment and Planning A: Economy and Space**, v. 45, p. 402-420, 2013. doi:10.1068/a45124

HEINZE, Liza. Fashion with heart: Sustainable fashion entrepreneurs, emotional labour and implications for a sustainable fashion system. **Sustainable Development**, v. 28, n. 6, p.1-10, 2020. Doi: 10.1002/sd.2104

HENNINGER, Claudia E.; ALEVIZOU, Panayiota J.; OATES, Caroline J. What is sustainable fashion? **Journal of Fashion Marketing and Management: An International Journal**, v. 20, n. 4, p. 400-416, 2016. doi: 10.1108/JFMM-07-2015-0052

HENNINGER, Claudia; SINGH, Pallavi. Ethical consumption patterns and the link to purchasing sustainable fashion. In: HENNINGER, Claudia; ALEVIZOU, Panayiota; GOWOREK, Helen; RYDING, Daniella. (Ed.). **Sustainability and fashion: a cradle to upcycle approach**. Cham: Palgrave Macmillan, 2017. p.103-126.

HENNINGER, Claudia; RYDING, Daniella; ALEVIZOU, Panayiota; GOWOREK, Helen. Introduction to sustainability in fashion. In: HENNINGER, Claudia; ALEVIZOU, Panayiota; GOWOREK, Helen; RYDING, Daniella. (Ed.). **Sustainability and fashion: a cradle to upcycle approach**. Cham: Palgrave Macmillan, 2017. p. 1-10.

HÖLSGENS, Rick; LÜBKE, Stephanie; HASSELKUB, Marco. Social innovations in the German energy transition: an attempt to use the heuristics of the multi-level perspective of transitions to analyze the diffusion process of social innovations. **Energy, Sustainability and Society**, v. 8 n. 8, p. 1-13, 2018. doi:10.1186/s13705-018-0150-7

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. Marking progress against child labour: global estimates and trends 2000-2012. GENEVA: ILO, 2013. Disponível em: http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_norm/---ipcc/documents/publication/wcms_221513.pdf. Acesso em: 8 dez. 2017.

IRAN, Samira; SCHRADER, Ulf. Collaborative fashion consumption and its environmental effects. **Journal of Fashion Marketing and Management: an International Journal**, v. 21, n. 4, p. 468-482, 2017. doi: 10.1108/jfmm-09-2016-0086

JAEGER-ERBEN, Melanie; OFFENBERGER, Ursula. A Practice Theory Approach to Sustainable Consumption. **GAIA - Ecological Perspectives for Science and Society**, v. 23, n. 3, p. 166-174, 2014. doi: 10.14512/gaia.23.S1.4

JONAS, Michael; LITTIG, Beate; WROBLEWSKI, Angela. Object, perspectives and methodology of praxeological research. *In*: JONAS, Michael; LITTIG, Beate; WROBLEWSKI, Angela (Ed.). **Methodological Reflections on Practice Oriented Theories**. Cham: Springer International Publishing, 2017. p. 251-268.

JONES, Sue. **Fashion design: manual do estilista**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

JOUNG, Hyun-Mee. Materialism and clothing post-purchase behaviors. **Journal of Consumer Marketing**, v. 30, n. 6, p. 530–537, 2013.

JOUNG, Hyun-Mee; PARK-POAPS, Haesum. Factors motivating and influencing clothing disposal behaviours. **International Journal of Consumers Studies**. v. 37, p. 105-111, 2013.

JOY, Annamma; PEÑA, Camilo. Sustainability and the fashion industry: conceptualizing nature and traceability. *In*: HENNINGER, Claudia; ALEVIZOU, Panayiota; GOWOREK, Helen; RYDING, Daniella. (Ed.). **Sustainability and fashion: a cradle to upcycle approach**. Cham: Palgrave Macmillan, 2017. p.31-54.

JUNG, Sojin; JIN, Byounggho. A theoretical investigation of slow fashion: Sustainable future of the apparel industry. **International Journal of Consumer Studies**, v. 38, n. 5, p. 510-519, 2014. doi: 10.1111/ijcs.12127

JUNG, Sojin; JIN, Byounggho. From quantity to quality: Understanding slow fashion consumers for sustainability and consumer education. **International Journal of Consumer Studies**, v. 40, n. 4, p. 410-421, 2016. doi: 10.1111/ijcs.12276

KEMP, René. Technology and the transition to environmental sustainability: the problem of technological regime shifts. **Futures**, v. 26, n. 10, p. 1023-1046, 1994.

KEMP, René; SCHOT, Johan; HOOGMA, Remco. Regime shifts to sustainability through processes of niche formation: the approach of strategic niche management. **Technology Analysis & Strategic Management**, v. 10, n. 2, p. 175-198, 1998.

KEMP, René; RIP, Arie; SCHOT, Johan. Constructing transition paths through the management of niches. *In*: GARUD, Raghu; KARNOE, Peter (Eds.). **Path dependence and creation**. Mahwah, London: Lawrence Erlbaum, 2001. p. 269-299.

KHALID, Rihab; CHRISTENSEN, Toke; GRAM-HANSSEN, Kirsten; FRIIS, Freja. Time-shifting laundry practices in a smart grid perspective: a cross-cultural analysis of Pakistani and Danish middle-class households. **Energy Efficiency**, v. 12, p. 1691-1706, 2019.

KIM, Hyunsook; CHOO, Ho; YOON, Namhee. The motivational drivers of fast fashion avoidance. **Journal of Fashion Marketing and Management: An International Journal**, v. 17, n. 2, p. 243-260, 2013. doi: 10.1108/JFMM-10-2011-0070

KING COUNTY. Post-consumer textiles: King County LinkUp research summary report. Seattle: King County, 2015. Disponível em: <https://kingcounty.gov/~media/depts/dnrp/solid-waste/linkup/documents/textiles-research-summary.ashx?la=en>. Acesso em: 7 dez. 2017.

KLEPP, Ingum; BJERCK, Mari. A methodological approach to the materiality of clothing: wardrobe studies. **International Journal of Social Research Methodology**, v. 17, n. 4, p. 373-386, 2012. doi: 10.1080/13645579.2012.737148

KÖHLER, Jonathan *et al.* An agenda for sustainability transitions research: state of the art and future directions. **Environmental Innovation and Societal Transitions**, v. 31 p. 1-32, 2019. doi: 10.1016/j.eist.2019.01.004

KOZLOWSKI, Anika. Sustainability driven innovation and fashion design. *In*: NIINIMÄKI, Kirsi. (Ed.). **Sustainable fashion: new approaches**. Helsinki: Aalto ARTS Books, 2013. p. 134-145.

KOZLOWSKI, Anika; SEARCY, Cory; BARDECKI, Michal. The redesign canvas: fashion design as a tool for sustainability. **Journal of Cleaner Production**, *in press*, 2018. doi: 10.1016/j.jclepro.2018.02.014

KUIJER, Lennke; JONG, Annelise de. A practice oriented approach to user centered sustainable design. **The Japan Society of Mechanical Engineers**, 2009.

LAI, Zhen; HENNINGER, Claudia; ALEVIZOU, Panayiota. An exploration of consumers' perceptions towards sustainable fashion – a qualitative study in the UK. *In*: HENNINGER, Claudia; ALEVIZOU, Panayiota; GOWOREK, Helen; RYDING, Daniella. (Ed.). **Sustainability and fashion: a cradle to upcycle approach**. Cham: Palgrave Macmillan, 2017. p. 81-102.

LAW, Ka Ming; ZHANG, Zhi-Ming; LEUNG, Chung-Sun. Fashion change and fashion consumption: The chaotic perspective. **Journal of Fashion Marketing and Management: An International Journal**, v. 8, n. 4, p. 362-374, 2004. doi: 10.1108/13612020410559966

LEE, Matilda. **Eco chic: o guia de moda ética para a consumidora consciente**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

LEE, Ji; HALTER, Holly; JOHNSON, Kim; JU, Haewow. Investigating fashion disposition with young consumers. **Young Consumers**, v. 14, n. 1, p. 67-78, 2013. doi: 10.1108/17473611311305494

LEHMANN, Morten; ARICI, Gizem; BOGER, Sebastian; MARTINEZ-PARDO, Catharina; KRUEGER, Felix; SCHNEIDER, Margret; CARRIÈRE-PRADAL, Baptiste; SCHOU, Dana. **Pulse of the fashion industry – 2019 update**. Copenhagen: Global Fashion Agenda. Disponível em: <<http://media-publications.bcg.com/france/Pulse-of-the-Fashion-Industry2019.pdf>>. Acesso em: 15 de jul. 2021.

LIPOVETSKY, Giles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LITTIG, Beate; LEITNER, Michaela. Combining methods in practice oriented research. In: JONAS, Michael; LITTIG, Beate; WROBLEWSKI, Angela (Ed.). **Methodological Reflections on Practice Oriented Theories**. Cham: Springer International Publishing, 2017. p. 161-176.

MARKARD, Jochen; RAVEN, Rob; TRUFFER, Bernhard. Sustainability transitions: an emerging field of research and its prospects. **Research Policy**, v. 41, n. 6, p. 955–967, 2012. doi: 10.1016/j.respol.2012.02.013

MARTINEZ-BARREIRO, Ana. Moda sostenible: más allá del prejuicio científico, un campo de investigación de prácticas sociales. **Sociedad y Economía**, n.40, p.51-68, 2020. doi: 10.25100/sye.v0i40.7934.

MCMEEKIN, Andrew; SOUTHERTON, Dale. Sustainability transitions and final consumption: practices and socio-technical systems. **Technology Analysis & Strategic Management**, v. 24, n. 4, p. 345-361, 2012. doi: 10.1080/09537325.2012.663960

MCNEILL, Lisa; MOORE, Rebecca. Sustainable fashion consumption and the fast fashion conundrum: Fashionable consumers and attitudes to sustainability in clothing choice. **International Journal of Consumer Studies**, v. 39, n. 3, p. 212-222, 2015. doi: 10.1111/ijcs.12169

MOON, Karen; YOUN, Chorong; CHANG, Jimmy.; YEUNG, Alex. Product design scenarios for energy saving: a case study of fashion apparel. **International Journal of Production Economics**, v. 146, n. 2, p. 392-401, 2013. doi: 10.1016/j.ijpe.2013.02.024

MYLAN, Josephine. Understanding the diffusion of sustainable product-service systems: insights from the sociology of consumption and practice theory. **Journal of Cleaner Production**, v. 97, p. 13-20, 2015. doi: 10.1016/j.jclepro.2014.01.065

NELSON, Richard; WINTER, Sidney. In search of useful theory of innovation. **Research Policy**, v. 6, p. 36-76, 1977.

NELSON, Richard; WINTER, Sidney. **An evolutionary theory of economic change**. Cambridge, Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 1982.

NIINIMÄKI, Kirsi. Tenents of sustainable fashion. In: NIINIMÄKI, Kirsi (Ed.). **Sustainable fashion: new approaches**. HELSINKI: AALTO ARTS BOOKS, 2013a. p. 12-31.

- NIINIMÄKI, Kirsi; HASSI, Lotta. Emerging design strategies in sustainable production and consumption of textiles and clothing. **Journal of Cleaner Production**, 2011. doi: 10.1016/j.jclepro.2011.04.020
- O’CASS, Aron. Fashion clothing consumption: antecedents and consequences of fashion clothing involvement. *European Journal of Marketing*, v. 38, n. 7, p. 869-882, 2004. doi: 10.1108/03090560410539294
- PARVEEN, Shahnaz. Rana plaza factory collapse survivors struggle one year on. Londres: British Broadcasting Corporation, 2014. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/worldasia-27107860> Acesso em: 15 de jun 2021.
- PAYNE, Alice. The Life-cycle of the Fashion Garment and the Role of Australian Mass Market Designers. **The International Journal of Environmental, Cultural, Economic, and Social Sustainability**, v. 7, n. 3, p. 237-246, 2011. doi: 10.18848/1832-2077/CGP/v07i03/54938
- PEDERSEN, Esben; ANDERSEN, Kirsti. Sustainability innovators and anchor draggers: A global expert study on sustainable fashion. **Journal of Fashion Marketing and Management: An International Journal**, v. 19, n. 3, p. 315-327, 2015. doi: 10.1108/JFMM-08-2014-0059
- PEDERSEN, Esben; GWOZDZ, Wencke. From Resistance to Opportunity-Seeking: Strategic Responses to Institutional Pressures for Corporate Social Responsibility in the Nordic Fashion Industry. **Journal of Business Ethics**, v. 119, n. 2, p. 245-264, 2014. doi: 10.1007/s10551-013-1630-5
- PEDERSEN, Esben; GWOZDZ, Wencke; HVASS, Kerli. Exploring the relationship between business model innovation, corporate sustainability, and organisational values within the fashion industry. **Journal of Business Ethics**, p.1-18, 2016. doi: 10.1007/s10551-016-3044-7
- PELIKÁNOVÁ, Radka; NEMEČKOVÁ, Tereza; MACGREGOR, Robert. CSR statements in international and czech luxury fashion industry at the onset and during the COVID-19 pandemic - slowing down the fast fashion business? **Sustainability**, v. 13, n. 7, p. 1-19, 2021. doi: 10.3390/su13073715
- PESENDORFER, Wolfgang. Design innovation and fashion cycles. **The American Economic Review**, v. 85, n. 4, p. 771-792, 1995.
- PETERSEN, Trine; RIISBERG, Vibeke. Cultivating user-ship? Developing a circular system for the acquisition and use of baby clothing. **Fashion Practice**, 9:2, p. 214-234, 2017.
- POOKULANGARA, Sanjukta; SHEPHARD, Arlesa. Slow fashion movement: understanding consumer perceptions - an exploratory study. **Journal of Retailing and Consumer Services**, v. 20, n. 2, p. 200–206, 2013. doi: 10.1016/j.jretconser.2012.12.002

PROVENZANO, Camila. **Moda, inovação e sustentabilidade**: estudo de casos múltiplos. 2014. 72 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

RECKWITZ, Andreas. Toward a theory of social practices - a development in culturalist theorizing. **European Journal of Social Theory**, v. 5, n. 2, p. 243-263, 2002. doi: 10.1177/13684310222225432

RIP, Arie; KEMP, René. Technological change. *In*: RAYNER, Steve; MALONE, Elizabeth (Eds.). **Human choice and climate change**: resources and technology. 2. v. Columbus, Ohio: Battelle Press, 1998. p. 327-399.

RØPKE, Inge. Theories of practice - New inspiration for ecological economic studies on consumption. **Ecological Economics**, v. 68, n. 10, p. 2490-2497, 2009. doi: 10.1016/j.ecolecon.2009.05.015

ROTMANS, Jan; KEMP, René; VAN ASSELT, Marjolein. More evolution than revolution: transition management in public policy. **Foresight**, v. 3, n. 1, p. 15-31, 2001. doi: 10.1108/14636680110803003

RUTTER, Charlotte; ARMSTRONG, Kate; CANO, Marta. The epiphanic sustainable fast fashion epoch: a new fashion ethical fashion mandate. *In*: HENNINGER, Claudia; ALEVIZOU, Panayiota; GOWOREK, Helen; RYDING, Daniella. (Ed.). **Sustainability and fashion**: a cradle to upcycle approach. Cham: Palgrave Macmillan, 2017. p.11-29.

RYBALOWSKI, Tatiana. Detalhes tão pequenos: a importância dos aviamentos e acabamentos na construção dos valores extrínsecos e intrínsecos do produto de moda. *In*: FEGHALI, Marta; SCHMID, Erika. **O ciclo da moda**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Rio, 2008.

SALCEDO, Elena. **Moda ética para um futuro sustentável**. Barcelona: Editora Gustavo Gil, 2014.

SANT'ANNA, Mara. **Teoria de moda**: sociedade, imagem e consumo. 2a ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

SCHATZKI, Theodore. **Social practices**: a wittgensteinian approach to human activity and the social. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

SCHATZKI, Theodore. Introduction practice theory. *In*: SCHATZKI, Theodore; CETINA, Karin; EIKE von Savigny (Org.). **The practice turn in contemporary theory**. New York: Routledge, 2001a. p. 10-23.

SCHATZKI, Theodore. Practice mind-ed orders. *In*: SCHATZKI, Theodore; CETINA, Karin; EIKE von Savigny (Org.). **The practice turn in contemporary theory**. New York: Routledge, 2001b. p. 50-63.

SCHATZKI, Theodore. Practices, governance and sustainability. *In*: STRENGERS, Yolande; MALLER, Cecily (Org.). **Social practices, intervention and sustainability**. **Beyond**

behaviour change. Routledge studies in sustainability. London; New York: Routledge, 2015.

SCHATZKI, Theodore. Spaces of practices and of large social phenomena. **EspacesTemps.net**, Works, 2015. Acesso em: 23 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.espacestemp.net/en/articles/spaces-of-practices-and-of-large-social-phenomena/>>.

SEBRAE. **Retalhos de tecidos: no lugar do desperdício, negócios sustentáveis.** 2014. Disponível em: <https://respostas.sebrae.com.br/retalhos-de-tecidos-no-lugar-do-desperdicio-negocios-sustentaveis/>. Acesso em: 7 dez. 2017.

ŞEN, Alper. The US fashion industry: A supply chain review. **International Journal of Production Economics**, v. 114, n. 2, p. 571-593, 2008. doi: 10.1016/j.ijpe.2007.05.022

SHOVE, Elizabeth. Beyond the ABC: climate change policy and theories of social change. **Environment and Planning A**, v. 42, p. 1273-1285, 2010. doi: 10.1068/a42282

SHOVE, Elizabeth. Habits and their creatures. *In*: WARDE, Allan, SOUTHERTON, Dale (Eds.). **The Habits of Consumption.** Helsinki: Open Access Book Series of the Helsinki Collegium of Advanced Studies, 2012.

SHOVE, Elizabeth; PANTZAR, Mika. Consumers, producers and practices: understanding the invention and reinvention of Nordic walking. **Journal of Consumer Culture**, v. 5, n. 1, p. 43–64, 2005. doi: 10.1177/1469540505049846

SHOVE, Elizabeth; PANTZAR, Mika; WATSON, Matt. The dynamics of social practice - everyday life and how it changes. London: Sage Publications, 2012.

SHOVE, Elizabeth; WALKER, Gordon. Governing transitions in the sustainability of everyday life. **Research Policy**, v. 39, n. 4, p. 471–476, 2010. doi: 10.1016/j.respol.2010.01.019

SIEERA, Óscar. **Cultura e innovación en el sector del textil y de la confección - transición socio-técnica, diseño y experimentación cultural.** 2021. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Programa de Doctorado en Ciencias Sociales, Universitat de València, València, 2021.

SKJOLD, Else. Biographical wardrobes - a temporal view on dress practice. **Fashion Practice**, v. 8, n. 1, p. 135-148, 2016. doi: 10.1080/17569370.2016.1147700

SOUTHERTON, Dale. Habits, routines and temporalities of consumption: from individual behaviours to the reproduction of everyday practices. **Time & Society**, v. 22, n. 3, p. 335–355, 2013 doi: 10.1177/0961463X12464228

SOUTHERTON, Dale; OLSEN, Wendy; WARDE, Alan; CHENG, Shu-Li. Practices and trajectories: a comparative analysis of reading in France, Norway, the Netherlands, the UK and the USA. **Journal of Consumer Culture**, v. 12, n. 3, p. 237–262, 2012. doi: 10.1177/1469540512456920

SOUTHERTON, Dale; WATSON, Matt. **Multi-level perspective and theories of practice: a mistaken controversy?** Mobile Lives Forum, 2015. Disponível em: <http://en.forumviesmobiles.org/arguing/2015/11/25/multilevel-perspective-and-theories-practice-mistaken-controversy-2972>. Acesso em: 4 maio 2017.

SPAARGAREN, Gert. Theories of practices: agency, technology, and culture. **Global Environmental Change**, v. 21, n. 3, p. 813–822, 2011. doi:10.1016/j.gloenvcha.2011.03.010

SPROLES, G. Fashion theory: a conceptual framework. **Advances in Consumer Research**, v. 1, p. 463-472, 1974.

STRENGERS, Yolande. Peak electricity demand and social practice theories: reframing the role of change agents in the energy sector. **Energy Policy**, v. 44, p. 226–234, 2012. doi: 10.1016/j.enpol.2012.01.046

THE TRUE COST. **Environmental impact**. 2015. Disponível em: <https://truecostmovie.com/learn-more/environmental-impact/>. Acesso em: 7 dez. 2017.

TREPTOW, Doris. **Inventando moda: planejamento de coleção**. 5. ed. São Paulo: Edição da Autora, 2013.

VINCENT, Alyssa. Breaking the cycle: How slow fashion can inspire sustainable collection development. **Art Libraries Journal**, v. 42, n. 01, p. 7-12, 2017. doi: 10.1017/alj.2016.42

VICENTE-RICHARD, Françoise. **As espirais da moda**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

VICENTINI, Cláudia. **Ferramentas e metodologia de projeto aplicados na criação de produtos para a indústria têxtil-confecção**. 2010. 157 f. Tese (Doutorado em Engenharia Mecânica) – Faculdade de Engenharia Mecânica, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

WARDE, Alan. Consumption and theories of practice. **Journal of Consumer Culture**, v. 5, n. 2, p. 131–153, 2005. doi: 10.1177/1469540505053090

WARDE, Alan. After taste: culture, consumption and theories of practice. **Journal of Consumer Culture**, v. 14, n. 3, p. 279-303, 2014. doi: 10.1177/1469540514547828

WARDE, Alan. **The practice of eating**. Cambridge: Polity Press, 2016.

WATSON, David; KIØRBOE, Nikola; PETERSEN, Sandra; LARSEN, Karen; BURCHARDI, Ida. **The nice consumer: research summary and discussion paper - toward a framework for sustainable fashion consumption in the EU**. Copenhagen, Paris: Danish Fashion Institute, BSR, 2012.

WATSON, Maegan; YAN, Ruoh-Nan. An exploratory study of the decision processes of fast versus slow fashion consumers. **Journal of Fashion Marketing and Management: An International Journal**, v. 17, n. 2, p. 141-159, 2013. doi: 10.1108/JFMM-02-2011-0045

WATSON, Matt. How theories of practice can inform transition to a decarbonised transport system. **Journal of Transport Geography**, v. 24, p. 488-496, 2012. doi: 10.1016/j.jtrangeo.2012.04.002

WEBER, Sabine. A structural impact analysis of the fashion system with regards to textile recycling. *World Review of Science, Technology and Sust. Development*, v. 15, n. 1, p. 87-113, 2019. doi: 10.1504/WRSTSD.2019.098694

WIECZOREK, Anna. Sustainability transitions in developing countries: major insights and their implications for research and policy. **Environmental Science and Policy**, v. 84, p. 204-216, 2018. doi: 10.1016/j.envsci.2017.08.008

WOODWARD, Sophie. **Why woman wear what they wear**. Oxford, New York: Berg, 2007.

ZAMANI, Bahareh; SANDIN, Gustav; PETERS, Greg. Life cycle assessment of clothing libraries: can collaborative consumption reduce the environmental impact of fast fashion? **Journal of Cleaner Production**, v. 162, p. 1368–1375, 2017. doi: 10.1016/j.jclepro.2017.06.128

ZOLFAGHARIANA, Mohammadreza; WALRAVEA, Bob; RAVEN, Rob; ROMME, George. Studying transitions: past, present, and future. **Research Policy**, v. 48, p. 1-32, 2019. doi: 10.1016/j.respol.2019.04.012

ANEXO A

Roteiro da entrevista

- Quantas peças de roupas você possui?

Partes de cima	T-shirt	Suéter	Camisa/blusa	Outros	
Partes de baixo	Short	Saia	Calça	Legging	
Jaqueta/ Casaco	Vestido	Vestido de festa	Terno	Bolsa	Lenço/cachecol

Total:

- Quantas peças de roupa os consumidores têm em seus armários?

Partes de cima	T-shirt	Suéter	Camisa/blusa	Outros	
Partes de baixo	Short	Saia	Calça	Legging	
Jaqueta/ Casaco	Vestido	Vestido de festa	Terno	Bolsa	Lenço/ cachecol

Total:

- Qual a marca da maioria de suas peças de roupa? (Max. 3 para cada categoria)

Parte de cima	
Partes de baixo	
Jaquetas e casacos	
Bolsas	
Vestidos de noite e ternos	

Tempo de uso das roupas

1. Por quanto tempo você usa suas peças de roupa? (Média em anos para cada categoria de roupas).
2. Com que frequência você usa suas peças de roupa? (Média por ano para cada categoria de roupas). Você tem uma peça de roupa favorita em cada categoria?
3. Se uma peça de roupa não é mais usada, por que você a mantém?
4. Por que algumas roupas são usadas raramente?

5. Por que algumas das roupas são separadas? Com que frequência você classifica as roupas?

6. Quais são os motivos que levam você a comprar peças de roupas novas?

Reutilização de roupas de segunda mão

7. O que você entende por roupas de segunda mão?

8. Quantas peças de roupa de segunda mão você possui?

9. Quais canais você conhece para adquirir roupas de segunda mão?

10. Qual desses canais você usaria?

11. Você já comprou roupas de um ou mais desses canais?

12. Quais tipos de roupas você compraria/nunca compraria de segunda mão? Por quê?

13. Seria embaraçoso para você usar roupas de segunda mão, se os outros reconhecessem que você comprou roupas de segunda mão? Seria embaraçoso para você usar roupas de segunda mão, se os outros não reconhecessem que você comprou roupas de segunda mão?

14. Comprar roupas de marca seria importante para você, se você comprasse roupas de segunda mão?

Reutilização de roupas através de formas inovadoras de consumo de roupas

• Alugar ou pegar emprestado em vez de comprar:

15. Você conhece alguma possibilidade de alugar ou pegar roupas emprestadas em vez de comprar? Por favor, nomeie e explique em mais detalhes.

16. Alguma vez você já pegou emprestado ou alugou roupas ou pode se imaginar fazendo isso em vez de comprar? (Por favor, nos dê algum motivo para sua resposta).

→ Se a resposta for "Não", vá para a pergunta 20

→ Se a resposta for "Sim", pule a pergunta 20

17. Quais peças de roupa você já pegou emprestado ou alugou? Por que essas peças?

18. De quem você já pegou emprestado ou alugou roupas? Por quê?

19. Quais seriam os pré-requisitos para você pegar emprestado ou alugar roupas em vez de comprá-las? Quais as vantagens e desvantagens para este tipo de consumo de roupas?

• Trocar em vez de comprar:

20. Você conhece alguma possibilidade de troca de roupas? Por favor, nomeie e explique-os em mais detalhes.

21. Alguma vez você já trocou roupas ou pode se imaginar trocando roupas com outras pessoas? Por favor, explique sua resposta em mais detalhes.
- Se a resposta for "Não", vá para a pergunta 26
 - Se a resposta for "Sim", pule a pergunta 26
22. Quais peças de roupa você já trocou? Por que essas peças?
23. Com quem você trocou roupas e por quê?
24. Quais seriam os pré-requisitos para você trocar roupas em vez de comprar roupas novas?
25. Que vantagens e desvantagens você poderia nomear para este tipo de consumo de roupa?
- Reciclar roupas:

26. Você conhece algumas possibilidades de reciclagem de roupas em vez de comprar? Por favor, nomeie e explique-os em mais detalhes.

27. Alguma vez você já comprou roupas recicladas ou você poderia imaginar comprar roupas recicladas? (Por favor, nos dê algum motivo para sua resposta)

 - Se a resposta for "Não", vá para a pergunta 32
 - Se a resposta for "Sim", pule a pergunta 32

28. Quais peças de roupas você comprou? Por que essas peças?

29. De quem você já comprou roupas recicladas? Por quê?

30. Quais seriam os pré-requisitos para você comprar roupas recicladas?

31. Que vantagens e desvantagens você poderia nomear para este tipo de consumo de roupas?

Manutenção das roupas

- Lavar as roupas

32. Você tem sua própria máquina de lavar roupas? Se não, onde você lava suas roupas?

33. Você já usou uma lavanderia comunitária?

34. Se não, por quê?

35. Quantas vezes por mês você lava roupa?

36. Você separa sua roupa suja (por exemplo, com base nas cores) para lavar?

37. Você considera os símbolos de cuidado na etiqueta das roupas (como temperatura adequada)?

38. Você mede a quantidade de sabão usado na lavagem?

39. Você usa sabões sustentáveis ou convenientes?
40. Você fica satisfeito com o resultado da lavagem de suas roupas?
41. Você já notou algum tipo de problema depois de lavar suas roupas? (Por exemplo, qualidade, perda de cor, mudança de forma, etc).
- Secar as roupas

42. Você possui sua própria secadora, usa secadoras comuns ou usa algum tipo de secadora depois de lavar suas roupas?

43. Quantas vezes por mês você usa secadoras?

44. Você usa secadores apenas para a roupa que podem ser secadas em uma secadora?

45. Você seca suas roupas com base nos símbolos de cuidado nas etiquetas das roupas?

46. Quantas peças de roupa por ano foram inutilizadas por causa da lavagem errada/descuidada?

47. Por que você usa secadora?
 - Passar as roupas

48. Quantas vezes por mês você passa suas roupas?

49. Você usa uma temperatura de ferro adequada e considera o símbolo de engomar nos rótulos das roupas?

50. Quantas peças de roupa por ano foram inutilizadas por serem passadas de modo errado?

51. Você passa todas as suas roupas?
 - Utilização de serviços de limpeza a seco de têxteis:

52. Você já usou algum serviço de lavagem a seco para lavar e passar roupas?

53. Se sim, quantas peças de roupa por ano e por quê?

54. Se não, por que não?

Reparar as roupas

55. Você já reparou suas roupas?

Se sim:

56. O que você consertou? Ou o que os outros repararam para você?

57. Você sabe reparar roupas? Você tem os materiais para o conserto de roupas?

58. Você sabe onde pode achar serviços de reparo de roupas?

Se não:

59. Por que você não repara suas roupas ou leva para que outra pessoa as conserte?

60. Sob que condição você não aceitaria reparar suas roupas? Quando você decide se repararia sua roupa ou compraria uma nova?

Características demográficas

- Idade:
- Gênero:
- Escolaridade:
- Renda familiar média por mês:
- Estado civil:
- Mora na Alemanha há quanto tempo: